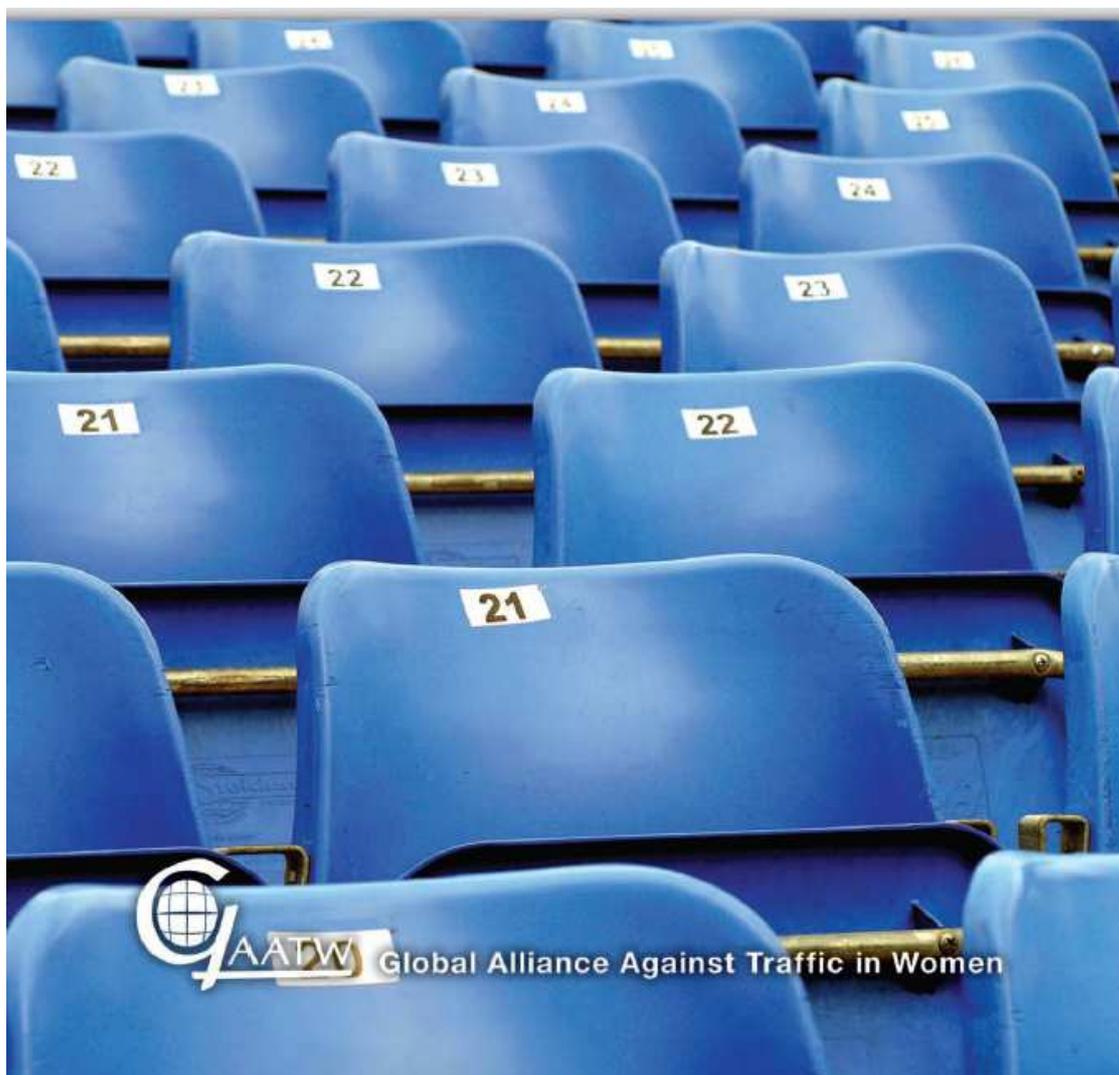


QUAL É O PREÇO DE UM BOATO?

Um guia para classificar os mitos e os fatos sobre a relação entre eventos esportivos e tráfico de pessoas



2011 Global Alliance Against Traffic in Women (GAATW)

QUAL É O PREÇO DE UM BOATO?

Um guia para classificar os mitos e os fatos sobre a relação entre eventos esportivos e tráfico de pessoas

2011

QUAL É O PREÇO DE UM BOATO?

Um guia para classificar os mitos e os fatos sobre a relação entre eventos esportivos e tráfico de pessoas

© 2011 Global Alliance Against Trafficking in Women (GAATW)

Título Original:

WHAT'S THE COST OF A RUMOUR?

A guide to sorting out the myths and the facts about sporting events and trafficking

Autora e pesquisadora: Julie Ham

Photo da capa por Jay Simmons, jay.simmons@rgbstock.com

Com o apoio financeiro da Open Society Foundations.

Tradução: Andressa Raylane Bento e Thaddeus Gregory Blanchette

Daída: Prostituição, Direitos Civis, Saúde

Revisão: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

Global Alliance Against Traffic in Women

P.O. Box 36, Bangkok Noi Post Office

Bangkok 10700 Thailand

Email: gaatw@gaatw.org

Website: www.gaatw.org

CONTEUDO

Como ler este guia?	5
Sumário executivo	7
ANALISANDO AS EVIDÊNCIAS	10
O que é o tráfico? O que não é o tráfico?	11
Qual é a ligação entre o tráfico e grandes eventos esportivos?	13
Qual é a prova dessa relação?	14
A Copa do Mundo de 2010, África do Sul	16
Os Jogos Olímpicos de 2010, Vancouver, Canadá	18
A Copa do Mundo de 2006, Berlim, Alemanha	20
Os Jogos Olímpicos de 2004, Atenas, Grécia	22
SuperBowl dos EUA: Dallas (2011), Tampa (2009), Phoenix (2008))	23
DECONSTRUINDO UM BOATO	25
Se não há evidências, porque a conexão ainda é feita?	
Toda essa atenção não significa que algo está acontecendo?	26
Será que os exageros da mídia e dos políticos ajudaram a prevenir o tráfico?	31
Mesmo se não houver qualquer evidência, o que tem de errado em divulgar esta questão? Quais são as “consequências de um boato infundado”?	33
Desperdiçando recursos necessários	34
As representações falsas das pessoas e questões envolvidas no tráfico enfraquecem os objetivos do movimento anti-tráfico	36
Penalidades criminais e violações dos direitos humanos direcionadas contra trabalhadores/as sexuais	38
“Limpar as ruas”, deslocando trabalhadores/as sexuais e outros grupos marginalizados	40
Controlando as viagens de mulheres	41
Mesmo não havendo provas, ainda é possível que o tráfico, para fins de prostituição, possa aumentar durante os grandes eventos esportivos?	43
AGIR COM EFICÁCIA	46
Existe alguma relação entre as outras formas de tráfico e os grandes eventos esportivos?	47
Qual é a melhor maneira de lidar com a questão do tráfico em torno de eventos esportivos internacionais?	50
Consulta e colaboração com os grupos afetados pelo tráfico e/ou pelas medidas de combate ao tráfico	51
Aumenta a consciência sobre direitos e opções e não o incentive ao medo ou à piedade	53
Estimular análises mais críticas em discussões públicas sobre o tráfico	57
Oferecer opções de trabalho legais e não exploradoras para os/as migrantes	58
Responder aos medos dos/as trabalhadores/as do sexo: da exploração à violência policial	58
Decriminalizar o trabalho sexual	60
Basear os esforços antitráfico em evidências e não no sensacionalismo	63
Resumindo	64
Contatos e recursos úteis	65
Agradecimentos	70



Como ler este guia?

O que é isso?

Muitas informações têm sido publicadas sobre o suposto elo entre eventos esportivos e o tráfico de pessoas, mas quanto dessa informação é verdadeira e quanto é útil? Com este guia, tentamos reunir as informações úteis sobre o tema. Para este fim, fizemos uma revisão da literatura a partir de várias fontes, incluindo organizações de combate ao tráfico, organizações em prol dos direitos de trabalhadores\as sexuais, outros tipos de organizações não-governamentais (ONGs), pesquisadores acadêmicos, a ONU, repartições governamentais, a mídia e a rede da GAATW.

Esperamos que as informações aqui elucidadas ajudem aos leitores a:

- Desenvolver respostas para o tráfico que são proporcionais e baseadas em evidências, em vez de medidas formadas com base em ideologias e/ou mitos;
- Analisar criticamente as alegações e suposições sobre a relação entre tráfico e eventos esportivos;
- Compartilhar as informações factuais sobre o tráfico e corrigir as falsas;
- Responder prontamente às medidas que estigmatizam trabalhadores\as sexuais e migrantes, incluindo as campanhas que buscam a abolição da prostituição; e
- Aprender sobre o que funcionou e o que não funcionou em cidades-sedes de mega-eventos esportivos do passado.

Pra quem é isso?

Este é um guia direcionado ao público interessado em questões relacionadas ao combate ao tráfico:

- Mídia;
- Representantes do governo;
- Público em geral;
- Autoridades locais e planejadores urbanos;
- Autoridades responsáveis por garantir a aplicação da lei;
- Sociedade civil, incluindo as organizações antitráfico e as organizações em prol dos direitos de trabalhadores\as sexuais.

Como usar este guia

Retire dele o que você precisa – Tendo em vista as diversas necessidades de diferentes públicos, tentamos fazer com que cada capítulo funcionasse como um documento independente.

Ouçã o que as diferentes 'vozes' estão dizendo - As mensagens podem repercutir de maneiras diferentes para públicos diferentes. Então trabalhamos arduamente para incluir citações variadas de modo que estas representem as diferentes 'vozes' que estudam o assunto. As citações e fontes do presente trabalho são de organizações antitráfico, organizações em prol dos direitos de trabalhadores\as sexuais, policiais, jornalistas, representantes governamentais, representantes da ONU e pesquisadores.

Nota sobre a linguagem:

I) "Trabalho sexual" e "prostituição"

A terminologia em torno do comércio de sexo costuma ser politicamente tendenciosa. As organizações que lutam em prol dos direitos de trabalhadores\as sexuais em geral se referem ao comércio do sexo como "trabalho sexual" e algumas destas têm se colocado contra o emprego do termo "prostituição". Já os grupos que se empenham para a eliminação de todas as formas de trabalho sexual fazem uso apenas do termo "prostituição" e rejeitam o termo "trabalho sexual".

Desde a sua criação, a GAATW apoiou os direitos dos\as trabalhadores\as do sexo e valorizou o papel dos grupos que lutam em prol desses direitos nos esforços antitráfico. No entanto, tanto termo "trabalho sexual" quanto "prostituição" são utilizados ao longo desse documento. Na maioria das vezes, usamos esses termos para manter a continuidade da opinião que está sendo declarada. Por exemplo, o termo "prostituição" é frequentemente utilizado quando estão sendo descritos esforços abolicionistas, enquanto o "trabalho sexual" é utilizado quando estão sendo discutidas as ideias dos grupos que militam em prol dos direitos de trabalhadores\as sexuais.

Em outras ocasiões, o termo "prostituição" é usado quando são discutidos panoramas que empregam preferencialmente "prostituição" ao invés de "trabalho sexual". Por exemplo, em muitos países, as leis se referem à "prostituição" quando, na verdade, trata-se de "trabalho sexual".

Obs: os termos utilizados nas citações nesse documento não foram alterados.

II) "Abolicionista" e "proibicionista"

Há também uma discussão sobre como identificar aqueles que desejam eliminar todas as formas de trabalho sexual. Muitos se identificam como "abolicionistas", ou seja, trabalham para abolir a prostituição. Nesse documento, esses grupos são identificados como "abolicionistas da prostituição" para diferenciá-los dos "abolicionistas" de outros movimentos como, por exemplo, do movimento para abolir a escravidão, ocorrida no período escravocrata.

Outros aliados dos direitos dos\as trabalhadores\as do sexo consideram que 'proibicionista' seja uma descrição mais apropriada para esses grupos, já que, as medidas desempenhadas pelos abolicionistas são, geralmente, baseadas na crescente criminalização do trabalho sexual. Portanto, enquanto os abolicionistas da prostituição entendem que seus esforços assemelham-se à abolição da escravidão dos\as trabalhadores\as sexuais, os aliados dos direitos dos\as trabalhadores\as sexuais, assim como outros grupos, entendem os esforços dos proibicionistas como tentativas de proibir um 'vício' social.

Sumário Executivo

O tráfico de seres humanos é uma grave violação dos direitos humanos e, portanto, exige uma resposta holística, baseada em evidências duradouras. Preocupa-nos o fato de que valiosos recursos públicos estão sendo direcionados para investigar uma articulação falsa entre eventos esportivos e o tráfico para fins de prostituição – recursos que poderiam ser empregados em outras áreas da luta antitráfico.

ANALISANDO AS EVIDÊNCIAS

- O tráfico de pessoas e o trabalho sexual não são a mesma coisa. Existem diferenças entre mulheres traficadas para fins de prostituição e trabalhadoras sexuais que migram para outros países em função do trabalho.
- As pessoas que apóiam a abolição da prostituição têm argumentado que as aglomerações de homens nas cidades-sede dos eventos esportivos resultam num aumento da demanda pelo comércio de sexo – demanda supostamente suprida pelo tráfico de mulheres. As organizações antitráfico, organizações em prol dos direitos de trabalhadores/as sexuais e outros grupos que estudam o tema, têm refutado fortemente essa alegação.
- Existe uma enorme discrepância entre as previsões sobre o tráfico que antecedem os eventos esportivos e o número real de casos de tráfico encontrados durante esses eventos. Não há evidências de que grandes eventos esportivos promovem um aumento nos casos de tráfico para fins de prostituição.

EVENTO	PREVISÕES	O QUE ACONTECEU?
Copa do Mundo 2010 (África do Sul)	40.000 trabalhadoras sexuais estrangeiras seriam importadas para o evento.	O Departamento de Justiça e Desenvolvimento Constitucional da África do Sul no encontrou um só caso de tráfico no evento.
Jogos Olímpicos, 2010 (Canadá)	Ocorreria uma "explosão" no tráfico humano.	Os dados estão sendo analisados, mas as evidências anedóticas e reportagens preliminares indicam que nenhum caso de tráfico foi identificado e os negócios diminuíram para os/as trabalhadores/as sexuais.
Copa do Mundo 2006 (Alemanha)	40.000 trabalhadoras sexuais estrangeiras seriam importadas para o evento.	5 casos de tráfico foram identificados, ligados à Copa do Mundo.
Jogos Olímpicos, 2004 (Grécia)	Aumentaria o tráfico para a prostituição.	Nenhuma instância de tráfico para a prostituição foi ligado aos Jogos Olímpicos de 2004.
Super Bowl 2008, 2009, 2011 (EUA)	10.000 - 100.000 trabalhadoras sexuais invadindo o evento ou sendo traficadas para o evento.	A polícia não notou nenhum aumento em prisões relacionadas ao trabalho sexual durante o evento.

DESCONSTRUINDO UM BOATO

Felizmente, mais grupos interessados no tema estão se conscientizando de que não há qualquer evidência de que grandes eventos esportivos aumentam o tráfico de pessoas para fins de prostituição. Em eventos esportivos anteriores, as organizações dos direitos de trabalhadores sexuais têm realizado um árduo trabalho para inserir uma abordagem baseada em evidências e direitos humanos nas discussões antitráfico.

Existem muitas razões porque um aumento no número de casos de tráfico para fins de prostituição não acontece durante os mega-eventos esportivos:

- É estatisticamente improvável;
- Eventos de curta duração não são lucrativos, nem para traficantes, nem para os/as profissionais do sexo;
- O público dos mega-eventos esportivos não é composto somente por homens; e
- Grande parte do público desses eventos pode não ter condições de pagar para os serviços sexuais.

Apesar de não haver evidências indicando um aumento do tráfico para fins de exploração sexual nesses eventos, os abolicionistas da prostituição, grupos anti-migração, políticos e alguns jornalistas continuam a propagar a idéia de que tal aumento existe. Existem algumas possíveis explicações para a longevidade dessa afirmação incorreta:

- A sua utilidade como uma estratégia para a captação de recursos;
- A sua eficácia em atrair a atenção da mídia e do público;
- O fato de ser uma maneira rápida e fácil de fazer parecer que algo está sendo feito sobre o tráfico;
- É uma maneira mais socialmente aceitável para os grupos abolicionistas e anti-migração promoverem suas agendas.

Embora as numerosas ações policiais e campanhas antitráfico não tenham confirmado as previsões de grandes números de vítimas para esses eventos, a idéia ainda pode continuar parecendo plausível, dado o seguinte cenário:

- As noções preconcebidas sobre 'vítimas inocentes';
- Os preconceitos sobre a relação entre os esportes e a masculinidade;
- As atividades dos grupos abolicionistas;
- As idéias sobre 'ameaças' estrangeiras.

As campanhas antitráfico, baseadas em alegações não confirmadas, podem resultar em 'danos colaterais' ou impactos negativos sobre os grupos que essas campanhas pretendem proteger. Alguns exemplos dessas conseqüências são:

- O desperdício dos recursos utilizados na luta antitráfico;
- A disseminação de preconceitos sobre os problemas e as pessoas envolvidos no tráfico, enfraquecendo assim a luta antitráfico;
- O aumento de sanções penais sobre os/as trabalhadores/as sexuais e a violação de seus direitos humanos;
- A expulsão de trabalhadores/as sexuais e outros grupos marginalizados, como resultado dos esforços de "limpeza urbana" antes do evento;
- As tentativas de restringir ou controlar as viagens internacionais de mulheres.

ATUAÇÃO EFETIVA

As maneiras mais produtivas de tratar a problemática em torno da relação de tráfico de pessoas e eventos esportivos internacionais podem ser:

- Abordar as outras formas de tráfico e/ou exploração que podem estar relacionadas aos eventos esportivos de grande porte, tais como a exploração do trabalho de migrantes na construção civil, de trabalhadores/as em indústrias de equipamentos e roupas esportivas e o recrutamento de atletas jovens;
- A colaboração e a consultoria com os grupos diretamente afetados pelo tráfico e/ou por medidas antitráfico, como os/as trabalhadores/as do sexo e os/as migrantes;

- Aumentar a conscientização sobre os direitos e opções das pessoas, em vez de alimentar o medo sobre o tráfico ou a piedade referente às vítimas do tráfico;
- Incentivar a análise crítica das discussões públicas sobre o tráfico;
- Oferecer opções de emprego legalizado e não-explorador aos imigrantes;
- Legalizar o trabalho sexual;
- Tratar com seriedade os medos que os/as trabalhadores/as sexuais têm referente à violência policial e à exploração por parte de membros das forças de segurança;
- Embasar os esforços antitráfico em evidências e não no sensacionalismo.



ANALIZANDO AS EVIDÊNCIAS

O que é o tráfico? O que não é o tráfico?

Conforme já foi citado, o tráfico de pessoas é uma grave violação dos direitos humanos e é definida por três elementos: 1) o movimento de pessoas, 2) havendo fraude ou coação da mesma para fins de trabalho forçado, 3) servidão ou práticas semelhantes à escravidão.¹ A partir disso, é possível afirmar que o tráfico não é a mesma coisa que o trabalho sexual. Embora algumas pessoas sejam traficadas para fins de prostituição, nem todos os/as trabalhadores/as sexuais foram traficados/as.

Os/as trabalhadores/as sexuais podem ser traficados/as. Por exemplo, as mulheres que já realizam o comércio de sexo podem planejar trabalhar no exterior e, uma vez lá, acabam numa situação na qual são incapazes de se movimentarem livremente. Da mesma maneira, as que nunca tinham trabalhado antes no comércio sexual podem estar cientes de que irão fazer isto, mas encontram condições de trabalho inaceitáveis (menos poder para escolher os clientes ou serviços, pagamentos baixos, etc.).

*Muitas mulheres que ajudamos haviam concordado em trabalhar na indústria do sexo, logo não se queixaram sobre a prática, mas sim das condições de trabalho às quais foram submetidas. É preciso também reconhecer que algumas mulheres que foram inicialmente traficadas decidiram trabalhar posteriormente na indústria do sexo.*² – Ban Ying, uma organização antitráfico com sede na Alemanha e membro da GAATW.

Exploração sexual também não é a mesma coisa que trabalho sexual. Enquanto algumas trabalhadoras sexuais podem ser sexualmente exploradas (quando um cliente se recusa a pagar, por exemplo, ou o dono de um clube exige favores sexuais), nem todas são. Ou seja, o sexo pago e consensual não é exploração sexual.

Escapar do tráfico para trabalhar de forma independente com outras trabalhadoras sexuais

*Bee (nome fictício) foi vendida por seu irmão para um amigo dele que era dono de um bordel na província de Narathiwat, Tailândia. Bee estava determinada a ajudar seu irmão e não temia trabalhar como prostituta porque conhecia seu empregador. No entanto, depois de algum tempo, ela descobriu que estava presa a ele e “endividada” porque seu irmão havia sacado seu pagamento regularmente com o proprietário do bordel. Ela conseguiu fugir e começou a trabalhar de forma independente como prostituta, junto a outras mulheres: “Algumas das meninas que não puderam suportar a pressão e a exploração, juntaram-se para trabalhar em conjunto. Alugávamos um quarto e trabalhávamos juntas, sem ter ninguém para extrair nossos lucros ou nos forçar a fazer qualquer coisa. Nós mesmas nos protegíamos e encontrávamos nossos próprios clientes, como um grupo autossuficiente. Quando algumas meninas conseguiram guardar dinheiro suficiente, deixaram o grupo para retornar às suas casas”. Cerca de um ano depois de começar ganhar dinheiro como trabalhadora sexual, Bee decidiu voltar para casa.*³ – Programa de Autocapacitação para Mulheres Migrantes (Self Empowerment Programme for Migrant Women - SEPOM), uma organização formada por migrantes na Tailândia.

O tráfico de mulheres para fins de prostituição é diferente de (a) a migração internacional por conta própria de trabalhadores/as sexuais, e (b) a ajuda de terceiros nessa migração. Ou seja, uma pessoa que ajuda outra a viajar – mesmo em prol do trabalho sexual – não é necessariamente enquadrada na definição internacional de traficante.

Apesar das diversas histórias relatando o contrário na mídia, as trabalhadoras sexuais que migram internacionalmente não são automaticamente transformadas em vítimas do tráfico. Uma pesquisa na África do Sul estabeleceu que certo número de mulheres migrantes optou por se envolver no trabalho sexual como uma solução prática para enfrentar períodos de estresse econômico intensos. Embora algumas possam estar fazendo esta escolha com relutância, elas não são vítimas do tráfico. Portanto, não devem ser tratadas como tais e assim “resgatadas” ou “repatriadas”. A idéia de que migrantes trabalhadores[as] sexuais precisam ser “resgatados[as]” e “reabilitados[as]” é mais prejudicial do que útil, pois tem como objetivo ignorar a agência e os direitos daqueles[as] que praticam o comércio do sexo.⁴ – Malise Richter e Tamlyn Monson, Forced Migration Studies Programme (Programa de Estudos da Migração Compulsória) da Universidade de Witwatersrand, África do Sul

Os membros da GAATW têm opiniões muito diferentes sobre o trabalho sexual, mas concordamos que:

- Os/as trabalhadores/as sexuais têm o direito de se organizar;
- Os/as trabalhadores/as sexuais têm o direito a condições seguras de trabalho;
- A violência contra a mulher no trabalho sexual é uma grave violação dos direitos humanos;
- O tráfico é diferente do trabalho sexual; e
- As políticas antitráfico devem considerar as preocupações e os conhecimentos dos/as trabalhadores/as sexuais.

Além de compreender a diferença entre o tráfico e o trabalho sexual, as pessoas também devem estar preparadas para questionar as estatísticas de tráfico frequentemente repetidas pela mídia. Mensurar o tráfico é notoriamente difícil e as estimativas apresentadas podem variar amplamente de acordo com as diferenças metodológicas e ideológicas. Na realidade, ainda não há uma quantidade suficiente de pesquisas que permitam medir com precisão quantas pessoas são traficadas no mundo e quantas dessas são mulheres, homens, transexuais e/ou crianças.⁵⁶ Uma limitação importante tem sido o fato de, até agora, as pesquisas terem se focalizado sobre um determinado tipo de tráfico: especificamente, o tráfico de mulheres para fins de prostituição.⁷ As consequências disso para as vítimas de outras formas de tráfico estão detalhadas na publicação da GAATW sobre a exploração do trabalho (*Working Paper on Labour Exploitation* – GAATW, 2011 (www.gaatw.org)).

Quando se trata das estatísticas, o tráfico de mulheres e meninas é um dos vários temas que mobilizam as emoções e que parecem dominar as faculdades críticas. Números ganham uma vida própria, alcançando aceitação pela repetição, muitas vezes com poucas perguntas sobre suas derivações. Os jornalistas rendem-se às pressões de seus editores e demandam números – quaisquer números. As organizações, então, se sentem compelidas a fornecê-los, dando precisões falsas, e uma autoridade espúria a muitos relatos.⁸ – Projeto de Estatísticas do Tráfico (Trafficking Statistics Project), UNESCO, Bangkok.

Ann Jordan do Centro de Direitos Humanos e Direitos Humanitários (Center for Human Rights & Humanitarian Law - EUA) sugere as seguintes estratégias para avaliar a precisão dos dados antirreferentes ao tráfico:

- Examinar as definições utilizadas. Por exemplo, como é definido o tráfico e a exploração?
- Localizar a fonte dos dados;
- Examinar a metodologia da pesquisa;
- Pensar sobre quais informações podem estar faltando; e
- Perguntar se os dados realmente sustentam as conclusões.⁹

Qual é a ligação entre o tráfico e grandes eventos esportivos?

Em algum momento da história, os megaeventos esportivos masculinizados, como o Super Bowl, começaram a ter uma reputação de serem versões móveis de Sodoma e Gomorra. Meses antes de cada evento, ouvimos os gritos de guerra, alertando a população sobre as invasões iminentes de legiões de pessoas que exercem a profissão mais antiga do mundo.¹⁰ – “SuperBowl – hipérbole e prostituição (Super Bowl hyperbole and prostitution), The Star (Toronto, Canadá).

O suposto vínculo entre os grandes eventos esportivos e o tráfico de pessoas para fins da prostituição tem sido fortemente sustentado pelos grupos que acreditam que a erradicação do trabalho sexual vai diminuir a ocorrência de tráfico (ou seja, os abolicionistas). Estes grupos têm afirmado que as aglomerações masculinas resultam no aumento da demanda por serviços sexuais pagos e que essa demanda será suprida, supostamente, pelo tráfico de mulheres.

“Toda vez que há um megaevento... o número de casos de tráfico aumenta uma vez que a demanda aumenta. Toda vez que há homens viajando para fora de seu convívio social [a um lugar] onde podem desfrutar de um grau de segurança e anonimato, tornam-se mais propensos a pagar por sexo”.¹¹ – Michelle Miller, Resistir à exploração, Embrace Dignity.

Essa equação simplista baseia-se em suposições problemáticas sobre masculinidade, as práticas da indústria do sexo, a capacidade de agência dos/as trabalhadores/as sexuais e as causas básicas que incentivam o tráfico.

Na equação oferta-demanda, o número estimado de trabalhadoras sexuais migrantes necessário para satisfazer a demanda durante a Copa do Mundo foi alterado para ser igual ao número de mulheres que poderiam ser traficadas, estabelecendo inicialmente uma ligação potencial e, subseqüentemente, uma ligação explícita entre os eventos esportivos e o aumento na demanda por sexo comercial. Por fim, a alegação de que algumas mulheres, entre as migrantes, poderiam ser traficadas (ou seja, forçadas a ingressar na indústria do sexo) ou enganadas sobre as condições de trabalho evoluiu para a afirmação de que a maioria das mulheres seria traficada, se não todas.¹² – Dr^a. Sanja Milivojevi, University of New South Wales e Dr. Sharon Pickering, Monash University, Austrália.

A histeria em torno da suposta ligação entre o tráfico de pessoas para fins de prostituição e os grandes eventos esportivos é baseada, freqüentemente, em informações errôneas, dados parciais e uma tendência ao sensacionalismo. Apesar da falta de provas, essa idéia continua a ser bastante utilizada pelos grupos abolicionistas, grupos anti-imigração e alguns políticos, estudiosos e jornalistas.

O problema é que essa visão do tráfico tem sido admitida como fato inquestionável, especialmente por políticos. Em várias ocasiões, estes têm repetido indiscriminadamente a alegação de que os megaeventos esportivos aumentam o número de casos de tráfico para fins de exploração sexual¹³, apesar de numerosos pesquisadores, especialistas antitráfico e organizações não-governamentais (ONGs) afirmarem que não há evidências de que essa relação exista.

Talvez esse fenômeno tenha sido mais visível nas discussões intergovernamentais que antecederam a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. A questão do suposto elo entre o

tráfico e os eventos esportivos surgiu pela primeira vez não porque as ONGs ou a polícia tenham detectado algum aumento no número de casos de tráfico na Alemanha, mas porque a questão apresentou ao governo sueco uma oportunidade para desafiar a política alemã sobre o trabalho sexual. O governo sueco argumentou que a política alemã de prostituição legalizada iria aumentar o risco de tráfico para a Copa do Mundo de 2006.¹⁴ Essa afirmação foi seguida por uma resolução do Parlamento Europeu, de 15 de março de 2006, que alegou, falsamente, que “os grandes eventos esportivos resultam num aumento temporário e espetacular na demanda por serviços sexuais pagos,”¹⁵ acusação reproduzida pelo Conselho da Europa:

Levando em consideração a resolução do Parlamento Europeu de 15 de março de 2006 sobre a prostituição forçada no contexto de eventos esportivos mundiais¹⁶, a Presidência enfatiza o fato de grandes eventos internacionais, incluindo eventos esportivos, terem apresentado riscos de contribuir para um aumento temporário do tráfico humano.¹⁷

Dado o elevado número de turistas, visitantes e trabalhadores(as) temporários(as) relacionados aos grandes eventos esportivos, algumas pessoas têm argumentado que poderia haver um aumento de negócios para as mulheres que trabalham no comércio do sexo. Trabalhadoras sexuais também observaram que esses eventos podem ser uma oportunidade para ganhar mais clientes. No entanto, com base em informações disponíveis (incluindo relatos anedóticos), várias trabalhadoras do sexo relatam terem sido surpreendidas e desapontadas diante da falta de clientes durante os grandes eventos esportivos. De qualquer maneira, quaisquer possíveis pequenos aumentos na demanda por serviços sexuais pagos não têm atingido os níveis extremamente elevados previstos antes desses eventos pelos grupos abolicionistas.

Não há dúvida que há prostituição durante a semana do Super Bowl e que as prostitutas migram para os grandes eventos, como convenções ou festivais, mas as descrições hiperbólicas desses movimentos parecem ser maiores que a realidade do evento.¹⁸ – “Super Bowl – hipérbole e prostituição” (Super Bowl hyperbole and prostitution), The Star (Toronto, Canadá) .

Qual é a prova dessa relação?

Apesar da maciça atenção da mídia, das medidas de aplicação da lei e dos esforços dos grupos abolicionistas não há evidências empíricas de que um aumento no tráfico para fins de prostituição acontece durante os grandes eventos esportivos. Esta ligação tem sido desmascarada por outras organizações antitráfico e pesquisadores. Também não há evidências empíricas que a demanda por sexo pago aumente dramaticamente durante os eventos esportivos internacionais.^{19,20}

Em todos os eventos descritos nessa seção (eventos que tiveram grande cobertura da mídia em relação às possibilidades de tráfico de pessoas) ou não houve casos de tráfico relacionados à prostituição, ou os casos descobertos não foram nem de longe tão numerosos quanto as previsões feitas antes do evento.

O foco nas 40.000 “prostitutas forçadas” [supostamente indo à Alemanha para a Copa] é característico de um discurso que não faz distinção exata entre os [as] trabalhadores[as] sexuais sem documentos (que trabalham sem visto e sem autorização de trabalho, mas de forma voluntária) e os que foram traficados[as].²¹ – Dr. Nivedita Prasad & Babette Rohner, Ban Ying, uma organização antitráfico (Alemanha) e membro da GAATW

Ninguém está completamente certo sobre a origem do número. Mas nos últimos anos, sempre que um lugar recebe um grande evento esportivo, logo floresce o boato de uma onda de prostitutas. E por alguma razão, o número citado é 40.000. Laura Agustin, uma socióloga que estuda e escreve um blog sobre a migração de trabalhadores[as] do sexo, chama esse de “um número fantástico”. “Ele não tem nenhum fundamento”.²²— “Desmascarando o maior mito da Copa do Mundo”, Yahoo! Esportes.



A Copa do Mundo de 2010

África do Sul

O QUE FOI PREVISTO?

Previu-se que 40.000 prostitutas locais / estrangeiras / mulheres traficadas / prostitutas forçadas seriam “importadas” para o evento

A alegação da Autoridade Central de Drogas de África do Sul (South African Central Drug Authority) de que 40 mil mulheres poderiam ser importadas para a Copa do Mundo foi repetida por várias organizações da mídia.²³

No entanto, pesquisadores, representantes do governo, grupos que lutam para os direitos dos/as trabalhadores/as sexuais e a Organização Internacional para as Migrações argumentam que os números de 40.000/100.000 divulgados pela mídia e por funcionários públicos são informações infundadas: boatos reciclados de eventos esportivos anteriores, tais como a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha.²⁴

Dr. Chandré Gould do Instituto de Estudos de Segurança da África do Sul (Institute for Security Studies, África do Sul) sugeriu que, embora o número tenha origem numa representação de uma agência oficial, foi erroneamente interpretado como uma estimativa oficial: “Eu não penso que em algum momento essa tenha sido, realmente, uma previsão séria.”²⁵ Outro artigo citou um representante do governo dizendo: “Nós rimos desse número [40.000]”, e “Não havia nenhuma evidência que poderia haver 40.000 prostitutas [indo à Copa].”²⁶

Um problema do número é óbvio, afirma Patrick Belser, um economista veterano da Organização Internacional do Trabalho, uma agência das Nações Unidas. Das centenas de milhares de pessoas que deveriam visitar a África do Sul para a Copa do Mundo, nem todos são homens e a maioria dos homens provavelmente não irão procurar pagar por sexo. Mais 40.000 profissionais do sexo, diz o Dr. Belser, “representaria um excesso de oferta.”- ‘Estimativas suspeitas de tráfico sexual na Copa do Mundo’ (Suspect estimates of sex trafficking at the World Cup), Wall Street Journal²⁷

O QUE REALMENTE ACONTECEU?

O Departamento de Justiça e Desenvolvimento Constitucional (Department of Justice and Constitutional Development) não descobriu um único caso de tráfico durante a Copa do Mundo.

Em uma reunião parlamentar, o Departamento de Justiça e Desenvolvimento Constitucional relatou que nenhum caso de tráfico foi encontrado durante a Copa do Mundo.²⁸ Este fato foi mencionado num relatório preparado pela Força Tarefa para a Educação de Apoio aos Trabalhadores Sexuais (Sex Worker Education and Advocacy Taskforce – SWEAT) e o setor das mulheres do Conselho Nacional de Aids da África do Sul (South African National AIDS Council – SANAC)²⁹, mas não foi relatado pela mídia,

apesar da atenção intensa dos meios de comunicação e dos políticos sobre o tráfico antes da Copa do Mundo de 2010.

EM GERAL, OS NEGÓCIOS CAIRAM

Tanto a compra quanto a venda de sexo é ilegal na África do Sul. Atividades relacionadas, como manter um bordel ou viver dos rendimentos do trabalho sexual, também são ilegais.³⁰

Uma pesquisa encomendada pelo Fundo de População das Nações Unidas (United Nations Population Fund - UNFPA) constatou que houve um pequeno aumento no número de trabalhadores do sexo feminino anunciado nos jornais e na internet durante a Copa do mundo. Todavia, a porcentagem de trabalhadores\as do sexo não oriundos da África do Sul decaiu em vez de aumentar durante o evento. O *número total* de clientes atendidos pelos\as profissionais do sexo não aumentou de forma significativa, embora o percentual de clientes estrangeiros tenha dobrado durante o evento. Isto sugere que uma porção dos clientes locais foi temporariamente substituída por clientes estrangeiros durante a Copa do Mundo.³¹³²

Antes da Copa, muitos[as] trabalhadores[as] do sexo expressaram a esperança de que seriam capazes de fazer mais dinheiro durante a Copa do Mundo, que as condições de trabalho poderiam melhorar, que iriam encontrar novos clientes e que alguns poderiam ser capazes de deixar a indústria do trabalho sexual. Apesar das esperanças elevadas, mais de dois terços das mulheres profissionais do sexo não tinham visto nenhuma mudança na indústria do sexo durante o período da Copa do Mundo.³³ – Marlise Richter e Dr. Wim Delva

Relatos anedotais na mídia de trabalhadores\as do sexo e empresários locais relataram que o negócio (ou a "demanda") decaiu durante a Copa do Mundo:

Não, eu não ganhei dinheiro, nada. Eu só vejo meus clientes locais regulares. Eu nunca vi estrangeiro nem nada. Eu não fiz nenhum dinheiro.³⁴ - 'Copa do Mundo evita uma inundação de profissionais do sexo', (World Cup avoids flood of sex workers) National Public Radio (EUA)

Paula de Executive Shows, que fornece dançarinas exóticas para os clubes de entretenimento adulto, disse que os negócios haviam sido terríveis. Desde que a Copa do Mundo começou, os 300 clubes em Gauteng, para os quais ela fornece meninas, têm cancelado shows. "Os homens preferem assistir o futebol. Estou contando os dias até o fim [da Copa]"³⁵ - 'Nenhum "boom" de sexo para os [as] trabalhadores [as] do sexo de Joanesburgo (No boom for Joburg's sex workers), IOL Notícias (África do Sul)

Infelizmente, toda a atenção da mídia em torno do tráfico não fez nada para reduzir as vulnerabilidades dos/as trabalhadores/as do sexo:

Boa parte da atenção da mídia foi focada na indústria do sexo na África do Sul na corrida para a Copa do Mundo, mas poucos atores conversaram com os[as] profissionais do sexo sobre suas necessidades e expectativas frente à Copa. Os contatos da polícia com os[as] trabalhadores [as] sexuais permaneceram numerosos durante o evento e incluiu a brutalidade policial sistemática, a corrupção e o assédio. O contato dos agentes de saúde com os[as] profissionais do sexo diminuiu em geral durante o período da Copa do Mundo, num momento em que a cobertura do sistema de saúde deveria ter sido expandida.³⁶ - Marlise Richter e Dr. Wim Delva

Os Jogos Olímpicos de 2010

Vancouver, Canadá

O QUE FOI PREVISTO?

Em princípio, foram a mídia, os grupos abolicionistas, os grupos religiosos e o Exército da Salvação que previram que o tráfico poderia aumentar durante os Jogos Olímpicos de Vancouver, alertando a sociedade para uma “explosão” no tráfico pessoas.³⁷ A Real Polícia Montada de Canadá (Royal Canadian Mounted Police - RCMP) estimou que cerca de 800 pessoas por ano são traficadas para o Canadá, sendo que 600 dessas seriam traficadas para o comércio sexual.³⁸

Enquanto o governo estava relativamente tranqüilo, “contentes com sua verba de 6 bilhões de dólares para a segurança nas fronteiras”, o período antes das Olimpíadas “tornou-se uma zona de batalha entre as organizações em prol dos direitos dos [as] trabalhadores[as] sexuais e os grupos abolicionistas focados na contenção da demanda masculina por sexo, que produziam cartazes sensacionalistas e gráficos além de campanhas na mídia”. Um vice oficial da polícia disse que não fazia idéia do que estava procurando, que estava “procurando por fantasmas”.³⁹ – Dr. Annalee Lepp, GAATW Canadá.

A justiça e os grupos dos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais tentaram contrapor as afirmações de que o tráfico aumentaria da seguinte forma:

- Apontando as evidências dos eventos do passado;
- Esclarecendo a diferença entre tráfico e prostituição;
- Criticando as mensagens das campanhas abolicionistas.

O inspetor da polícia de Vancouver, John de Haas, deu um discurso contra a campanha antitráfico do Exército da Salvação (A verdade não é sexy – *The Truth Isn't Sexy*) e argumentou que as informações da campanha deveriam estar fundamentadas em fatos e “não devem causar histeria”.⁴⁰

“Tem ocorrido uma confusão entre algumas das distinções entre tráfico humano, comércio sexual e vitimização... Embora possa haver um aumento da prostituição, não temos visto qualquer ligação entre o tráfico humano e a prostituição”. “Pelo que eu saiba, não tivemos qualquer pico nas investigações de tráfico de seres humanos ou contrabando de seres humanos que possamos relacionar de algum modo aos Jogos Olímpicos de 2010”.⁴¹ – Sargento Duncan Pound, Real Polícia Montada de Canadá da Columbia Britânica (RCMP), Programa de Integridade de Fronteiras (Border Integrity Program).

“Custa muito dinheiro mover pessoas. É um evento curto e por isso, seguindo a perspectiva de um traficante, não faria muito sentido trazer pessoas para o evento”.⁴² – Inspetor de polícia John de Haas, Vancouver.

Grupos abolicionistas afirmaram que qualquer esforço para capacitar trabalhadores/as sexuais em função da melhoria das condições de trabalho aumentaria o tráfico nos

Jogos Olímpicos. Em 2007, a Coligação de Experiências Comunitárias da Columbia Britânica (British Columbia Coalition on Experiential Communities - BCCEC) – propôs organizar um bordel controlado por uma cooperativa de trabalhadores/as sexuais como uma estratégia para melhorar a segurança dos/as trabalhadores/as, reduzir a violência contra aqueles/as que trabalham na rua e mitigar os efeitos da expulsão dos/as trabalhadores/as sexuais pelas medidas policiais relacionadas às Olimpíadas.⁴³ Grupos abolicionistas da prostituição e o Comitê Contra o Tráfico Humano (Committee Against Human Trafficking) lançaram uma campanha de protesto contra o prefeito de Vancouver, o qual disse que iria considerar a proposta da BCCEC.

O QUE REALMENTE ACONTECEU?

Os investigadores ainda estão examinando os dados⁴⁴, mas os relatos anedóticos sugerem que nenhum caso de tráfico foi identificado e o comércio (ou a “demanda”) para os serviços de sexo caiu.

Não é ilegal comprar ou vender sexo no Canadá, mas muitas outras atividades relacionadas à compra e venda do sexo são ilegais. Por exemplo, é ilegal ser dono/a de ou ocupar um “bordel” (ou seja, um local regularmente utilizado para o trabalho sexual), sustentar-se dos lucros do trabalho sexual, falar com um cliente em local público, ou ajudar alguém a trabalhar no comércio de sexo (por exemplo, ser segurança, recepcionista, contador, etc).⁴⁵

Um estudo envolvendo 230 profissionais do sexo constatou que, durante os Jogos Olímpicos, aumentou significativamente as instâncias da polícia parar trabalhadores/as sexuais (porém sem prendê-los/as) e houve maiores dificuldades em realizar encontros com os clientes devido a construção das instalações do evento.⁴⁶ O mesmo estudo não constatou nenhum aumento significativo no número de trabalhadores/as sexuais novos/as ou traficados/as na cidade. Outra pesquisa sobre o impacto dos Jogos Olímpicos de 2010 no tráfico e no trabalho sexual ainda está sendo finalizado.⁴⁷ No entanto, os relatos de grupos de trabalhadores/as sexuais em Vancouver confirmaram que o comércio (ou “demanda”) para sexo diminuiu.⁴⁸

“Nossos membros afirmaram que os negócios seguiam em ritmo lento”, disse Kerry Porth, o diretor executivo da Sociedade de Educação e de Aconselhamento sobre Alternativas à Prostituição (Prostitution Alternatives Counseling & Education Society – PACE), uma ONG que ofereceu treinamento gratuito para a mídia e sessões noturnas de divulgação durante os jogos. “Todavia, a coisa mais importante é que eles[elas]foram capazes de trabalhar com segurança.”[A] não ser que recebam uma denúncia, o Departamento de Polícia de Vancouver geralmente oferece aos [às] trabalhadores[as] do sexo um amplo espaço para realizar seus negócios. Durante os Jogos, a polícia honrou o compromisso de continuar essa rotina de não prender [os/as trabalhadores/as sexuais]. A cidade até doou dinheiro extra à PACE e, dessa maneira, a organização permanecia aberta durante a noite e oferecia ingressos para os eventos olímpicos aos [às] profissionais do sexo que participaram dos programas de divulgação do PACE.⁴⁹ – “Trabalhadores sexuais de Vancouver tiveram ‘duas incríveis semanas’” (Vancouver sex workers had ‘an amazing two weeks’). AOL News.

Anedoticamente, não houve nenhum aumento nos níveis de prostituição. “Na verdade houve uma redução aparente do trabalho tanto para os [as] trabalhadores[as] da rua quanto os que não trabalham na rua”, disse Shannon, afirmando que os aumentos na segurança e uma área reduzida [de prostituição], com mais áreas concedidas aos jogos, poderia ter afetado a clientela⁵⁰. – Esther Shannon, FIRST, um grupo aliado aos/as trabalhadores/as do sexo e membro da GAATW (Canadá).

A Copa do Mundo de 2006 Berlim, Alemanha

O QUE FOI PREVISTO?

40.000 prostitutas extras / estrangeiras / traficadas / exploradas seriam “importadas” para o evento

*Ninguém sabe, mas o número está fazendo carreira nacional e tem se transformado em uma figura fixa.*⁵¹ – Dr. Nivedita Prasad & Babette Rohner, Ban Ying, uma organização antitráfico (Alemanha) e membro da GAATW

A estimativa que 40.000 mulheres poderiam ser “importadas” para a Copa do Mundo de 2006 foi inicialmente reivindicada pela Associação das Cidades Alemãs (que mais tarde renunciou o número); CARE para a Europa; o Exército da Salvação; o Conselho Alemão da Mulher (ou *Deutscher Frauenrat*); e o Conselho Nórdico.⁵²⁵³⁵⁴ O Conselho Europeu estimou que 30.000 a 60.000 mulheres seriam traficadas para o evento.⁵⁵

Muitas organizações não governamentais (ONGs), especialistas e organizações policiais argumentaram posteriormente que o número era irrealista e infundado, dizendo que com a entrada de 1.000 vítimas de tráfico para fins de exploração sexual na Alemanha por ano, um aumento até 40.000 seria altamente improvável.⁵⁶⁵⁷ Todavia, a mídia e os políticos continuaram a circular as estimativas e valores dos grupos abolicionistas.

*[O] pânico moral em torno dos “escravos sexuais” e a Copa da Alemanha foi abastecido por reportagens sensacionalistas que equacionaram o tráfico com o trabalho sexual e apresentaram as mulheres traficadas como meninas inocentes e ingênuas, forçadas a entrar na indústria do sexo.*⁵⁸ – Dr. Sanja Milivojevi, Universidade de New South Wales, Austrália.

A prostituição é legalmente reconhecida como profissão na Alemanha. A Alemanha (e os Países Baixos) possui “as políticas de prostituição mais liberais da Europa Ocidental”: o trabalho sexual é reconhecido como uma profissão legal, os profissionais são reconhecidos como empregados com direito a benefícios sociais e plano de saúde.⁵⁹

Representantes do governo dos EUA e da Suécia utilizaram o “pânico moral” sobre tráfico na Copa do Mundo para desafiar as políticas alemãs sobre o trabalho sexual com os EUA pressionando o governo alemão para criminalizar tudo e qualquer tipo de trabalho sexual⁶⁰, apesar de “*não haver evidências conclusivas [que] a abordagem liberal da Alemanha tornou a prostituição mais atraente para traficantes de seres humanos*”⁶¹.

O QUE REALMENTE ACONTECEU?

*“Todos os dados, informações e declarações de especialistas que estão disponíveis até o momento indicam fortemente que não aconteceu nenhum aumento do tráfico de seres humanos durante e após a Copa do Mundo.”*⁶²
– Jana Hennig, Sarah Craggs, Frank Laczko e Fred Larsson

Existem 5 casos de tráfico que presumivelmente tiveram alguma relação direta com a Copa do Mundo de 2006⁶³

Os pesquisadores da Organização Internacional de Migrações (uma organização intergovernamental) constataram que no momento da Copa do Mundo de 2006, 33 casos de tráfico de seres humanos para fins de prostituição e/ou promoção de tráfico de seres humanos foram denunciados ao Departamento da Polícia Federal da Alemanha.⁶⁴ Dessas denúncias, apenas cinco casos eram provavelmente relacionados à Copa do Mundo de 2006. Estes envolveram 4 vítimas do sexo feminino e 1 do sexo masculino, todas com idades entre 18 e 21 anos. As vítimas vieram da Bulgária (2 mulheres), Hungria (1 homem), República Checa (1 mulher) e Alemanha (1 mulher).

A polícia também mirou nos/as trabalhadores/as do sexo agressivamente, invadindo bordéis e reforçando a supervisão destes.

*Setenta e um bordéis foram invadidos em Berlim durante a Copa do Mundo de 2006. A polícia não encontrou nenhuma evidência de tráfico, mas deportaram 10 mulheres.*⁶⁵ – Ban Ying, uma organização antitráfico (Alemanha) e membro da GAATW.

Obviamente, mesmo uma vítima do tráfico é coisa séria, merecendo atenção e cuidados. No entanto, estes números são bem menores que as estimativas que têm sido tipicamente promovidas por organizações antiprostituição. Estes resultados tiveram eco em outros grupos do universo antitráfico:

*Quatro linhas nacionais de disque denúncia foram criadas por organizações não governamentais. No Berlim, Ban Ying havia concordado em ajudar mulheres vítimas de tráfico, caso fosse chamado. A primeira linha foi inaugurada em 1º de maio. Até hoje recebemos um telefonema (!) – Contudo, mesmo este caso não foi um caso de tráfico. Nós não sabemos quantas chamadas foram direcionadas para as ONGs em outras cidades – mas se um aumento [no tráfico] tivesse acontecido, teríamos o percebido em Berlim... Além dessas linhas de disque denúncia, os negócios continuaram como sempre – não houve mais telefonemas sobre mulheres ou clientes (potencialmente) traficadas.*⁶⁶ – Ban Ying, uma organização antitráfico (Alemanha) e membro da GAATW

*Nenhum dos membros da organização La Strada recebeu informações sobre encaminhamentos de casos de tráfico explicitamente relacionados à Copa do Mundo.*⁶⁷ – La Strada Internacionais, uma rede europeia de organizações de combate ao tráfico e membro da GAATW.

*A massa de prostitutas simplesmente nunca chegou e as pessoas envolvidas na indústria do sexo ficaram altamente surpresas... Aqueles[as] que trabalham na indústria do sexo e seus serviços associados na Alemanha entenderam a coisa toda como um “exagero histórico da mídia” e as previsões de prostituição forçada prevista como “besteira”.*⁶⁸ – Samuel Loewenberg.

O Governo alemão informou ao Conselho da União Européia que, como resultado da Copa do Mundo, o número de trabalhadores/as sexuais aumentou somente na cidade de Munique⁶⁹ (de 500 para 800), mas o tráfico não tinha aumentado. Também não houve nenhum aumento significativo na “migração ilegal conectada à prática da prostituição”.⁷⁰

Os Jogos Olímpicos de 2004

Atenas, Grécia

REPORTAGENS IMPRECISAS E CONTROVÉRSIA INTERNACIONAL

As Olimpíadas de 2004 em Atenas parecem ter sido o primeiro evento no qual o tráfico foi erroneamente associado a um evento esportivo internacional.⁷¹ Nos preparativos para os Jogos, as autoridades de Atenas tentaram aplicar regulamentos municipais sobre bordéis. Os bordéis, por exemplo, eram autorizados a empregar, no máximo, três pessoas; eram proibidos de estarem localizados perto de escolas e tinham que ter uma licença para operar legalmente.^{72,73} Essas ações foram relatadas erroneamente na mídia como uma tentativa de aumentar o número de bordéis (quando, na verdade, as autoridades da cidade tentavam fechar 15 bordéis). Relatos imprecisos da mídia foram então usados por alguns ministros da Escandinávia e da Europa Oriental para acusar as autoridades de Atenas de incentivar o turismo sexual.

Em outras palavras, as 230 autorizações, emitidas aos bordéis já existentes no ano que antecedeu os Jogos Olímpicos de 2004, foram interpretadas pelos abolicionistas como uma sanção grega à grande expansão da indústria do sexo e, conseqüentemente, do tráfico sexual.⁷⁴ – “Escravidão sexual na Copa Ryder?”

KAGE, um sindicato dos/as trabalhadores/as sexuais gregos/as, acusou a cidade de incentivar a prostituição ilegal, pois a repressão dos bordéis legais poderia acabar com as possibilidades de trabalho dos/as trabalhadores/as sexuais legais (a prostituição é regulamentada na Grécia e os/as trabalhadores/as do sexo são obrigados a passar por exames de saúde e pagar o seguro social).⁷⁵

O QUE REALMENTE ACONTECEU?

Nenhum caso de tráfico para a prostituição foi ligado à Olimpíada de 2004

Alguns têm repetido o argumento enganador do Future Group de que houve um aumento de 95% do tráfico em Atenas.⁷⁶ Para ser mais preciso, foi relatado que 181 pessoas foram traficadas em 2004, ante 93 pessoas traficadas em 2003.⁷⁷ No entanto, nenhum desses casos estava ligado aos Jogos Olímpicos de 2004, segundo o Relatório Anual da Grécia sobre o Crime Organizado e a Organização Internacional para Migrações (OIM) em Atenas.⁷⁸ As ONGs também não relataram nenhum aumento no tráfico, o que sugere que o maior número de vítimas reportado foi devido ao aumento dos esforços para identificar as vítimas e a melhores métodos de detecção e reportagem.⁷⁹

Os esforços antitráfico também incluíram medidas de prevenção implementadas por ONGs dedicadas aos direitos das crianças (embora estes tenham se concentrado mais na intervenção do que em conscientização). Essas relataram que o tráfico de crianças para fins de prostituição não aumentou durante os Jogos Olímpicos e que o número de crianças de rua diminuiu durante este período.^{80,81} As avaliações da rua conduzidas pelas ONGs identificaram e repatriaram 6 crianças traficadas.⁸²

Uma trabalhadora de sexo e ativista local observou que os negócios não melhoraram durante as Olimpíadas, ao contrário das suas expectativas: “Não observamos nem um aumento pequeno na demanda”.⁸³

Super Bowl dos EUA

Dallas (2011), Tampa (2009), Phoenix (2008)

O QUE FOI PREVISTO?

10.000 a 100.000 trabalhadores/as sexuais iriam “invadir”, “inundar” ou seriam magneticamente atraídos/as ou traficados/as ao Super Bowl

A mídia dos EUA tem sido bastante interessada na ligação infundada entre o tráfico e o Super Bowl. Reivindicações hiperbólicas sobre a inundação ou invasão de 10.000 a 100.000 trabalhadores/as sexuais para o Super Bowl foram amplamente repetidas pelos meios de comunicação norte-americanos, assim como a alega o infundada do Procurador Geral do Texas, Greg Abbott, que “o Super Bowl   um dos maiores eventos de tráfico de pessoas nos Estados Unidos”.⁸⁴

Apesar da repeti o generalizada dessas afirmações problemáticas, apenas alguns jornalistas questionaram sua veracidade. Alguns poucos jornalistas comentaram que o número total de visitantes para o Super Bowl   estimado em 150.000 a 200.000 pessoas⁸⁵ e que estes números “significam que cada homem, mulher e criança segurando um bilhete para o jogo teria sua própria prostituta pessoal, desde os ocupantes do camarote vice-presidencial do FedEx ao pequeno Timmy de Green Bay, sentado no geral”.⁸⁶

O QUE REALMENTE ACONTECEU?

Nos EUA, as leis de prostitui o são específicas para cada estado. Na maioria destes, tanto a venda quanto a compra de sexo   ilegal, com uma ênfase desproporcional na puni o daquelas pessoas que vendem o sexo.⁸⁷ A confusão entre as tentativas de eliminar o trabalho sexual e o combate ao tráfico foi institucionalizada pelo governo dos EUA sob a administra o do George W. Bush.⁸⁸

Dada a quantidade de aten o que a m dia presta antes do Super Bowl às estimativas sobre o tráfico, há surpreendentemente pouca informa o publicada na média sobre o que realmente acontece ou sobre qualquer análise posterior. Seguem abaixo trechos dos dois únicos artigos que foram localizados que incluíam avalia es p s-evento do tráfico no Super Bowl:

Phoenix hospedou o grande jogo há três anos [2008]. A polícia de l  anunciou ao noticiário do Canal 8 que recebeu advertências semelhantes sobre o aumento da prostitui o e preparou-se para isso, mas nunca houve nenhuma evidência que aumentou a atividade sexual ilegal. “Acho que uma das coisas que as pessoas automaticamente assumem   que enquanto se tem pessoas influentes na cidade, pessoas que possuem quantias significativas de dinheiro, vai ter um monte de prostitui o por essa razão”, disse o porta-voz da polícia de Phoenix, Sgt. Tommy Thompson. “Não notamos nenhum aumento ou qualquer coisa fora do comum”. Tampa sediou o Super Bowl em 2009. Um porta-voz da polícia local disse que foram realizadas 11 deten es de prostitutas durante a semana que antecedeu ao

evento. No ano de 2010, a polícia de Miami informou ao Canal 8 que prendeu 14 prostitutas. As especialistas afirmam que esses números não são incomuns para as grandes cidades durante um período de sete dias.⁸⁹ – “Previsão para prostituição no SuperBowl não tem evidências”, WFAA.

“Podemos ter tido algumas delegacias procurando as prostitutas a todo vapor, mas essas estavam apreendendo as mesmas prostitutas de rua de sempre”. “Eles não notaram qualquer tipo de aumento no número de detenções de prostitutas anteriormente ao Super Bowl”.⁹⁰ – Sargento Tommy Thompson, Phoenix - Arizona (SuperBowl de 2008).



DECONSTRUINDO UM BOATO

Se não há evidências, porque a conexão ainda é feita?

Toda essa atenção não significa que *algo* está acontecendo?

Apesar da falta de provas, é impressionante ver o quanto esse assunto continua sendo interessante para a mídia, para os políticos e para os grupos abolicionistas da prostituição. A resistência da afirmação é, em parte, devido a sua utilidade como:

- Estratégia de captação de recursos;
- Uma maneira de atrair a atenção da mídia ou do público;
- Uma maneira rápida e fácil de “fazer alguma coisa” sobre o tráfico; e
- Uma justificativa para medidas de controle social (por exemplo, medidas antimigração ou operações contra os/as trabalhadores/as do sexo) e o cultivo do “pânico moral”.⁹¹

*Os meios de comunicação repetiram um boato e, infelizmente, algumas ONGs estão usando-o para publicidade.*⁹² – Ban Ying (Alemanha), membro de uma organização antitráfico e membro da GAATW.

*Nós, da mídia, somos igualmente culpados, é claro. Respeitosamente retransmitimos a fraude através de nossa marca registrada e patenteada de estenografia inquestionável, raramente se preocupando em verificar se as informações são remotamente plausíveis. E por esta razão, não há como voltar atrás. A fraude há de ser acolhida. Instituições de caridade têm levantado dinheiro para ajudar as inocentes. Os políticos têm babado e forças-tarefas foram nomeadas. Editores e diretores de jornais têm autorizado a produção de séries investigativas em cinco partes. Ninguém quer aparecer idiota.*⁹³ – “O mito das prostitutas no Super Bowl: 100.000 prostitutas não aparecerão em Dallas”, Dallas Observer (EUA).

Internacionalmente, o tráfico de seres humanos é uma questão muito visível e os governos nacionais são freqüentemente chamados para aumentar seus esforços no combate a ele. Ao mesmo tempo, alguns governos têm sido criticados por não fazerem o suficiente para resolver as causas profundas do tráfico, como a pobreza.

Grandes eventos esportivos podem proporcionar uma oportunidade para que os governos afirmem visivelmente seus compromissos na luta contra o tráfico, enquanto deixam questões mais politicamente carregadas intocadas (como a ligação entre as políticas migratórias restritivas e o tráfico de seres humanos⁹⁴).

O suposto elo entre os eventos esportivos e tráfico para fins de prostituição ganhou a atenção internacional pela primeira vez no âmbito da preparação para as Olimpíadas de 2004. Essa atenção não veio das organizações que trabalham diretamente com pessoas traficadas, mas sim dos governos do norte da Europa, que criticaram as políticas do governo grego sobre a regulamentação da prostituição.⁹⁵

Mas por que essa idéia é tão atraente? Mesmo se a aplicação de numerosas leis e campanhas antitráfico não detectar a maciça “enchente” prevista, por que é que a idéia de dezenas de milhares de pessoas traficadas para sexo no contexto de megaeventos esportivos ainda soa como algo plausível? Da mesma maneira que outros “pânicos morais” infundados (como, por exemplo, o da “escravidão branca”), este pode dever sua popularidade à combinação de idéias sobre a sexualidade das mulheres, ameaças estrangeiras ou raciais, “autores do mal” e “vítimas adequadas”.⁹⁶

*Este pânico adverte, profundamente, a um medo da elite dos deslocamentos imprevisíveis através de fronteiras, dos comportamentos da classe operária masculina e das mulheres do Terceiro Mundo sendo facilmente levadas à escravidão sexual.*⁹⁷ – “Pare com esse comércio ilícito de histórias merda”, Spiked.

“Vítimas melhores”

Para alguns, o argumento simplista de causa e efeito é um ajuste mais fácil (para alguns meios de comunicação e políticos, por exemplo) que as complexidades e ambigüidades realmente envolvidas no tráfico. Em outras palavras, a história oferece ao público uma maneira fácil de “sentir-se bem sobre o sentir-se mal”.⁹⁸ Membros do GAATW e outros profissionais antitráfico têm comentado sobre como é útil a identificação da impotência da mulher vítima de tráfico na geração de interesse público e na captação de recursos, às vezes em detrimento a outras questões.⁹⁹ Em comparação, estimular uma discussão mais cuidadosa sobre os direitos de migrantes e estratégias de sobrevivência pode resultar em reações xenofóbicas ou racistas e menos interesse do público, mídia e dos doadores.

Então, como é que esses mitos começaram? Através das boas intenções, é claro. Mas é difícil estimular interesse na mais antiga profissão do mundo. Sendo assim, se agarram em novas histórias das notícias ocasionais ou de algum especial do CNN. Obviamente, o espectáculo de crianças em perigo vende. “Meninas menores de idade são vítimas melhores, melhores crianças-propagandas”, diz Maggie McNeill [The Honest Courtesan], uma bibliotecária formada com mestrado da LSU. “Tenho 44 (anos). Que tipo de vítima seria eu?”¹⁰⁰ – “O mito das prostitutas no Super Bowl: 100.000 prostitutas não aparecerão em Dallas”, Dallas Observer (EUA).

“Esta é uma questão que, como eu havia sugerido, apela para as emoções das pessoas – elas temem o que está acontecendo, obviamente não é uma coisa boa; e eu acho que a situação apela para a mentalidade de salvador de muitos países ocidentais e de muitos dos ocidentais em termos de suas tentativas de consertarem os problemas do terceiro mundo”.¹⁰¹ – Dr. Loren Landau, da Universidade do Witwatersrand (África do Sul).

Pré-suposições sobre esportes e masculinidade

A publicidade exagerada em torno dos eventos esportivos e do tráfico para fins de prostituição depende das noções heteronormativas ou heterossexistas sobre masculinidade e feminilidade. As multidões imaginadas de clientes de prostitutas são predominantemente multidões masculinas, demandando o comércio de sexo. As mulheres são vistas tão-somente como alvos para a “demanda” masculina.

“Há um grande volume de pessoas que está chegando e esse é composto de homens. Estão longe de casa, o álcool está fluindo e eles querem sexo”¹⁰² – Christine MacMillan, Exército da Salvação.

No entanto, os relatórios constataram que muitos dos visitantes e espectadores das Copas do Mundo de 2006 (Alemanha) e de 2010 (África do Sul) eram famílias, mulheres, casais e grupos mistos.¹⁰³ Na África do Sul, o medo do tráfico proviam, parcialmente, da idéia de que “os fãs desordeiros do sexo masculino” seriam os únicos visitantes dispostos a ir para um país com altos índices de criminalidade. Aconteceu que essa presunção era falsa.¹⁰⁴

Duas publicações da África do Sul desafiaram a idéia de que as profissionais do sexo seriam as únicas mulheres presentes na Copa do Mundo. A revista *Agenda*¹⁰⁵ e o *Gender Media Diversity Journal*¹⁰⁶ produziram edições que exploraram algumas das outras questões de gênero relacionadas à Copa do Mundo, como os problemas que afetaram as mulheres que trabalhavam nas construções, as empreendedoras (as vendedoras de rua, por exemplo), as espectadoras, atletas e as outras mulheres envolvidas em esportes (árbitras, por exemplo).

“[As] únicas conversas sobre gênero que ouvi no ano de 2010 foram sobre o trabalho sexual. Não tenho certeza se o Departamento de Turismo tem pensado sobre a relação entre as companhias de hospitalidade lideradas por mulheres e as diversas atividades de turismo planejadas para 2010”¹⁰⁷ – Dra. Elaine Salo, Institute de Gênero da Universidade de Pretória, África do Sul.

A resposta para as mulheres na Copa do Mundo de 2006 diz tudo... Até mesmo a preocupação da mídia com a prostituição forçada contribuiu para a criação da maior fantasia engendrada pela Copa do Mundo. A ligação entre o futebol, sexo e os homens é levada tão a sério que parece que ninguém questionou suas presunções. Por outro lado, as mulheres enquanto fãs – tanto nos jogos quanto a distância – não foram consideradas durante essa “Copa do Mundo masculina”, apesar delas constituírem de 40 a 50 por cento dos fãs.¹⁰⁸ – Margot Rubin.

Pauta dos abolicionistas: a prostituição

Os grupos que têm argumentado mais arduamente em favor da existência de uma relação entre os esportes e o tráfico são tipicamente os que têm militado pelo fim do trabalho sexual. Argumentam que o aumento no trabalho sexual resultará fatalmente no aumento do tráfico e que o trabalho sexual deveria ser erradicado porque o tráfico pode acontecer no comércio do sexo.¹⁰⁹ Esses grupos também fundamentalmente entendem os clientes do sexo masculino como a causa principal do comércio de sexo.¹¹⁰

Os membros do público canadense e aqueles que visitarão o Canadá durante os Jogos Olímpicos de 2010 precisam ser advertidos sobre as leis contra a exploração sexual e ao tráfico de seres humanos. Isso é particularmente necessário porque alguns desses visitantes virão de países onde a prostituição é legal e é fundamental que saibam que não será permitido o aumento da demanda por atividades de exploração sexual.¹¹¹ – O Grupo do Futuro, abolicionista da prostituição/organização antitráfico (Canadá).

Esse argumento tem sido criticado por organizações antitráfico (incluindo GAATW), pois confunde o tráfico com a prostituição e aumenta a confusão nos esforços para genuinamente resolver o problema do tráfico (em vários setores). Acabando com um setor porque pode incluir a mão-de-obra traficada não é uma estratégia apoiada por muitas pessoas que lutam contra o tráfico. Por exemplo, embora a violência doméstica tenha sido identificada como um problema sério nos casamentos, poucos argumentariam publicamente que a instituição do casamento deveria ser abolida para erradicar a violência doméstica. Da mesma forma, a violação dos direitos humanos contra aqueles

que trabalham no setor da agricultura tem sido documentada em diversos países. Ainda assim, nenhuma organização está pedindo a abolição do trabalho agrícola, mas sim por maior proteção dos direitos dos trabalhadores e pela aplicação das normas trabalhistas. Organizações que lutam pelos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais e os aliados destas (incluindo o GAATW) também têm protestado contra as abordagens abolicionistas em relação ao trabalho sexual. Argumentam que esses esforços terminam frequentemente na criminalização e estigmatização dos/as trabalhadores/as sexuais ou acabam ameaçando a saúde, segurança e renda destes/as. Por outro lado, as organizações que lutam para os direitos dos/as trabalhadores/as do sexo e os aliados dessas argumentam que a descriminalização desta forma de trabalho pode aumentar o poder dos/as trabalhadores/as sobre suas condições de trabalho, promover a cooperação com a polícia e permitir que os/as trabalhadores/as do sexo contribuam com os esforços antitráfico (ver também “Decriminalizando o trabalho sexual”, abaixo).

O movimento abolicionista afirma que não vitimiza as mulheres. Em vez disto, estigmatiza os homens que buscam serviços sexuais.¹¹² No entanto, as organizações que lutam pelos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais têm protestado contra os esforços para criminalizar os clientes, argumentando que estes põem em risco a segurança e a renda dos/as trabalhadores/as do sexo.

Conforme foi declarado, os medos sobre o número de mulheres e meninas que poderiam ser traficadas na Copa do Mundo da Alemanha para fins de exploração sexual também apresentavam uma oportunidade palpável para pressionar contra a legalização da prostituição na Alemanha.¹¹³ – Jana Hennig, Sarah Craggs, Frank Laczko e Fred Larsson.

Uma das principais divisões entre o movimento abolicionista da prostituição e o movimento pelos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais é que o primeiro não admite que mulheres podem escolher engajar no trabalho sexual. Se optarem, os abolicionistas ou argumentam que a escolha não é uma “escolha real” ou que esse consentimento não precisa ser respeitado.¹¹⁴ As organizações que lutam pelos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais argumentam que ignorar a escolha dessas mulheres é uma violação de seus direitos humanos e perpetua a desigualdade de gênero.¹¹⁵

“Um dos princípios feministas mais arduamente defendido é que ‘não significa não’. Ironicamente, de acordo com algumas feministas, para as profissionais do sexo, o sim não significa sim. Até o dia em que nosso consentimento é tratado com o mesmo respeito que o de qualquer outra mulher, a violência contra profissionais do sexo não acabará”. – União Internacional de Trabalhadores do Sexo.

Na preparação para a Copa do Mundo de 2006 (Alemanha), o governo dos EUA usou o temor do tráfico para promover sua postura abolicionista e criticar a política alemã de legalização da prostituição.

[S]endo que os jogos serão realizados na Alemanha, país que legalizou o proxenetismo e a prostituição em 2001, os fãs da Copa do Mundo seriam legalmente livres para estuprar mulheres em bordéis... Das aproximadamente 400.000 prostitutas na Alemanha, estima-se que 75% das que são abusadas nessas casas de prostituição são estrangeiras, muitas oriundas da Europa Central e Oriental.¹¹⁶ – Christopher H. Smith, Câmara dos Representantes dos EUA da Subcomissão da África, Direitos Humanos Globais e Operações Internacionais, 2006.

O argumento que o tráfico de seres humanos e a prostituição estão inexoravelmente relacionados é em parte devido as decisões políticas feitas pelos Estados Unidos. Embora muitos diálogos internacionais em torno da prostituição e do tráfico afirmam que eles estão muitas vezes ligados, a extensão desta ligação é debatida.¹¹⁷ – Governo da Nova Zelândia, Ministério da Justiça.

“Ameaças Estrangeiras”

As discussões sobre a suposta relação entre o tráfico e eventos esportivos internacionais também têm incluído sentimentos suspeitos sobre aqueles que entram no país. Em artigos sobre a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, os jornalistas faziam referências repetidas às “fronteiras porosas” do país como um fator que poderia aumentar o risco de tráfico.¹¹⁸¹¹⁹ O Future Group argumentou que a entrada legal de pessoas no país poderia resultar na entrada de vítimas do tráfico disfarçadas como turistas legais ou visitantes.¹²⁰¹²¹

*Coordenadores devem proteger os cidadãos do país anfitrião, atletas estrangeiros e turistas de todo o mundo... devem evitar que as atividades clandestinas prosperem na presença de grandes grupos estrangeiros.*¹²² – Samantha McRoskey

*Eu apoio o aumento dos esforços para detectar e resgatar vítimas do tráfico, anunciado pelo Governo, permitindo que as autoridades da fronteira realizem entrevistas separadas, em todos os aeroportos, com mulheres e crianças que estejam viajando com um adulto que não seja um dos pais, um guardião, ou um cônjuge.*¹²³ – Lord Sheikh (Reino Unido), Lordes Debatem sobre o tráfico humano, 14 Outubro 2010.

Ao contrário aos temores relatados acima, restringir os requerimentos de viagem pode aumentar o risco de tráfico.¹²⁴

Quando as pessoas são capazes de viajar livremente, por conta própria (sendo permitidas a pedir vistos de viagem, por exemplo), é menos provável que necessitem dos serviços de traficantes e contrabandistas para entrar em outro país.

*Anos de implementação de abordagens restritivas para as políticas de migração e imigração nos EUA não resultaram na diminuição da migração, mas deixaram os migrantes mais vulneráveis a formas irregulares de migração, incluindo o contrabando e o tráfico para trabalho e outras formas de exploração.*¹²⁵ – Trecho da declaração conjunta de GAATW e La Strada Internacional.

*Estes preconceitos são sustentados por estereótipos baseados em raça e classe e referentes às mulheres, como foi evidenciado pelo artigo publicado pelo South African Serious and Violent Crimes Unit num livro sobre o Tráfico de Pessoas. A Unidade alegou que sabia do aumento do tráfico na África do Sul porque “a polícia das fronteiras notificou que estrangeiros suspeitos estavam entrando no país acompanhados por jovens mulheres asiáticas” (Comissão Sul Africana de Reforma da Lei (CSARL), 2004). Esse tipo de comentário xenofóbico impulsionou o CSARL a sugerir que certos países fossem designados como países de origem ou de destino do tráfico de seres humanos e que os cidadãos desses países seriam submetidos a procedimentos rigorosos nos postos de fronteira da África do Sul. Claramente, isso seria uma transgressão dos direitos humanos.*¹²⁶ – Anna Weekes, Força Tarefa de Educação e Advocacia dos Trabalhadores Sexuais (Sex Worker Education and Advocacy Taskforce – SWEAT), África do Sul.

Será que os exageros da mídia e dos políticos ajudaram a prevenir o tráfico?

Algumas organizações abolicionistas e seus apoiadores na mídia têm argumentado que a ausência de algum aumento no tráfico durante os grandes eventos esportivos comprova que o exagero dos políticos e dos meios de comunicação ajudou a evitar a ocorrência do tráfico.¹²⁷

Alguns têm repetido, por exemplo, um argumento desonesto criado pelo Future Group que afirma que houve um aumento de 95% no tráfico em Atenas porque os esforços para a prevenção deste não foram tão extensos como as medidas tomadas durante a Copa do Mundo de 2006 em Berlin.¹²⁸¹²⁹ Para ser mais preciso, foi notificada que 181 pessoas foram traficadas na Grécia durante todo o ano de 2004, o que significa um aumento de 93 vítimas por cima dos números de 2003.¹³⁰ No entanto, nenhum dos casos relatados em 2004 estava relacionado aos Jogos Olímpicos, segundo o Relatório Anual da Grécia sobre o Crime Organizado e a Organização Internacional de Migrações (OIM) em Athens.¹³¹ Além disso, o Ministério Grego de Negócios Estrangeiros financiou a assistência jurídica gratuita para vítimas de tráfico, a formação de juizes e magistrados do Ministério Público, uma linha de disque denuncia nacional, uma campanha de informação sobre prevenção de doenças, um aumento nos esforços de fiscalização, a criação de três abrigos do governo e a doação de 3 milhões de euros para organizações não-governamentais (ONGs) que prestarem serviços de assistência.¹³²¹³³

Pode existir uma série de razões que justifiquem o fato do tráfico não ter ocorrido em torno dos grandes eventos esportivos, dos negócios desacelerarem para as profissionais do sexo e para os traficantes não estarem interessados em eventos esportivos de grande porte (ver página 43). É importante também lembrar que o interesse original da mídia nesta questão (ao redor da Olimpíada de 2004 em Atenas) foi devido a governos que criticam as políticas de regulamentação da prostituição da Grécia, e não por causa de qualquer aumento no tráfico observado por ONGs ou ou grupos que providenciam serviços.¹³⁴

*[N]ão há qualquer evidência conclusiva indicando que um aumento no tráfico teria ocorrido sem essas campanhas.*¹³⁵ – Victoria Hayes.

É também difícil acreditar que os exageros da mídia previniram o tráfico quando olhamos mais atentamente ao conteúdo das várias campanhas realizadas pelos grupos abolicionistas. Por exemplo, as campanhas veiculadas por estes grupos no período próximo aos Jogos Olímpicos de Vancouver em 2010 confundiam o tráfico com o trabalho sexual e contaram com o uso de imagens extremamente negativas sobre mulheres.¹³⁶ Na África do Sul, Dr. Chandré Gould observou que muitas das campanhas antitráfico em torno da Copa do Mundo de 2010 “*exibem as características daquilo que pode ser descrito como um ‘pânico moral’.*”¹³⁷

Em contraste, várias campanhas de combate ao tráfico antes da Copa do Mundo de 2006 em Berlin declararam explicitamente que não eram campanhas contra a prostituição em si (a prostituição é legal na Alemanha) e sim campanhas contra o tráfico no contexto da prostituição.¹³⁸ Duas campanhas – “Pare a prostituição forçada” e “Ação contra a prostituição forçada” – focalizaram na mensagem que os clientes dos profissionais do sexo poderiam agir de forma responsável e contribuir com os esforços para o combate ao tráfico.¹³⁹ Embora estas campanhas possam não ter impactado na

incidência real de tráfico, poderiam ter contribuído ajudar o público (especialmente os clientes) a identificar o tráfico com maior precisão.

Uma campanha de informação, “*Apito Final – Pare a prostituição forçada*” declarou explicitamente que os direitos, as condições de trabalho e o respeito aos/às trabalhadores/as sexuais devem ser reforçados para que se possa abordar o tráfico na prostituição.

Os direitos das prostitutas devem ser ampliados para melhorar suas condições de trabalho, para garantir que os serviços prestados são voluntários e independentes e para combater a estigma social. Temos que ter certeza que os direitos humanos das prostitutas são mantidos e que elas são tratadas com respeito por toda a sociedade e por seus clientes. No entanto, o tratamento respeitoso para prostitutas deve ser combinado a medidas firmes contra à prostituição forçada.¹⁴⁰

Tudo isso não significa negar a importância das campanhas de sensibilização e outras medidas preventivas. Queremos que as campanhas de combate ao tráfico sejam bem sucedidas e que tenham um impacto verdadeiro na redução do tráfico. No entanto, é fundamental que sejamos honestos sobre nossas estratégias, considerando a enorme quantia de recursos que é canalizado para os esforços antitráfico. É muito fácil construir um problema (quando não há evidências), buscar grandes quantidades de recursos para “atacar” o problema e depois alegar um sucesso quando nada aconteceu. A justificação do uso intensivo de recursos em campanhas baseadas em alegações infundadas torna-se mais preocupante quando esses recursos são verdadeiramente necessários para enfrentar o tráfico em outros lugares e setores.

Mesmo se não houver qualquer evidência, o que tem de errado em divulgar esta questão? Quais são as “consequências de um boato infundado”?¹⁴¹

É fundamental que qualquer atividade antitráfico seja baseada nas evidências e nas preocupações dos grupos diretamente afetados.

O tráfico é uma grave violação dos direitos humanos que deve ser combatida usando medidas efetivas. No entanto, a publicação de GAATW, *Dano Colateral: O Impacto das Medidas Anti-Tráfico nos Direitos Humanos no Mundo* (2007) descobriu que esforços antitráfico não reflexivos e desinformados podem, muitas vezes, resultar em violações dos direitos humanos contra os grupos que se deveriam ser protegidos.¹⁴² Nos oito países analisados pelo estudo, foi negada a assistência às mulheres traficadas a menos que essas concordassem em cooperar com os policiais. Mulheres eram trancadas em abrigos ou centros de detenção, em nome de sua “proteção”. Pessoas traficadas foram deportadas aos seus países de origem sem considerar os riscos que elas incorreriam. Os homens que haviam sido traficados receberam pouca ajuda.

O combate ao tráfico pode ser facilmente utilizado como uma cobertura mais socialmente aceitável para a retórica dos grupos abolicionistas, anti-imigração e antidireitos da mulher. A retórica antitráfico que tem sido usada mais frequentemente em torno dos eventos esportivos internacionais tem focalizado, em muitas instâncias, na criminalização dos grupos mais afetados pelo tráfico (justificando a repressão contra os/as trabalhadores/as do sexo, por exemplo) e em sua vitimização (representando as mulheres migrantes como vítimas indefesas, por exemplo).

O Grupo de Peritos gostaria de destacar que todas as atividades relacionadas a este [Copa do Mundo de 2006] ou outros eventos semelhantes não devem ser mal interpretadas ou instrumentalizadas para discriminar as prostitutas, marginalizá-las ou estigmatizá-las ainda mais, aumentando assim sua vulnerabilidade ao tráfico e outras formas de violência e abuso.¹⁴³ – Grupo de Peritos sobre o Tráfico de Seres Humanos do Conselho Europeu.

Estou preocupada com a possibilidade de que a Copa do Mundo é mais um exemplo da associação punitiva da proteção das fronteiras com a criminalização das mulheres, e a eliminação dos direitos humanos das mulheres, sob a cobertura de proteção da mulher.¹⁴⁴ –Dr. Sanja Milivojevi, Universidade de Nova Gales do Sul (Austrália).

DESPERDIÇANDO RECURSOS NECESSÁRIOS

Os recursos (instituições de caridade, forças-tarefa, atenção da mídia) dedicados a um problema sensacionalista são desviados de outras prioridades e problemas que afetam as vítimas de tráfico, profissionais do sexo, os migrantes e mulheres.¹⁴⁵¹⁴⁶¹⁴⁷¹⁴⁸

Algumas organizações antitráfico têm afirmado que o grosso dos recursos para o combate ao tráfico em torno dos grandes eventos esportivos foi destinado a campanhas de mídia de alta visibilidade (muitas vezes enganosas), em vez de sendo direcionado a providenciar serviços para as vítimas do tráfico:

[U]ma grande quantia de dinheiro está sendo despendida em campanhas nacionais desarticuladas que buscam atingir tanto as mulheres afetadas, bem como os clientes das profissionais do sexo. Enquanto essa agitação continua (o que garante o interesse da grande mídia nas grandes associações antitráfico), a questão de onde e para quem todas essas mulheres traficadas poderiam recorrer foi negligenciada... Isso cria a suspeita de que o objetivo [dessas organizações] é, principalmente, aumentar sua própria reputação usando a questão do tráfico de seres humanos.¹⁴⁹ – Dr. Nivedita Prasad & Babette Rohner, Ban Ying, um organização antitráfico e Membro da GAATW

Outra ONG relatou o caso de duas vítimas africanas de TSH [tráfico de seres humanos], que falavam um dialecto africano raro e o único intérprete local solicitou uma taxa acima do normal para lidar com elas. A ONG não havia sido habilitada para receber das autoridades responsáveis os 400 euros necessários para que o tradutor pudesse acompanhar as mulheres aos primeiros atendimentos médicos e reuniões com as autoridades sociais.¹⁵⁰ – Jana Hennig, Sarah Craggs, Frank Laczko e Fred Larsson

Há também uma preocupação com o fato de que o fornecimento de recursos para combater um problema infundado pode resultar no financiamento de organizações que não são adequadamente informadas para prestar serviços de combate ao tráfico e que poderiam prejudicar as pessoas que forem encaminhados a estas.

O foco na suposta relação entre os grandes eventos esportivos e o tráfico de seres humanos para fins de prostituição também resulta em “pontos cegos”, distraindo a atenção do público de questões mais urgentes e de longo prazo, tais como:

- **Outras formas de tráfico:**

A ênfase no tráfico para exploração sexual desvia a atenção dos aspectos menos sensacionalistas do fenômeno, como a exploração do trabalho, de imigrantes ilegais e de trabalhadores vulneráveis de setores da economia que, em grande parte, não são regulamentados ou monitorados como o trabalho doméstico, agrícola e no setor de construção.¹⁵¹ – Marlise Richter e Tamlyn Monson, Programa de Estudos da Migração Forçada, Universidade de Witwatersrand, África do Sul.

- **Violência contra as mulheres e os migrantes, incluindo os/as trabalhadores/as do sexo:**

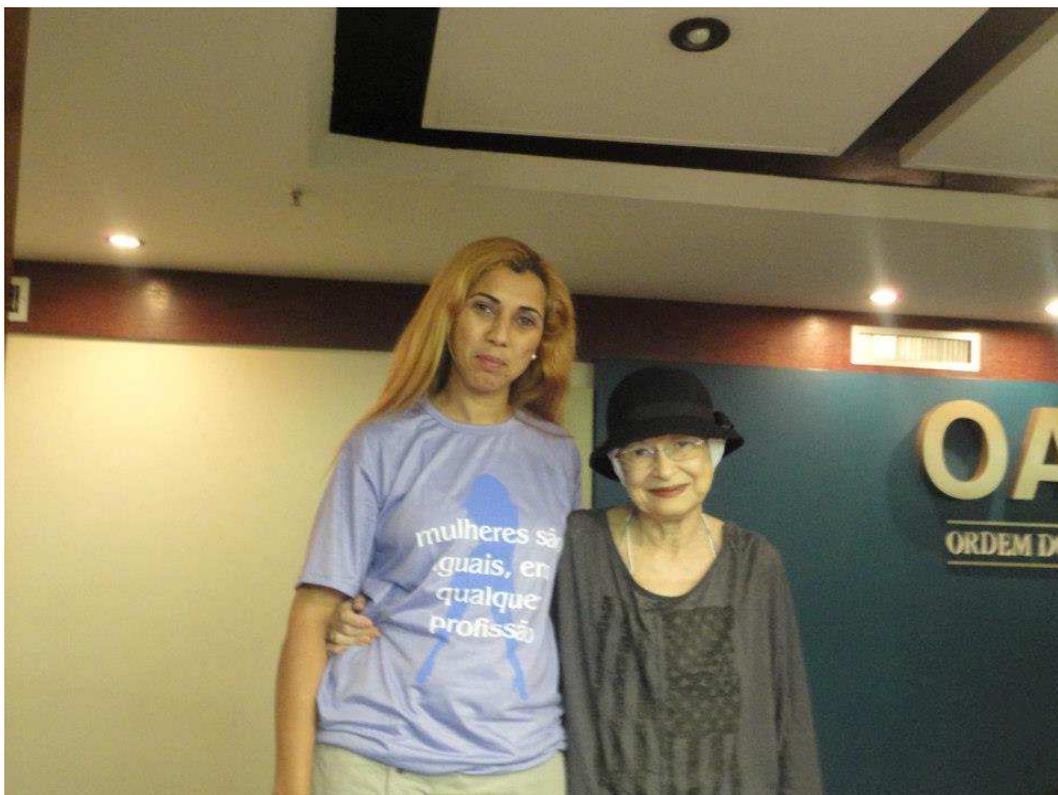
Outras formas de abuso dos direitos humanos que estão documentados como sendo altamente prevalentes na África Meridional e do Sul recebem menos atenção e recursos das organizações de assistência social, de defesa de direitos, da mídia e do governo devido a dedicação de recursos e atenção à prevenção do tráfico de seres humanos. Tais abusos incluem

*estupro e outras formas de violência de gênero e as várias formas de violência cometidas por gangues e traficantes de seres humanos contra os migrantes sem documentos que atravessam a fronteira da África do Sul.*¹⁵² – Marlise Richter e Tamlyn Monson, Programa de Estudos da Migração Forçada, Universidade de Witwatersrand, África do Sul.

- **Direitos dos/as profissionais do sexo:**

*Em resposta ao frenesi da mídia e aos temores públicos, algumas organizações nacionais e internacionais investiram na distribuição de preservativos, generalizando as campanhas sobre HIV e AIDS para sul-africanos e visitantes, além de lançar as campanhas de combate ao tráfico. Contudo, houve pouco suporte concentrado para a promoção da saúde sexual e para os direitos da maioria das populações de risco, como os [as] profissionais do sexo. Poucos atores estão envolvidos com as necessidades dos [as] profissionais do sexo e as expectativas para a Copa do Mundo.*¹⁵³ – Mark BryanSchreiner, Fundo Populacional das Nações Unidas

- Questões urbanas como a falta de habitação a preços acessíveis, o aumento das taxas de habitação e de deslocamento urbano relacionado ao desenvolvimento urbano em torno dos jogos; falta de moradia, pobreza, vício, a prevalência de HIV e das doenças mentais. Em Vancouver, grupos de trabalhadores/as sexuais protestaram contra o foco a curto prazo dos Jogos Olímpicos, relacionado a campanhas antitráfico. Pediram mais atenção para as questões mais antigas e duradouras, como a violência e a falta de habitação adequada.¹⁵⁴



Agradecimentos APROSMIG e Davida

AS REPRESENTAÇÕES FALSAS DAS PESSOAS E QUESTÕES ENVOLVIDAS NO TRÁFICO ENFRAQUECEM OS OBJETIVOS DO MOVIMENTO ANTITRÁFICO

Banalizando o tráfico

Algumas pessoas e organizações interessadas no combate ao tráfico estão preocupadas com a falsa relação sensacionalista entre grandes eventos esportivos e o tráfico que pode, enfim, enfraquecer os esforços para combater o tráfico e ajudar as vítimas.

Todos os especialistas (ONGs e policiais) observaram um aumento no interesse da mídia e tentaram responder da melhor maneira. Muitos ficaram desapontados com jornalistas que estavam apenas buscando histórias de “sexo e crime” e que deram apoio adicional para o número de 40.000 [vítimas do tráfico], sem muito interesse em outras abordagens. Algumas ONGs sentiram que haviam sido inicialmente ignoradas pela mídia quando previam um aumento moderado no tráfico- ou até mesmo nenhum. Após da Copa do Mundo, alguns artigos foram publicados na imprensa culpando as ONGs por divulgarem números errôneos e infundados.¹⁵⁵ – Jana Hennig, Sarah Craggs, Frank e Laczko Fred Larsson

Perpetuando estereótipos sexuais e raciais

“Quanto mais estereotipado você for, mais será desumanizado.”¹⁵⁶ – Pye Jacobson, Profissional do sexo e ativista sueco

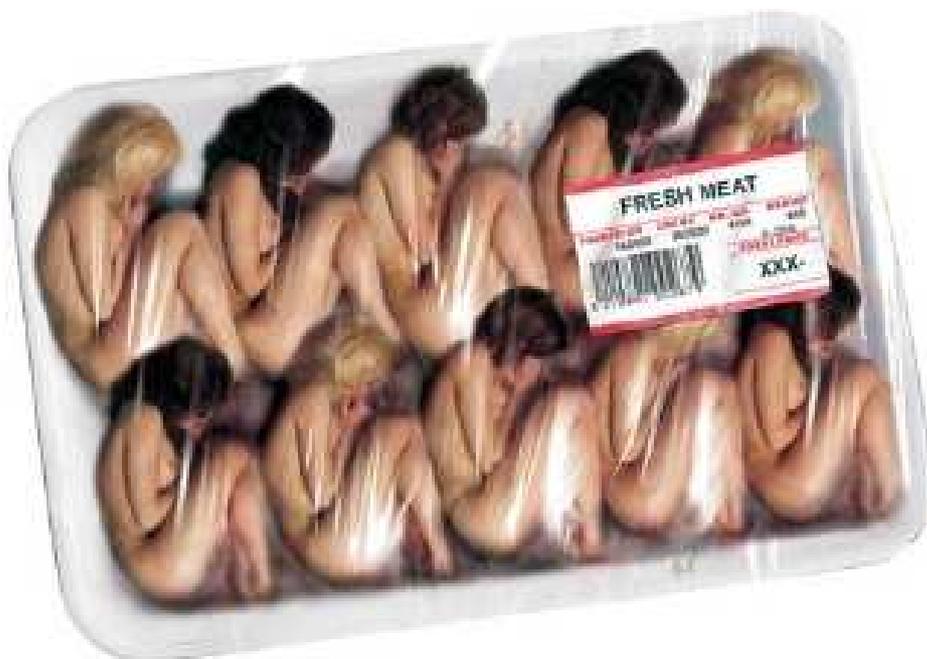
Para os [as] trabalhadores [as] do sexo, no entanto, essas falsas alegações tornaram-se uma forma simbólica de violência... A retórica abolicionista do combate ao tráfico foi tão dolorosa que uma profissional do sexo foi motivada a investigar se ela poderia acusar alguns dos grupos abolicionistas de crimes de ódio.¹⁵⁷ – Esther Shannon, FIRST, um grupo aliado dos [as] trabalhadores [as] de sexo (Canadá) e membro da GAATW

As campanhas de sensibilização pública e representações do tráfico feitas pela mídia têm sido fundamentais para a promoção de determinantes sobre como as vítimas do tráfico parecem, de onde vêm e o que elas são capazes (ou incapazes) de fazer. É importante pensar cuidadosamente sobre as mensagens subliminares que as campanhas antitráfico estão divulgando sobre as mulheres.

Algumas campanhas de combate ao tráfico tentaram capturar a atenção do público exibindo imagens gráficas de violência contra as mulheres e a fraqueza destas.¹⁵⁸ Artigos veiculados pela mídia sobre as vítimas do tráfico rotineiramente as descrevem como assustadas, impotentes, frágeis, ingênuas e incapazes de tomar decisões por si só.

O tráfico para fins de prostituição tem sido descrito por grupos abolicionistas da prostituição como algo que atende a uma demanda.¹⁵⁹ No entanto, o uso de imagens erotizadas e violentas em campanhas antitráfico tem sido racionalizado pela necessidade de conformar-se com as “demandas” dos meios de comunicação e do público. Ou seja, os arquitetos dessas campanhas argumentam que precisam associar o tráfico ao sexo para interessar a mídia e o público. Histórias de vitimização normalmente geram um grande interesse e podem ser usadas estrategicamente pela mídia e pelas ONGs para, respectivamente, conquistar leitores e aumentar as doações de caridade. Enquanto o tráfico obviamente significa exploração, o foco na violência como ato individualizado

mantém o *status quo*, excluindo a discussão dos contextos sociais e econômicos mais amplos que contribuem para o tráfico (por exemplo, a falta de oportunidades de migração legal para a classe trabalhadora feminina). O uso de mulheres racializadas nas campanhas antitráfico no Ocidente também acaba definindo certos grupos de mulheres como as que necessitam de assistência das mulheres dos países mais ricos. Dessa maneira, por exemplo, as vítimas femininas precisando do sul global são apresentadas como necessitando de resgate das mulheres do norte global.



Fonte: A União de Feministas Finlandesas

Essa dependência em imagens explícitas e sexualizadas de violência pode resultar na perpetuação de estereótipos negativos de profissionais do sexo e mulheres migrantes como fracas, passivas, impotentes, crédulas e precisando ser resgatadas.¹⁶⁰¹⁶¹

Essas representações também podem acabar justificando medidas para controlar o comportamento das mulheres, determinar sua moralidade e racionalizar a resistência das mulheres como o comportamento de seres incapazes de tomar suas próprias decisões.

Medidas de combate ao tráfico afetam não apenas às trabalhadoras sexuais alemãs, mas também às mulheres dos países supostamente de origem que, por qualquer razão, queiram visitar a Alemanha durante a Copa do Mundo. A imagem das mulheres em risco de serem traficadas para fins sexuais durante a Copa do Mundo representou essas jovens como ingênuas da Europa Central e Oriental (Ekklesia 2006, Haape 2006, Tzortzis 2006), que buscaram “uma vida livre da pobreza ou do abuso” (Neuwirth 2006), mas que acabaram sendo severamente vitimizadas; seus corpos foram mais uma vez construídos como fracos e vulneráveis.¹⁶² – Dr. Sanja Milivojevi (Universidade de Nova Gales do Sul), Austrália.

A abordagem moralista que presume que as mulheres não conhecem suas próprias mentes (Agustín, 2005) tem que ser rejeitada: os governos ocidentais, organizações internacionais e religiosas e estudiosos feministas ocidentais precisam abandonar seus “olhares coloniais” (Mohanty, 1998) e suas generalizações amplas.¹⁶³ – Dr. Sanja Milivojevi (Universidade de Nova Gales do Sul) e Dr. Sharon Pickering (Monash University).

A pressão da mídia e da opinião pública sobre o tráfico para prostituição poderia resultar em restrições mais rígidas para a migração ou na criação de um perfil para determinados grupos raciais ou étnicos como pessoas “potencialmente” traficadas. Em nome da prevenção do tráfico, alguns governos desenvolveram políticas restritivas para a entrada, negando o ingresso de mulheres com determinada faixa de idade ou aparência oriundas de certos países. Por exemplo, uma pesquisa no aeroporto de São Paulo constatou que estava sendo recusada a entrada em aeroportos europeus de mulheres brasileiras, as quais estavam sendo repatriadas porque eram suspeitas de fazerem parte da indústria do sexo.¹⁶⁴ A justiça sueca, através da Lei do Estrangeiro, permite que o governo recuse a entrada de mulheres no país “caso seja possível presumir que a pessoa vai cometer um crime ou que ele ou ela não será capaz de sustentar-se por ‘meios legais’.”¹⁶⁵

PENALIDADES CRIMINAIS E VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS DIRECIONADAS CONTRA TRABALHADORES/AS SEXUAIS

Campanhas antitráfico que buscam sensibilizar o público frequentemente dependem de ideias e imagens de mulheres como vítimas. Muitas vezes, porém, as soluções propostas para o tráfico penalizam as mulheres que foram traficadas e as profissionais do sexo. Grupos em prol dos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais argumentam que a violência e a brutalidade policial (sancionada pelas leis de criminalização) são perigos graves.¹⁶⁶ Essas podem piorar durante os eventos esportivos internacionais se a justiça sentir-se pressionada a provar que “algo está sendo feito” ou para mirar em certos grupos étnicos (baseado-se em suposições estereotipadas sobre mulheres traficadas). Na África do Sul, por exemplo, o Premier do Western Cape, Helen Zille, aparentemente racionalizou a repressão contra os/as trabalhadores/as sexuais como uma medida de combate ao tráfico.¹⁶⁷

[O/a]s trabalhadores [as] sexuais experimentaram perseguição contínua antes e durante o período da Copa do Mundo e, às vezes, não podiam acessar os poucos serviços disponíveis para eles.

Alguns exemplos incluem:

- *Extorsão policial dos [as] profissionais do sexo e o recolhimento de propinas;*
- *Prisão de trabalhadores [as] sexuais sem acusação formal; e*
- *Intimidação dos clientes e extorsão por parte da polícia (que afetava o lucro dos trabalhadores sexuais).¹⁶⁸ – Eric Harper e Diane Massawe, Educação Sexual do Trabalhador Sexual e Força-tarefa de Advocacia (em inglês, SWEAT) e Marlise Richter, Conselho Nacional Sul Africano de AIDS.*

Os [as] profissionais do sexo têm o mesmo direito de viajar e migrar como qualquer outra pessoa, mas quando são erroneamente rotulados como vítimas de tráfico, isso cria uma grave violação de seus direitos humanos. Em muitos países – incluindo o Canadá – isso significa invasões violentas de bordéis, perseguição, criminalização, detenção e deportação daquelas pessoas que são, em sua maioria, trabalhadores voluntários.¹⁶⁹ – Joyce Arthur, primeiro, um trabalhador sexual aliado do grupo (Canadá) e membro da GAATW



Foto por Jerome Kashetsky

Isto também se aplica quando a polícia faz “ataques de resgate” ou invasões de instalações onde estiver acontecendo o trabalho sexual. Isso ocorre ostensivamente para identificar e “resgatar” vítimas do tráfico, mas frequentemente acaba em prisões, perseguições e deportações de trabalhadores/as sexuais migrantes em muitos países.¹⁷⁰¹⁷¹¹⁷²

Embora a prostituição seja legal na Alemanha, “a polícia de Berlim invadiu 71 bordéis na cidade durante a Copa do Mundo de 2006, não encontrou qualquer evidência de tráfico, mas deportou dezmulheres.”¹⁷³

*Como consequência da confusão entre tráfico e trabalho sexual, a repressão da prostituição ilegal e tráfico para sexo resultou em incursões de grande escala em toda a Alemanha, com a prisão de aproximadamente cem pessoas, sendo setenta e quatro destas profissionais do sexo. O ministro do interior da província de Hesse associou esses ataques diretamente com as “preocupações expressas pelas organizações de direitos humanos e por outros grupos com milhares de mulheres, na sua maioria da Europa Oriental, que poderiam ser contrabandeadas para a Alemanha e forçadas a trabalhar como prostitutas durante a Copa do Mundo”.*¹⁷⁴

Na preparação para as Olimpíadas de Londres em 2012: *Números recentemente lançados no Parlamento pelo Home Office mostram que SCD9 realizou cerca de 80 ataques a bordéis em cinco bairros entre janeiro e agosto de 2010. Mas a União de Liberdade Condicional, Napo, afirmou que a repressão teria consequências inesperadas. “A estratégia irá empurrar o comércio para a clandestinidade e a proibição apenas distorce as leis de oferta e procura. Como consequência, o comércio será mais perigoso para as mulheres. Iniciativas políticas devem resolver problemas reais como os de habitação, saúde e segurança e não devem ser baseadas em ideologias errôneas que distorcem o mercado e põe em perigo as mulheres”.*¹⁷⁵ – *Jogos Olímpicos de Londres em 2012: repressão aos bordéis coloca em risco os profissionais do sexo*. The Observer (UK).



Agradecimentos a Laura Agustin

“LIMPAR AS RUAS”, DESLOCANDO TRABALHADORES/AS SEXUAIS E OUTROS GRUPOS MARGINALIZADOS

Os esforços intensos da mídia e dos agentes de segurança para encontrar as vítimas do tráfico muitas vezes tem acontecido em paralelo aos esforços para rapidamente expulsar os “indesejáveis” para fora da vista pública. Embora não seja especificamente relacionada à política contra o tráfico, o deslocamento de profissionais do sexo e outros grupos marginalizados foi forte preocupação expressa pelos defensores comunitários e outros interessados em Vancouver antes dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2010 e em Joanesburgo antes da Copa do Mundo de 2010.¹⁷⁶ Os grupos comunitários e seus aliados estavam preocupados que os esforços para “limpar as ruas” também afetariam alguns grupos que não se encaixavam na imagem da cidade (os/as trabalhadores/as de sexo, os/as sem-teto, pessoas pobres e pessoas que praticaram pequenos delitos por exemplo). Havia temores de que o deslocamento dos/as trabalhadores/as sexuais e outros grupos marginalizados pudesse aumentar o risco de violência, empurrando o comércio do sexo para áreas mais isoladas.

*[A] polícia já estava prendendo mulheres, alegando que estas estariam sujando a África do Sul e portanto, os visitantes poderiam não gostar da África do Sul, porque o país seria sujo por causa dos [as] trabalhadores [as] sexuais.*¹⁷⁷ – Trabalhadora do sexo feminino, Cidade do Cabo.

*“Nós avisamos, especialmente, que vocês resistam à tentação de limpar as ruas e parques do Downtown Eastside de seus moradores de longa data para abordar as percepções imaginárias da comunidade internacional em 2010”.*¹⁷⁸ – Carta dirigida ao Chefe de Polícia de Vancouver ao Prefeito, Fevereiro de 2009

Na África do Sul, os/as trabalhadores/as do sexo relataram que tinham muito medo de serem detidos/as e presos/as durante o Mundial de 2010.¹⁷⁹

[Os] hotéis começaram a reprimir os/as trabalhadores/as do sexo. Esta semana nas ruas, o frio do inverno e o aumento da visibilidade

policiais significou menos trabalhadores [as] sexuais na pista. Em visitas para as tradicionais áreas da luz vermelha de Oxford Street, Illovo e Sandton durante o horário de pico, em torno de 21 horas, foram encontrados menos de 10 profissionais do sexo vagando em saias escandalosas. Aquelas que enfrentaram as baixas temperaturas para atrair clientes mergulhavam em arbustos sempre que a polícia patrulhava... “As autoridades têm feito difíceis nossas vidas. Eles dizem que não querem as meninas em seus hotéis”.¹⁸⁰ – “Nada de ‘boom’ para os [as] trabalhadores [as] sexuais de Joanesburgo”.

Os grupos que apoiam os direitos dos/as trabalhadores/as sexuais já estão preocupados com os esforços para “limpar” as cidades de Londres (para a Olimpíada de 2012) e Rio de Janeiro (para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016).¹⁸¹

Scotland Yard foi acusada de colocar em perigo os [as] trabalhadores [as] sexuais depois que foi verificado que os policiais estavam alvejando bordéis nos bairros Olímpicos de Londres, como parte de uma operação coordenada de limpeza antes dos Jogos de 2012... Os dados da Agência Open Door, uma clínica de saúde com base no leste de Londres, parecem confirmar parcialmente a alegação do Napo. A agência informou que já houve um deslocamento significativo dos [as] profissionais do sexo em torno de Newham, com um declínio de 25%, dos encaminhamentos para clínicas de saúde desde o ano anterior. Napo disse que aparentemente as mulheres não pararam de trabalhar, mas que mudaram para outras áreas onde poderiam estar sob maior risco de estupro, roubo e assaltos.¹⁸² – Jogos Olímpicos de Londres em 2012: repressão aos bordéis coloca em risco os profissionais do sexo”, The Observer (UK).

CONTROLANDO AS VIAGENS DE MULHERES

A restrição das migrações e das viagens de determinados grupos de mulheres tem defendido uma estratégia para acabar com o tráfico e “proteger” as mulheres.¹⁸³ No entanto, isso pode (1) aumentar o risco de tráfico e (2) restringir os direitos das mulheres. Se as mulheres não estiverem autorizadas a viajar por conta própria, os traficantes ou intermediários tornariam-se a única opção para elas terem acesso a oportunidades de trabalho no exterior.¹⁸⁴

Várias organizações têm indicado que os esforços para prevenir o tráfico de pessoas, em alguns países, estão resultando na restrição da migração de mulheres jovens, o que viola seus direitos. (...) La Strada está cética sobre as campanhas de prevenção que estigmatizam ou que somente pretendem impedir que as pessoas (e em especial as mulheres) venham à África do Sul.¹⁸⁵ – La Strada International, uma rede antitráfico Europeia e membro de GAATW, falando sobre a Copa do Mundo 2010 (África do Sul)

Criar mais medidas para aumentar a segurança das fronteiras durante os eventos esportivos internacionais é uma maneira dos governos justificarem a restrição dos direitos dos migrantes em nome da luta contra o tráfico. Para a Copa do Mundo de 2006, o governo alemão tentou demonstrar seu compromisso com a luta contra o tráfico “restringindo os vistos de países do Leste Europeu como a Ucrânia e a Bielorrússia durante os jogos e reforçando as batidas policiais em bordéis alemães a procura de imigrantes ilegais e evidências de coerção”.¹⁸⁶

[A]gentes de fiscalização moral não apenas fazem a “securitização” do gênero das fronteiras, mas também engajam no patrulhamento racial e social de determinados grupos. Consequentemente, o pânico moral em torno da Copa do Mundo evidenciou um pânico na sujeição de alguns grupos

*raciais e sociais ao tratamento diferenciado nas fronteiras, na migração e nos regimes de trabalho.*¹⁸⁷ – Dr. Sanja Milivojevi, da Universidade de Nova Gales do Sul, Austrália.

Com base nessas medidas, as mulheres fãs de esportes provenientes dos países mais pobres “terão que fugir de seus ‘salvadores’¹⁸⁸ ou serem vistas como vítimas do tráfico que estão apenas “fingindo” ser visitantes¹⁸⁹:

*Mr. Frattini disse que cada pedido de visto por mulheres de países suspeitos como sendo países de origem para prostituição forçada deve ser checada, pois muitas vezes “as mulheres mentem e dizem que irão participar de eventos culturais, por exemplo” em sua aplicação para um visto.*¹⁹⁰ ‘União Europeia quer regras mais rígidas de vistos para impedir o comércio sexual na Copa do Mundo’, EU Observer.

2 de junho
Dia Internacional
das Prostitutas

“Sou feliz
sendo
prostituta”
(Cinderela)

Abaixo a censura no Brasil! Nós existimos!
Direitos iguais para todas as profissões.

Agradecimentos a Rede Brasileira das Prostitutas

Mesmo não havendo provas, não é possível que o tráfico, para fins de prostituição, possa aumentar durante os grandes eventos esportivos?

Há uma série de razões pelo qual o aumento no tráfico para a prostituição durante eventos desportivos internacionais seja improvável.

*O tráfico resulta da pobreza, da impotência e de condições econômicas limitadas. O suprimento de vítimas para o tráfico é conduzido muito mais por esses fatores do que por flutuações temporárias na demanda por trabalhadores[as] sexuais devido aos eventos esportivos. Não é de modo instantâneo que o processo de equilíbrio do mercado responde a mudanças na demanda.*¹⁹¹ – Christina Arnold, Project Hope International.

Estatisticamente não é viável, ou seja: “pense sobre a situação”

Os mesmos números inflacionados de pessoas supostamente traficadas são previstos com frequência para diferentes eventos esportivos de grande porte. Em qualquer lugar estes variam de 40.000 a 100.000 supostas vítimas. A implausibilidade desse valor torna-se mais clara quando colocado em perspectiva, comparando essas estimativas com as taxas reais de incidência do tráfico num determinado país, por exemplo, ou com o número de visitantes esperados para o evento, ou até mesmo a capacidade de assentos num estádio esportivo (página 14).

*Considerando-se que as mulheres traficadas juntar-se-ão a milhares de profissionais do sexo legais e voluntárias registradas pelo governo alemão, simplesmente não há homens o suficiente para demandar um adicional de 40 mil vítimas de tráfico para prostituição. Petra Burcikova, o coordenador nacional do La Strada, uma organização antitráfico pan-europeia, calcula que esse valor não é plausível. Ele afirma: “Acho que os caras que estão vindo assistir ao campeonato não teriam tempo de assistir os jogos, porque teriam que estar engajados em fazer sexo com todas essas prostitutas o tempo todo”.*¹⁹² – Christina Arnold, Project Hope International.

*A FIFA estima que 450 mil espectadores internacionais irão visitar à África do Sul – o que significa 6 vezes menos espectadores que na Copa do Mundo na Alemanha de 2006. Portanto, é altamente improvável que 100.000 pessoas fossem traficadas para a África do Sul. De fato, se fosse o caso, deveria haver pouco menos de uma vítima de tráfico para cada quatro espectadores.*¹⁹³ – Marlise Richter e Dr. Chandr Gould, Instituto de Estudos de Segurança, África do Sul.

Eventos de curta duração não são rentáveis para traficantes ou trabalhadoras sexuais

A ideia de que os traficantes são magneticamente atraídos para os grandes eventos esportivos ignora a análise custo-benefício de um evento de curto prazo, devendo considerar-se ainda o fato de que os/as trabalhadores/as do sexo muitas vezes têm sido deslocados/as ou retirados/as de suas atividades durante a “higienização” das ruas (página 40). Eventos esportivos de curto prazo não são suficientemente rentáveis para os traficantes só: trabalhadores/as sexuais e donos de empresas também têm relatado, frequentemente, que houve uma queda nos negócios (ou na “demanda”) durante grandes os eventos esportivos.

Embora seja muito cedo para quaisquer resultados da investigação sobre o impacto dos jogos no trabalho sexual em Vancouver, até o momento, todos os relatos que temos recebido testemunham uma queda significativa nos negócios durante os Jogos. De acordo com os [as] trabalhadores [as] de rua e os [as] que trabalham em bordéis com quais temos falado, os clientes se afastaram devido a preocupações sobre o fechamento de ruas, a presença massiva de agentes de segurança e as enormes multidões que diariamente se reuniram na cidade.¹⁹⁴ – Esther Shannon, FIRST, um grupo de aliados dos [as] trabalhadores [as] sexuais e membro da GAATW.

O tráfico de seres humanos é um negócio; traficantes querem fazer lucros. É caro trazer uma mulher sem documentos de residência válidos para a Alemanha. As que seriam “levadas à força” para a Alemanha apenas para a Copa do Mundo não fariam dinheiro o suficiente para os traficantes dentro das quatro semanas de duração dos jogos. Em geral, as mulheres que estão sendo apoiadas por Ying Ban tiveram que trabalhar muito mais do que “apenas” quatro semanas.¹⁹⁵ – Dr. Nivedita Prasad & Babette Rohner, Ban Ying, uma organização anti-tráfico (Alemanha), membro da GAATW.

O elevado número de profissionais do sexo na Alemanha foi também dado como uma razão que diminuiria a rentabilidade para os traficantes:

“Não é nenhuma surpresa para nós que os números não sejam tão altos”, diz Heike Rudat, porta-voz do sindicato alemão dos investigadores criminais. Alemanha já tem tantas prostitutas: estima-se em torno de 400.000 segundo os especialistas,. Sendo assim, simplesmente não há necessidade de aumentar essa população, especialmente para um curto período.”¹⁹⁶ – Samuel Loewenberg.

Não existem apenas fãs do sexo masculino

A campanha pública em torno dos eventos esportivos e mulheres traficadas é amplamente baseada em suposições sobre fãs de esportes masculinos.¹⁹⁷ Na realidade, os fãs de esportes e os visitantes muitas vezes incluem um grande número de mulheres, famílias e grupos mistos.¹⁹⁸¹⁹⁹²⁰⁰ Eventos como os Jogos Olímpicos são divulgados também como eventos familiares, para mostrar o melhor que cidade-sede tem a oferecer. Isto contradiz as suposições que os fãs dos grandes eventos esportivos são predominantemente do sexo masculino e que demandam porsexo.

“Estes eventos são familiares e a ideia de que milhares de caras abastecidos de testosterona aparecem à procura de sexo simplesmente não reflete a realidade.”²⁰¹ – Catherine Stephens, União Internacional de Trabalhadores do Sexo (IUSW).

Os serviços sexuais podem não ser acessíveis para a maioria dos visitantes

Considerando os custos envolvidos em participar de um evento esportivo internacional, pagar por serviços sexuais pode não ser uma opção para muitas pessoas que assistem esses eventos. Este pode ser especialmente o caso dos eventos esportivos em cidades muito caras (como Londres, Vancouver, Berlim) ou em localidades relativamente distantes (como a África do Sul).

Eventos esportivos são horríveis para o comércio do sexo. Os fãs mais jovens já gastaram milhares em preços elevados de hotéis, passagens aéreas e bilhetes, diz [Maggie McNeill, 'A Cortesã honesta']. Eles só têm suficiente para Bud Lights e bombas de Jaegermeister. A casta executiva pode ter dinheiro para gastar, mas a maioria traz suas famílias. "O que que eles diriam a suas esposas?" McNeill pergunta. "Ei docinho, eu estou indo ver uma prostituta agora?"²⁰² – "O mito das prostitutas no SuperBowl: 100.000 prostitutas não aparecerão em Dallas", Dallas Observer (EUA).

Geralmente o interesse em futebol e festas parece ter prevalecido. Além disso, apontou-se que havia baixos orçamentos entre os turistas e os fãs, os quais tiveram dinheiro suficiente apenas para bilhetes e transporte.²⁰³ – Organização Internacional para as Migrações (OIM).



AGIR COM EFICÁCIA

Existe alguma relação entre as outras formas de tráfico e os grandes eventos esportivos?

Existem outras formas de tráfico que podem ser relacionadas a eventos esportivos internacionais. No entanto, os interessados devem pesar as evidências e avaliar as ramificações das representações da mídia. As investigações sobre as outras formas de tráfico relacionadas aos grandes eventos esportivos devem incidir sobre os direitos dos migrantes e das pessoas traficadas ao invés de usar essas para alimentar sentimentos contra os migrantes.

Por exemplo, trabalhadores\as migrantes foram descobertos\as nos projetos de construção dos Jogos Olímpicos em Londres e isto foi reportado nos meios de comunicação do Reino Unido. Infelizmente, até agora a mídia tem sido menos interessada nas condições de trabalho desses operários do que na ideia de trabalhadores/as migrantes que podem abastecer a “demanda” pelo comércio de sexo.²⁰⁴

Em outros lugares, as organizações têm examinado a exploração do trabalho e os abusos dos direitos humanos dos\as trabalhadores\as migrantes em projetos de construção relacionados com os esportes. A súbita necessidade de instalações esportivas específicas e de habitação para os atletas, que precisam ser constituídas dentro de um período de tempo limitado, pode levar a longas jornadas de trabalho e aumentar o risco para os\as trabalhadores\as.

As condições de trabalho para os [as] trabalhadores [as] migrantes que contribuem para a construção de estádios são conhecidas por serem muito ruins. De fato, os únicos dados que temos dos Jogos Olímpicos de 2004 na Grécia são de 13 gregos e pelo menos 25 trabalhadores migrantes [não documentados] morreram devido às condições de trabalho inadequadas.²⁰⁵ – La Strada International, uma rede antitráfico europeia e membro da GAATW

[N]os anos que antecedem os Jogos Olímpicos de 2010 a Columbia Britânica experimentou uma deficiência séria de mão de obra e sua dependência em trabalhadores [as] migrantes temporários, oriundos da América Latina e das Filipinas, para construir o sistema de transporte em massa e a infra-estrutura esportiva em Vancouver e nos arredores não foi nem uma nota de roda-pé na história que estava sendo contada. Também não houve qualquer investigação ou preocupação extensiva com as condições de trabalho dos [as] trabalhadores [as] do Terceiro Mundo e, predominantemente, da China que produziram a vertiginosa variedade de bens de consumo disponíveis nos locais olímpicos e on-line.²⁰⁶ – Dr. AnnaleeLepp, GAATW Canadá

Em 2008, o governo chinês admitiu que seis trabalhadores foram mortos em acidentes de trabalho nos locais olímpicos.²⁰⁷ Em *Hidden Faces of the Gulf Miracle*²⁰⁸, a Confederação Sindical Internacional (CSI) examinou as violações dos direitos humanos de trabalhadores\as migrantes na construção civil no Catar e nos Emirados Árabes Unidos. As violações dos direitos humanos incluíam substituições de contratos, não pagamento, condições de trabalho abusivas, abuso físico, taxas excessivas de recrutamento e restrições à organização de esforços dos\as trabalhadores\as.

Há uma preocupação generalizada de que os migrantes sejam vitimizados por agências que procuram ganhar dinheiro rápido da explosão de recrutamento para a Copa do Mundo [de 2022] ou que se defrontem com empresas ansiosas para cortar custos e prazos na pressa a fim de concluir os projetos a tempo para o torneio. – Confederação Sindical Internacional.

Trabalhadores migrantes vencem caso sobre práticas discriminatórias no projeto de construção das Olimpíadas

Sob o programa de vistos dos Trabalhadores Estrangeiros Temporários do Canadá, as companhias de construção que lideraram os projetos dos Jogos Olímpicos relataram projetos que empregaram 38 trabalhadores de países latino-americanos para a construção de um túnel subterrâneo que faz parte da linha de metro que liga Vancouver ao Aeroporto Internacional de Vancouver (o projeto Linha Canadá). Em comparação aos trabalhadores canadenses e europeus do mesmo projeto, os latino-americanos foram discriminados em termos de "salários, acomodações, refeições e despesas".²⁰⁹

O Sindicato dos Trabalhadores Especializados e da Construção Civil lançou uma reclamação em nome desses trabalhadores estrangeiros, em 2006:

"Trabalhadores estrangeiros temporários não deveriam ter que confiar em processos legais extensivos ou sofrer longos atrasos para ganhar seus direitos humanos básicos no Canadá... Espero que esta decisão histórica faça com que seja muito mais fácil para os outros [as] trabalhadores [as] exigirem um tratamento justo e encoraje o governo a proteger adequadamente esses direitos".²¹⁰

O Tribunal de Direitos Humanos da Columbia Britânica determinou que as empresas pagariam a cada trabalhador a diferença entre o valor pago a eles e o valor pago aos outros trabalhadores, além de US\$ 10.000 (CDN) por "lesão à dignidade, sentimentos e auto-estima". O prêmio para todos os trabalhadores totalizou mais de US \$ 2,4 milhões (CDN).

Lutando por condições de trabalho éticas no setor de fabricação de produtos esportivos

Uma pesquisa destacou as violações dos direitos trabalhistas na produção de bolas de futebol e fábricas de roupas esportivas na Ásia.²¹¹²¹² As questões de direitos trabalhistas reveladas incluem o uso de trabalho infantil, trabalho precário, baixos salários, problemas de saúde e segurança no trabalho e direitos limitados para organizar e negociar coletivamente. A campanha internacional *Playfair* foi lançada antes das Olimpíadas de 2004 e foi destinada a "pressionar empresas de roupas e calçados esportivos, o Comitê Olímpico Internacional... bem como os governos nacionais, a tomar medidas identificáveis e concretas para eliminar a exploração e o abuso dos [as] trabalhadores [as] (majoritariamente mulheres) da indústria mundial de artigos esportivos."²¹³ Esta campanha continuou antes e durante as Olimpíadas de Pequim em 2008.²¹⁴ A campanha de 2012 (www.playfair2012.org.uk) foi lançada para abordar os direitos dos/as trabalhadores/as e as questões éticas no consumo durante os Jogos Olímpicos de Londres em 2012. No Brasil, Building Workers International lançou uma campanha em torno da Copa do Mundo de 2014 e a *Playfair* lançou uma campanha para os Jogos Olímpicos de 2016.²¹⁵

Recrutamento de jovens atletas

Diversos artigos na mídia falam sobre o recrutamento e a exploração de jovens atletas africanos no setor de esportes em geral (ou seja, o problema não se limita a grandes eventos esportivos).²¹⁶ Questões incluem as práticas de "academias" de futebol que funcionam sem licença, ofertas de contratos falsos, taxas pagas aos grandes agentes e corretores para facilitar as viagens dos jovens atletas, bem como o abandono de jovens atletas em países de destino.

Foram divulgados alguns relatos preocupantes na mídia impressa e eletrônica sobre como atletas quenianos [as] jovens e adultos [as] estão sendo recrutados para trabalhar em países estrangeiros, principalmente os Estados do Golfo de Qatar e Bahrain, onde eles se encontram em condições diferentes daquelas que são parte do contrato. Como o Quênia não reconhece a dupla cidadania, os [as] atletas jovens e adultos [as] que revogam sua nacionalidade para migrar para outros países estão colocados em perigo de serem repatriados. Isto foi o caso de Gregory Konchellah (Yusuf Saad Kamel) que se desentendeu com seu país de adoção – em Bahrain – após de uma briga sobre dívidas não pagas. Bahrain recusou a conceder seu pedido para reverter a sua cidadania queniana e também lhe negou o direito de usar o passaporte do Bahrein. Além de denúncias de salários não pagos, tem havido denúncias de que os atletas jovens migrantes que não são bons o suficiente para fazer o corte, são obrigados a juntar-se às forças armadas dos seus países de adoção. Tais práticas têm sido perturbadoras para Athletics Kenya, o corpo oficial que governa os atletas do país. A organização acusa Bahrain e Qatar de praticar o "escravidão moderna".²¹⁷ – NkiroteLaiboni

Qual é a melhor maneira de lidar com a questão do tráfico em torno de eventos esportivos internacionais?

*Devemos envolver os grupos interessados e aplicar uma abordagem baseada em evidências para prevenir o tráfico, ao invés de deturpar as questões com alarmismo, sexismo e retórica. Mais importante, o nosso foco deve estar na garantia de segurança e na totalidade dos direitos humanos dos [as] trabalhadores [as] do sexo, antes, durante e após os Jogos de 2010.*²¹⁸ – Joyce Arthur, FIRST, um grupo aliado aos/as trabalhadores/as do sexo e membro da GAATW (Canadá).

Embora não existam evidências que liguem eventos esportivos ao tráfico para fins de prostituição, reconhecemos que alguns grupos interessados podem se sentir compelidos ou dispostos a se defrontar com a pressão política para “fazer algo” sobre tráfico de pessoas. Alguns dos grupos defensores de direitos de nossa rede tentaram canalizar as atenções numa direção mais produtiva, sensibilizando o público para as questões mais amplas do tráfico ou destacando os direitos dos/as trabalhadores/as do sexo.²¹⁹ Seguem abaixo algumas diretrizes, baseadas em recomendações de grupos que lutam em prol dos direitos humanos para os/as trabalhadores/as sexuais, membros da GAATW e seus aliados. Algumas destas recomendações também se concentram na prevenção de “danos colaterais” ou impactos negativos que podem ocorrer a partir de esforços anti-tráfico equivocados ou mal informados.

As recomendações que seguem abaixo aplicam-se principalmente aos esforços anti-tráfico que são especificamente relacionados a eventos esportivos internacionais. Estas recomendações não abrangem as outras questões mais gerais sobre o combate ao tráfico que já foram detalhadas em outros lugares, tais como treinamento para a identificação correta das pessoas traficadas, que garante o acesso à justiça para as pessoas traficadas, bem como a necessidade de providenciar forte proteção e serviços de apoio à vítima. Para o tratamento de casos reais de tráfico, encorajamos que as pessoas se refiram aos *Princípios e Diretrizes Recomendadas pelas Nações Unidas sobre Direitos Humanos e Tráfico de Pessoas*²²⁰ e seus comentários²²¹, publicados pelo Escritório das Nações Unidas do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, além dos outros recursos desenvolvidos pelo Secretariado Internacional da GAATW e nossos membros associados (disponível em www.gaatw.org).²²²

Quaisquer esforços de combate ao tráfico devem ser proporcionais, sustentáveis, baseados em evidências, cientes dos vários setores em que o tráfico ocorre e feitos em consulta com os grupos afetados pelo tráfico e/ou medidas antitráfico, como os/as profissionais do sexo.

*As organizações devem evitar utilizar recursos valiosos destinados ao combate ao tráfico só e unicamente no contexto dos grandes eventos.*²²³ – Jana Hennig, Sarah Craggs, Frank Laczko e Fred Larsson

Em preparação para a Copa de 2014 e para as Olimpíadas de 2016, o Observatório Brasileiro do Tráfico Humano (uma coalizão antitráfico com vários membros da GAATW)

já começou a orientar às partes interessadas com suas recomendações.²²⁴

- *Não suprimir a prática da prostituição em nome do combate ao tráfico de pessoas;*
- *Esforços de prevenção contrários à exploração sexual de crianças e adolescentes devem ser feitos nos países de origem dos fãs ou “visitantes” e nas cidades da Copa do Mundo;*
- *Os trabalhadores sexuais, masculinos e femininos, precisam de serviços de suporte como informações, distribuição de preservativos e maneiras de denunciar casos de violência sem ter medo de prisão ou punição;*
- *As campanhas e intervenções que enfraquecem a posição dos/as trabalhadores/as do sexo devem ser evitadas e não se deve implementar medidas severas para expulsar os/as trabalhadores/as do sexo das ruas, praças, clubes, etc. Mais visibilidade significa mais segurança;*
- *Desenvolver uma política sobre esta questão, em consulta com as organizações de prostitutas e trabalhadores sexuais;*
- *Os eventos da Copa do Mundo são oportunidades para os traficantes atrair jogadores locais, principalmente jovens, para oportunidades no exterior. Campanhas de informação com as academias de futebol são essenciais.*

CONSULTA E COLABORAÇÃO COM OS GRUPOS AFETADOS PELO TRÁFICO E/OU PELAS MEDIDAS DE COMBATE AO TRÁFICO

Grupos diretamente afetados pelo tráfico e/ou pelas medidas de combate ao tráfico devem ser consultados para garantir que as medidas antitráfico sejam eficazes, reflitam as prioridades da comunidade e não resultem em mais danos.²²⁵

“É inapropriado pensar que os [as] trabalhadores [as] sexuais queiram ser salvos[as] pelo Exército da Salvação... Se realmente querem saber o que estes[as] trabalhadores [as] precisam, deveriam perguntar a eles [elas].” KatrinaPacey, PIVOT Legal, uma organização de apoio judiciário (Canadá), em resposta a campanha antitráfico o Exército da Salvação.²²⁶

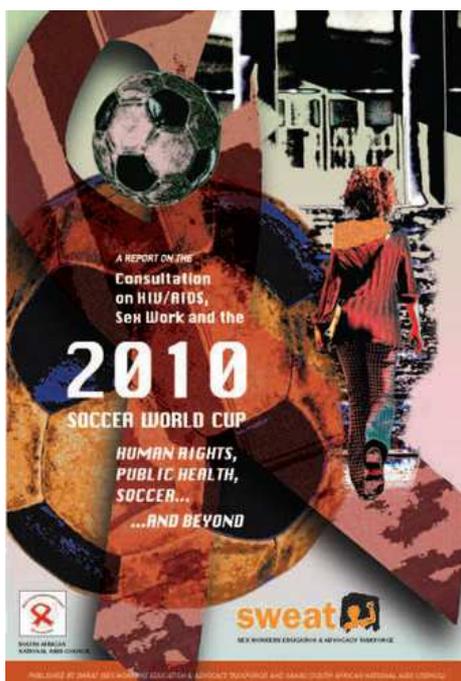
Tendo em vista o fato que as questões em jogo – falta de moradia, pobreza, trabalho sexual, migração e tráfico – podem estimular noções sobre o que é “melhor” para as pessoas, os grupos locais expressaram preocupação de que as soluções identificadas podem não respeitar suas realidades. Tais soluções teriam efeitos negativos sobre a saúde e a segurança dos [as] trabalhadores [as] da indústria do sexo e das vítimas de tráfico, podendo também reduzir sua vontade de acessar serviços de apoio.²²⁷ – Corvo Bowen e Esther Shannon, Frontline Consulting.

Grupos diretamente afetados, como os/as trabalhadores/as do sexo, têm valiosos conhecimentos e informações que podem ajudar nos esforços antitráfico. A atenção direcionada sobre o tráfico nos apresenta com uma oportunidade de desenvolver alternativas para trabalhar produtivamente com os/as profissionais do sexo em vez de puni-los\as (como o método de “invasão e resgate” que está sendo atualmente utilizado). Se tiver um aumento no financiamento atribuído às iniciativas de combate ao tráfico em torno dos grandes eventos internacionais, os grupos que lutam pelos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais e outros grupos auto-organizados ou liderados pelas próprias populações afetadas devem ser prioridades para o apoio.

Vancouver deve financiar organizações compostas por profissionais do sexo

e não por aqueles que “ajudam” os[as] profissionais do sexo. – Trabalhador [a] do sexo²²⁸

Um projeto piloto de disque apoio para profissionais do sexo foi lançado durante a Copa do Mundo. Os [as] trabalhadores [as] do sexo da Cidade do Cabo foram treinados [as] como conselheiros [as] para essa linha de apoio e de prestação de assistência telefônica para profissionais do sexo. As chamadas recebidas ao longo deste período confirmaram um aumento na intimidação da polícia e em particular do "Esquadrão Anti-Vícios" na Cidade do Cabo.²²⁹ –Eric Harper e Diane Massawe, Força-Tarefa de Educação e Advocacia para Trabalhadores Sexuais (em inglês, SWEAT) e Marlise Richter, Conselho Nacional Sul-Africano de AIDS.



O "Grupo de Trabalho Intersetorial de Trabalhadores Sexuais" do Conselho Nacional Sul-Africano de AIDS é um exemplo do esforço de colaboração entre profissionais do sexo, pesquisadores, profissionais de saúde, advogados e juízes. O Grupo de Trabalho foi formado em 2009 para abordar os direitos humanos e as questões de saúde pública em torno da Copa de 2010 e para ver se as atividades relacionadas à Copa do Mundo poderiam catalisar um debate produtivo sobre a descriminalização do trabalho sexual. O Grupo de Trabalho foi apoiado por um grupo de pesquisadores, profissionais de saúde, advogados, profissionais do sexo e advogados.

Em novembro de 2009, o Conselho Nacional Sul-Africano de AIDS (CNSAA) e a Força-Tarefa de Educação e Advocacia para Trabalhadores Sexuais organizou uma consultoria de dois dias de duração para discutir estratégias e ações coordenadas entre os aliados.²³⁰

A consultoria pediu:

- O direito de segurança e proteção para os/as profissionais do sexo;
- O direito à saúde sexual para todos;
- Acessibilidade aos serviços de saúde sexual para todos;
- O comportamento legal, responsável e respeitoso da polícia para os/as trabalhadores/as do sexo;
- A liberdade de movimento de todos dentro de seus ambientes de existência;
- A dignidade para os/as profissionais do sexo.

Após a Copa do Mundo, os membros do SWEAT e SANAC publicaram o *Report on the 2010 Soccer World Cup and Sex Work: Documenting Successes and Failures*²³¹. Este relatório avaliou quais ações haviam sido bem-sucedidas no trabalho dos dois grupos, tais como: o treinamento em direitos humanos e a construção de mensagens de saúde pública, a investigação sobre o trabalho sexual nos eventos esportivos, a criação de uma linha de atendimento telefônica organizada por profissionais do sexo, a instrução sobre os meios de comunicação para os/os trabalhadores/as de sexo e seus defensores e uma oficina sobre a detenção de trabalhadores/as sexualis. Os autores também refletiram sobre as ações fracassadas, notando que as autoridades não conseguiram implementar

uma moratória sobre detenções relacionadas ao trabalho (como recomendado pelo Grupo de Trabalho), a falha do SANAC de adotar as recomendações da consultoria de novembro e sua resistência para adotar a recomendação para descriminalizar o trabalho sexual.

AUMENTA A CONSCIÊNCIA SOBRE DIREITOS E OPÇÕES E NÃO O INCENTIVO AO MEDO OU À PIEDADE

Qualquer atividade de comunicação, captação de recursos, ou de conscientização pública há de sustentar uma responsabilidade com a precisão sobre e representação ética de pessoas traficadas, profissionais do sexo, migrantes e outros grupos afetados pelos esforços contra o tráfico.

Aumenta a conscientização informada, não o medo e a piedade

Algumas campanhas de conscientização antitráfico têm sido limitadas pela promoção de uma certa ideologia (por exemplo, a demonização dos clientes dos/as trabalhadores/as sexuais) ou pela promoção de tais emoções como o medo (os perigos da migração, por exemplo) ou paternalismo (ajudar aqueles “que não podem ajudar a si mesmos”, por exemplo). Considerando a quantidade de recursos canalizados às campanhas de sensibilização, é surpreendente como poucas providenciam informações concretas sobre as opções práticas que poderiam ser úteis para as vítimas do tráfico, imigrantes explorados ou para aqueles que querem ajudá-los.

As campanhas de sensibilização que claramente afirmam os direitos e os recursos disponíveis para as pessoas traficadas permitiriam às vítimas avaliar se devem procurar a ajuda e se podem confiar nas autoridades.

LSI recomenda que essas campanhas não só alertem contra o tráfico humano mas também forneçam informações adequadas aos migrantes que queiram trabalhar no país durante a Copa do Mundo, com informações precisas sobre o trabalho na África do Sul em diferentes indústrias e os direitos que eles têm ou não tem.²³² – La Strada International, uma rede antitráfico europeia e membro GAATW

Aumentar a conscientização sobre os direitos e não apenas as vulnerabilidades de profissionais do sexo e outros grupos marginalizados

Os/as trabalhadores/as do sexo e outros grupos susceptíveis de serem alvos de esforços antitráfico equivocados ou punitivos (migrantes e minorias raciais ou étnicas, por exemplo) devem ser informados sobre os seus direitos e suas opções se se depararem com a intimidação, o assédio, ou abusos de policiais, agentes da mídia, ou qualquer outro grupo.

Para os grupos comunitários de Vancouver e Joanesburgo, isso inclui a oferta de treinamento sobre os meios de comunicação para profissionais do sexo, para atender ao aumento da demanda da mídia para entrevistas antes das Olimpíadas de 2010 e da Copa do Mundo de 2010, respectivamente.²³³

"Só queremos que nossos membros se sintam seguros no bairro em que vivem e seguros para trabalhar no bairro em que vivem... Ahamos que às vezes a atenção da mídia para a área pode ser menos que simpaticante e não queremos que nossos membros sintam-se como animais num zoológico durante esse evento... Só queremos que [os/as trabalhadoras/as do comércio do sexo] estejam cientes de seus direitos quando interagem com os meios de comunicação, incluindo o fato de que é legal [para a mídia] tirar uma foto deles [as] em uma rua pública... E se consentirem para uma entrevista, eles[as] podem obter as perguntas antes do fato. Coisas dessa natureza."²³⁴ – KerryPorth, Fornecendo Alternativas de Aconselhamento e Educação (PACE, em inglês), Canadá

O estigma em torno do trabalho sexual contribui para a vulnerabilidade dos/as profissionais do sexo e consolida a crença de que a violência contra as/os profissionais do sexo não será levada a sério. Sensibilização para com os direitos dos/as trabalhadores/as do sexo tem o potencial de combater a violência, reforçando as mensagens que os perpetradores da violência não serão capazes de prejudicar os/as trabalhadores/as do sexo sem serem punidos/as.²³⁵

Uma aliança de grupos sul-africanos que lutam para os direitos humanos dos/as trabalhadores/as sexo, pesquisadores e aliados no sistema de saúde pública concordaram em basear quaisquer materiais a serem produzidos pela Copa do Mundo de 2010 em torno dessas mensagens²³⁶²³⁷:

- Os/as trabalhadores/as do sexo têm o direito de trabalhar durante o período da Copa do Mundo;
- Os/as trabalhadores/as do sexo têm o direito à segurança pessoal e para não serem assediados/as pela polícia;
- Os/as trabalhadores/as do sexo têm o direito de ter acesso gratuito, de qualidade e respeitoso, à saúde. Isso inclui os/as trabalhadores/as do sexo migrantes estrangeiros/as.

Incentivando os clientes e o público a agir de forma responsável

Para a Euro Copa de 2008, alguns membros europeus da GAATW participaram de uma campanha de coligação: "A Campanha Euro 08 Contra o Tráfico de Mulheres".²³⁸²³⁹ Os

membros do GAATW estavam muito cautelosos sobre as reportagens sensacionalistas criadas em torno dos eventos esportivos, mas queriam ver se havia uma maneira de canalizar a atenção numa direção mais produtiva. A campanha tentou fazer isso através da incorporação de advertências contra políticas equivocadas em mensagens públicas, esclarecendo a distinção entre tráfico e prostituição e concentrando-se em mecanismos de proteção ao invés de medidas punitivas contra a migração e o trabalho sexual. Parte dos materiais de campanha incluíam orientações para os clientes das profissionais do sexo²⁴⁰, abrangendo informações sobre:

- Como reconhecer a prostituição relacionada ao tráfico;
- Como ajudar;
- O que não fazer;
- Regras para clientes;
- Informações de contato

Em Vancouver, a “Coligação de Comunidades de Experienciais da Columbia Britânica” (BCCEC, em inglês) distribuiu guias para transações éticas com os/as profissionais do sexo e informações sobre saúde sexual entre os clientes²⁴¹ durante os Jogos Olímpicos de 2010.

As campanhas de sensibilização pública durante a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha também incluíam a distribuição de preservativos e informações para clientes potenciais sobre os direitos dos/as trabalhadores/as sexuais.²⁴² Duas campanhas em torno da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha, “Pare a prostituição forçada” e “Ação contra a prostituição forçada”²⁴³ procuravam ajudar os clientes dos/as profissionais do sexo a identificar e denunciar casos de tráfico. A campanha *Zwangsprostitution Stoppt* ou “Pare a Prostituição Forçada”²⁴⁴ declarou que não estava julgando os clientes em geral, mas sensibilizando e incentivando-os a denunciar casos suspeitos de tráfico.

*Os direitos existentes das prostitutas precisam ser divulgados a fim de melhorar as condições de trabalho, para garantir que os serviços sejam voluntários e independentes e para combater o estigma social. Temos que ter certeza de que os direitos humanos das prostitutas sejam respeitados e que as mesmas sejam tratadas com respeito pela sociedade em geral e por seus clientes em particular. O tratamento respeitoso de prostitutas, no entanto, deve ser combinado com medidas enérgicas tomadas contra a prostituição forçada.*²⁴⁵

Desafie campanhas enganosas e prejudiciais

Para alguns grupos que lutam em prol dos direitos dos/as profissionais do sexo e os aliados desses grupos, a sensibilização significava corrigir as imagens de exploração em campanhas antitráfico. No período que antecedeu as Olimpíadas de Inverno de 2010 em Vancouver, observou-se um aumento na retórica abolicionista embutida nos esforços antitráfico. A retórica promovida nessas campanhas incluía o uso de números infundados, linguagem extremamente moralista e imagens vitimizantes de mulheres. Em Vancouver, uma coligação de defensores dos direitos dos/as trabalhadores/as sexuais protestou contra os planos do Exército da Salvação de organizar “grupos de oração” em frente aos locais de trabalho sexual e de produzir anúncios retratando mulheres em situações perigosas e violentas.²⁴⁶²⁴⁷

“O que eles estão tentando fazer é criar histeria sobre esta questão, ao invés de alcançar soluções produtivas.”²⁴⁸ – Katrina Pacey, PIVOT Legal, organização de assistência jurídica, Canadá

FairPlay

A campanha "FairPlay" criou "10 regras" em 8 línguas para os clientes dos/as profissionais do sexo, informando aos clientes que *"para fazer sexo com uma profissional do sexo de modo mais agradável e divertido, mantenha as seguintes diretrizes em mente"*²⁴⁹:

1. Polidez, respeito e uma aparência agradável abrião muitas portas – e muito mais.
2. O álcool pode ajudá-lo a superar seus medos, mas também afeta a sua capacidade de sustentar-se. Em outras palavras: quanto menos você bebe, mais diversão terá.
3. Um homem mantém a sua palavra. Seja claro desde o início sobre o que você quer e o que isso vai custar. Isso evita decepção em longo prazo.
4. Não significa não. Por exemplo, beijo de língua é geralmente fora dos limites. Cada negócio tem seus limites.
5. Com camisinha ou com camisinha – a escolha é sua. Preto, verde, azul, com nervuras ou solavancos de prazer – faça a sua escolha. Não usar um preservativo, no entanto, é uma grande falta.
6. Se você suspeitar que a violência ou a força esteja sendo usadas, o que deve fazer? Não tente ser um herói. Descubra onde é o posto de denúncia mais próximo para profissionais do sexo, por exemplo, no www.freiersein.de.
7. Negócio é negócio – e não amor, mesmo que o tempo juntos tenha sido maravilhoso. O que significue frio e mantenha seus pés no chão.
8. Pressão não ajuda a performance. Às vezes, simplesmente não funciona. Tudo bem. Apenas relaxe e, quando for o momento, dê outra chance.
9. Quando se trata de sexo, não há nenhuma garantia de devolução do dinheiro. Se você não estiver satisfeito, fale sobre isso. Se você for esperto, você não vai perder a cabeça. Aconteça o que acontecer, não exija a seu dinheiro de volta.
10. Os vizinhos querem dormir um pouco e não estão interessados na sua vida sexual. De verdade.

Aumentar a compreensão sobre a complexidade do tráfico e suas causas, ao invés de reduzir o tráfico a uma equação simplista de "oferta e demanda"

Ban Ying – uma organização antitráfico alemã – sugeriu que o foco da mídia deveria ser sobre outras questões relacionadas ao tráfico, em especial a falta de direitos para as mulheres traficadas que foram "resgatadas":

As mulheres que conseguiram escapar dessas situações e buscam a polícia estão sendo julgadas por estes de acordo com seu valor enquanto "testemunhas"... Dessa maneira, as mulheres traficadas são forçadas ao ócio e não podem ganhar qualquer dinheiro durante o período de tempo [em que vão testemunhar contra seus abusadores]. No entanto, nessa situação, elas também estão sob intensa pressão financeira. Devido ao

*longo período de espera para o julgamento, elas acabam perdendo o tempo que precisam, desesperadamente, para estabelecer uma perspectiva para seu futuro. As mulheres não têm direito de assistência psicológica durante esse período... Não estão autorizadas a ver seus filhos ou outros parentes. Também não têm permissão para entrar na escola. Esse período pode levar até três anos, desde as primeiras declarações até o início de um julgamento contra os autores do tráfico. É um fardo pesado viver sem contatos familiares durante esse longo período de tempo... Praticamente não houve cobertura da mídia sobre este escândalo.*²⁵⁰

Na África do Sul, os/as profissionais do sexo e seus grupos aliados dos direitos humanos argumentaram que o aumento da atenção da mídia e dos políticos em torno da Copa do Mundo poderia ter sido mais produtiva se tivesse sido canalizada para a saúde pública, incentivando a prática do sexo seguro e os esforços para enfrentar as altas taxas de HIV/AIDS no país.²⁵¹

*O Experts Group entende a Copa do Mundo de Futebol como um momento específico no tempo, onde terá maior atenção internacional direcionada para o tráfico de seres humanos. Este problema não será resolvido com atividades emergenciais em torno deste ou outros eventos similares, devido a sua complexidade estrutural e suas causas. – Experts Group sobre o Tráfico de Seres Humanos da Comissão Europeia.*²⁵²

ESTIMULAR ANÁLISES MAIS CRÍTICAS EM DISCUSSÕES PÚBLICAS SOBRE O TRÁFICO

O alto nível de atenção mundial direcionado ao tráfico em termos de campanhas – do financiamento, às leis e à diversidade dos programas direcionados ao seu combate – tem transformado esse tema em um assunto "popular". No entanto, as campanhas de sensibilização correm o risco de afetar negativamente os grupos marginalizados se não forem baseadas nas necessidades, forças e aspirações das pessoas traficadas.

As audiências das campanhas de conscientização pública de combate ao tráfico devem ser encorajadas a avaliar criticamente as mensagens veiculadas pela mídia, perguntando, por exemplo:

- Em quais fontes estão baseando suas informações? Quem são as principais "vozes" no artigo?
- Como estão definindo o tráfico? Fazem distinção alguma entre o tráfico e trabalho do sexo?
- O que é que essas imagens ou mensagens dizem sobre as mulheres? O que é que essas imagens ou mensagens dizem sobre as pessoas que migram de outros países?
- É a mulher que fala por si mesma ou há outros que falam no nome dela?
- Como estou sendo incentivado a ver essas mulheres?
- Quais coisas ou ações estão sendo solicitadas de mim?
- Quem é retratado como vítima? Quem é retratado como criminoso?
- Essa iniciativa tenta aumentar o poder e os direitos das mulheres, ou é unicamente sobre a 'salvação' delas?
- Se eles estão pedindo dinheiro, para onde é que o dinheiro vai?

OFERECER OPÇÕES DE TRABALHO LEGAIS E NÃO EXPLORADORAS PARA OS/AS MIGRANTES

O estabelecimento de canais legais para migrantes da classe operária irem trabalhar naqueles países onde sua mão-de-obra é necessária pode ajudar a prevenir o tráfico e a exploração. Além disso, aumentar a segurança das fronteiras e restringir a imigração pode aumentar a probabilidade de tráfico, com as pessoas sendo muito mais propensas a recorrer a serviços de traficantes, intermediários e contrabandistas se não forem autorizadas a viajar legalmente por conta própria.

*Acreditamos que a melhor prevenção contra o tráfico de seres humanos seria criar opções de trabalho regular para os [as] migrantes. Estas opções também devem incluir a possibilidade de trabalhar na prostituição. Se o aumento na demanda de serviços sexuais durante o torneio mundial de futebol realmente existe, as prostitutas dispostas a migrar deverão estar habilitadas para migração legal e temporária. A Copa do Mundo seria uma boa oportunidade para testar essa medida.*²⁵³ – Dr. Nivedita Prasad & Babette Rohner, Ban Ying, uma organização antitráfico e Membro do GAATW (Alemanha)

*[O] estabelecimento de canais legais poderia diminuir substancialmente o risco potencial do tráfico de trabalhadores [as] migrantes, o qual pode acabar em escravidão, dependendo das condições. Eles [elas] teriam verdadeiras oportunidades de entrar legalmente na União Européia e participar do mercado de trabalho.*²⁵⁴ – Grupo de Especialistas sobre o Tráfico de Seres Humanos da Comissão Europeia.

*A falta de documentação também expõe os [as] migrantes a maior risco de exploração do trabalho durante a sua estadia na África do Sul, porque os empregadores sabem que os [as] trabalhadores[as] em situação irregular geralmente não reportam os abusos. O estabelecimento de uma ampla gama de canais legais simples, baratos e bem divulgados para a imigração à África do Sul diminuiria as oportunidades dos traficantes enganarem os/as migrantes potenciais e lucrarem com a exploração, além de estimular os/as migrantes a usarem canais formais para imigração, nos quais seus direitos e sua segurança seriam mais bem protegidas.*²⁵⁵ – Marlise Richter e Tamlyn Monson, Programa de Estudos de Migração Forçada, Universidade do Witwatersrand, África do Sul.

RESPONDER AOS MEDOS DOS/AS TRABALHADORES/AS DO SEXO: DA EXPLORAÇÃO À VIOLÊNCIA POLICIAL

O assédio, a exploração e o abuso dos/as trabalhadores/as do sexo pela polícia tem sido documentados por grupos que lutam em prol dos direitos humanos de trabalhadores/as sexuais em vários países.²⁵⁶ Em muitos lugares, as leis que criminalizam o trabalho sexual deixam os/as trabalhadores/as vulneráveis à detenção e/ou à exploração policial.

*"Dei de cara com a polícia e me perguntaram se eu sabia que a prostituição é ilegal. Quando eu apenas quis responder, um dos policiais, que era mulher, me deu um murro na cara e eu comecei a sangrar. Passei cerca de três dias sem poder falar, estava com medo das acusações que fizeram de mim.*²⁵⁷ – Profissional do sexo, em Joanesburgo, África do Sul.

Em uma consultoria na África do Sul, educadores\as dos\as trabalhadores\as sexuais apresentaram reflexões, aspirações e medos deste grupo sobre a Copa do Mundo de 2010.²⁵⁸ Alguns de seus temores sobre a polícia incluíam:

- A polícia vai ser mais rigorosa;
- Teria mais abusos sexuais dos\as trabalhadores\as e o aumento da taxa de criminalidade;
- Seriam presos\as e mantidos\as na prisão durante o período da Copa do Mundo;
- Preocupação com o aumento do número de bandidos nas ruas, aumentando os casos de assaltos e violência;
- Mais batidas policiais – trabalhadores\as sexuais migrantes não podem abrir contas bancárias e precisam manter o dinheiro em seus quartos. A polícia sabe disso, faz batidas nesses quartos e pegam o dinheiro;
- Preocupação com a limpeza das ruas – limpeza das cidades. Muitas pessoas do governo enxergam os\as trabalhadores\as do sexo como "sujos" e querem os\as remover das ruas.

Após da Copa do Mundo na África do Sul, os pesquisadores descobriram que muitos desses medos havia, de fato, ocorrido.²⁵⁹

Anistia ou moratória sobre as prisões relacionadas ao trabalho do sexo

A descriminalização do trabalho sexual continua a ser uma meta de longo prazo para muitos grupos em prol de direitos dos\as trabalhadores\as do sexo. Para os eventos esportivos internacionais, as medidas de curto prazo poderiam incluir, no mínimo, uma moratória em prisões relacionadas ao trabalho sexual.

O Plano Estratégico DST-HIV-AIDS da África do Sul (2007-2011) reconhece que os vários grupos de maior risco, como os profissionais do sexo e usuários de drogas, enfrentam barreiras no acesso aos serviços de prevenção e tratamento do HIV. O Plano recomenda a descriminalização do trabalho sexual, explicitamente... Teria sido prudente que esses processos tivessem sido concluídos antes da Copa do Mundo 2010... A África do Sul perdeu uma oportunidade importante: a Alemanha, por contraste, reformou suas leis sobre trabalho sexual de forma proativa em 2002 – quatro anos antes de sediar a Copa do Mundo.²⁶⁰ – Marlise Richter, Programa de Estudos da Migração Forçada, Universidade de Witwatersrand, África do Sul

Dada a maior segurança e vigilância em torno de eventos esportivos internacionais, aliados dos\as profissionais do sexo de Vancouver (Jogos Olímpicos de Inverno de 2010), Joanesburgo (Copa do Mundo 2010) e Londres (Jogos Olímpicos de Verão de 2012) propuseram a moratória de "leis que perseguem e vitimizam os\as profissionais do sexo" ou um período de anistia para esses profissionais no período de preparação e durante os eventos.²⁶¹²⁶²²⁶³ Isto foi proposto como uma estratégia para prevenir a violência e o assédio (pela polícia e também por clientes) e aumentar o acesso dos\as trabalhadores\as do sexo aos serviços. A solicitação da moratória não foi aceita pelos governos e autoridades municipais de Vancouver e Joanesburgo. No entanto, o Departamento Policial da Cidade de Vancouver concordou em continuar sua prática customária de não prender as mulheres encontradas no trabalho sexual:

A menos que recebam uma queixa, o Departamento Policial de Vancouver geralmente oferece um amplo espaço aos\as profissionais do sexo para realizarem seu negócio. Durante os Jogos Olímpicos [2010], honraram seu compromisso de continuar a rotina de não-prisão.²⁶⁴ – "Trabalhadores sexuais de Vancouver tiveram "duas incríveis semanas", AOL News

Parcerias respeitosas entre os/as trabalhadores/as sexuais e a polícia, feitas para ajudar nos esforços antitráfico

Em uma consultoria Sul Africana, em 2009, os/as trabalhadores/as sexuais tinham "sonhos para 2010", os quais incluíam relações respeitosas com a polícia.²⁶⁵

- Cooperação entre a comunidade, a polícia, etc;
- Polícia segura, alerta e visível, protegendo todos/as;
- Que polícia não vai nos prender por causa de 2010;
- Trabalhar com a polícia, porque nós não somos criminosos/as;
- Ser capaz de fazer negócios perfeitos e profissionais sem ser perturbado/a por criminosos, clientes e policiais violentos.

O Grupo de Ação para a Segurança dos Trabalhadores da Indústria do Sexo (em inglês, SIWSAG), estabelecido pelo Departamento Policial de Vancouver em 2007, é um exemplo de como a polícia pode colaborar com os grupos que lutam em prol dos direitos dos/as profissionais do sexo e outras organizações interessadas da comunidade. O mandato do SIWSAG é criar "*estratégias informadas para reduzir a violência e aumentar a segurança e a saúde dos trabalhadores da indústria do sexo, incluindo todas as identidades de gênero e a orientações sexuais*"²⁶⁶ A polícia de Vancouver também valorizou a informação fornecida por grupos em prol dos direitos dos/as trabalhadores/as do sexo: "*boletins mensais fornecidos por uma organização dos profissionais do sexo apoiam nossas investigações contra aqueles que são violentos com esses trabalhadores.*"

*Os/as trabalhadores/as sexuais adultos/as estão melhor posicionados para ter conhecimento daqueles casos de prostituição forçada ou infantil que podem ocorrer como resultado do tráfico. No entanto, quando também são susceptíveis a sofrer (ou sofreram) assédio, julgamento ou abuso por parte da polícia ou outros funcionários do governo, torna-se muito difícil para esses/as trabalhadores/as a denunciar casos de abuso.*²⁶⁷ – Dr. Chandré Gould, do Instituto de Estudos de Segurança, África do Sul.

*"Os/as trabalhadores/as da indústria do sexo merecem viver tão seguros quanto qualquer outra pessoa em Vancouver... O Departamento Policial de Vancouver está empenhado em trabalhar com a indústria e as organizações comunitárias para manter a segurança de todos/as."*²⁶⁸ – Inspetor John de Haas.

Grupos que lutam em prol dos direitos humanos dos/as trabalhadores/as sexuais em Vancouver e Joanesburgo também recomendaram o treinamento e sensibilização da polícia como um "*mecanismo de construir a confiança em torno da reportagem de clientes violentos para todos/as os/as trabalhadores/as do sexo, tanto aqueles/as que trabalham nas ruas quanto aqueles/as que trabalham em locais fechados*". Também sugeriram que a polícia seja treinada para "*responder especificamente às chamadas de trabalhadores/as da indústria do sexo e perseguir perpetradores da violência contra esses/as*".²⁶⁹

DESCRIMINALIZAR O TRABALHO SEXUAL

Desde a sua criação, a GAATW apoiou os direitos dos/as trabalhadores/as do sexo e valorizou o papel dos grupos em prol dos direitos humanos destes profissionais no movimento antitráfico. Considerando os diferentes contextos nos quais nossos membros

atuam, a GAATW não promoveu quaisquer abordagens legislativas específicas para o trabalho sexual, mas seus associados concordam que:

- Os/as trabalhadores/as do sexo têm o direito de se organizar;
- Os/as trabalhadores/as do sexo têm direito a condições de trabalho seguras;
- A violência contra a mulher em exercício do trabalho sexual é uma grave violação dos direitos humanos;
- Tráfico é diferente do trabalho sexual; e
- As políticas antitráfico devem considerar as preocupações e os conhecimentos dos/as trabalhadores/as do sexo.

A descriminalização do trabalho sexual é a remoção das penalidades em torno do trabalho sexual adulto consensual; mas as penalidades para o tráfico, a prostituição forçada e de menores permaneceriam.

A descriminalização do trabalho sexual tem sido reconhecida como uma estratégia prática que pode ajudar os esforços antitráfico, aumentar os de prevenção do HIV/AIDS, reduzir a violência contra os/as trabalhadores/as sexuais e fortalecer os direitos desse grupo.²⁷⁰²⁷¹²⁷²²⁷³ (para mais informações sobre esse assunto, consulte *Beyond 'Supply and Demand' Catchphrases: Assessing the uses and limitations of demand-based approaches in anti-trafficking* da GAATW)

Discutir a descriminalização do trabalho sexual não significa a aprovação do trabalho sexual, – demonstra a consciência dos perigos do direito penal. A criminalização não erradicará a indústria [de sexo], nem alterará o conjunto de relações de poder que poderiam ser associadas a ela. Reconhece que as leis que criminalizam o trabalho sexual punem as mulheres e, particularmente, as que vivem na pobreza e as “de cor”, criando assim um ambiente perigoso de trabalho e de vida.²⁷⁴ – Campanha Mundial contra a AIDS

No Canadá, por exemplo, não é ilegal comprar ou vender o sexo, mas é ilegal:

- Ser dono de ou ocupar uma “casa de má fama” (um lugar regularmente utilizado para o trabalho sexual);
- Viver dos rendimentos da prostituição;
- Falar num lugar público para negociar o sexo comercial;
- Ajudar qualquer pessoa no trabalho sexual (sendo, por exemplo, segurança, recepcionista, contador ou etc.).

Portanto, a descriminalização no Canadá significaria que um/a trabalhador/a sexual poderia:

- Trabalhar no mesmo lugar que outros trabalhadores sexuais;
- Negociar-se livremente com os clientes;
- Ligar à polícia se ela for abusada, sem temer que seria preso por trabalhar no sexo, e;
- Não ter que se preocupar que a polícia possa confiscar seu dinheiro e seus bens²⁷⁵.

Os grupos que trabalham sobre questões de tráfico e os problemas associados a ele devem entender claramente as leis de seus países sobre a prostituição e o tráfico. Isto é particularmente importante quando se lida com os meios de comunicação e as percepções públicas. As leis de prostituição de um país, por exemplo, podem indicar como profissionais do sexo são vulneráveis à exploração ou ao assédio. Os países listados na primeira seção deste guia (ver "Olhando para as Evidências", página 10) têm diferentes abordagens legais para o trabalho sexual:

- África do Sul: totalmente criminalizado; incluindo a compra e venda de sexo, bem como atividades relacionadas –a manutenção de bordéis, por exemplo.
- Canadá: não é ilegal comprar ou pagar por sexo, mas muitas outras atividades relacionadas são ilegais, como viver dos rendimentos do trabalho sexual, negociar com um cliente em local público, etc.
- Alemanha: a prostituição é legalizada e está sujeita a regulamentação. Os/as trabalhadores/as do sexo são considerados/as trabalhadores/as e têm direito a benefícios sociais.
- Grécia: a prostituição é legalizada e está sujeita a regulamentação; por exemplo, bordéis devem ser localizados a uma certa distância das escolas e há limite para o número de funcionários em um local de trabalho.
- EUA: as leis são específicas para cada estado, com a maioria destes criminalizando tanto a venda quanto a compra do sexo.

*Descriminalizar o trabalho sexual... A ação da polícia não parece alterar a demanda e a oferta do trabalho sexual, apenas coloca um grupo de mulheres que já é vulnerável em maior risco. O atual quadro jurídico-penal aumenta o risco de violência e exploração para os[as] trabalhadores[as] sexuais devendo, então, ser reformada.*²⁷⁶ – Marlise Richter e Wim Delva, África do Sul

A descriminalização pode ajudar também a evitar o uso indevido das leis antitráfico. Um estudo sobre trabalhadores/as sexuais migrantes em Londres descobriu que as leis antitráfico foram, às vezes, usadas para punir as mulheres que ajudaram outras a viajar ao Reino Unido para realizar trabalho sexual.²⁷⁷ Quando o trabalho sexual é criminalizado, as vítimas de violência da indústria do sexo podem acabar sendo tratadas como criminosas. Sheila Farmer, por exemplo, é uma profissional do sexo no Reino Unido que foi acusada de manter um bordel porque trabalhava junto com outros profissionais do sexo por sua própria segurança:

*Em 1994, fui violentamente atacada e estuprada por um cliente. Nunca mais trabalhei sozinha novamente. Comecei a trabalhar com outras mulheres. Sustentávamo-nos com nosso próprio dinheiro e pagávamos tudo, incluindo aluguel e publicidade. O apartamento estava em meu nome, porque eu tinha um bom crédito. Em 2005, fomos roubadas por uma quadrilha que vinha aterrorizando mulheres durante meses. Um amigo teve uma arma apontada para sua cabeça. A polícia levou nove meses para pegar esses criminosos violentos porque a maioria das mulheres não podiam realizar denúncias por causa do medo de serem processadas... Em 2010, passei por uma invasão policial. Desde a passagem da Lei “Produtos do Crime”, soube de muitas outras mulheres que passaram por invasões, foram presas, processadas e condenadas porque devido a essa Lei, a polícia e o Ministério Público podem confiscar o dinheiro e os bens dessas mulheres ficar com uma porcentagem desse dinheiro. Quer falar sobre o lenocínio...?*²⁷⁸

A descriminalização do trabalho sexual pode também ajudar nos esforços antitráfico, promovendo a cooperação entre a polícia e os/as trabalhadores/as sexuais.²⁷⁹ Estes/as seriam “empoderados/as” através da prática de seus direitos e seriam livres para relatar suas preocupações à polícia sem medo de detenção ou assédio.

*A polícia não é mais obrigada a ir disfarçada para prender os[as] trabalhadores[as] sexuais e os[as] gestores de bordéis; não pode se intrometer nas vidas pessoais e de trabalho desses profissionais; e não são mais obrigados a registrar atenciosamente os nomes dos[as] profissionais do sexo em um cadastro e monitorá-los[as] como criminosos[as].*²⁸⁰ – Coletivo de Prostitutas da Nova Zelândia, sobre o impacto da Lei de Reforma de Prostituição (2003)

As razões mais comuns para essas mulheres não denunciarem a violência é

*o medo de não serem levadas a sério pela polícia ou o desejo de não chamar a atenção para si. As evidências sugerem que elas estão frequentemente preocupadas que suas experiências serão banalizadas pela polícia e os assaltantes não serão susceptíveis à condenação.*²⁸¹ – Charlotte Woodward (Universidade de Tecnologia de Queensland) e Jane Fischer (Universidade de Queensland), Austrália

BASEAR OS ESFORÇOS ANTITRÁFICO EM EVIDÊNCIAS E NÃO NO SENSACIONALISMO

*Deve usar uma abordagem baseada em evidências quando adotar medidas antitráfico e deve garantir que estas sejam apropriadas e proporcionais aos atuais padrões de abuso. – Recomendação de Efeitos Colaterais: O Impacto das Medidas de Combate ao Tráfico nos Direitos Humanos ao Redor do Mundo GAATW (2007)*²⁸²

Dada a natureza clandestina e politizada do fenômeno, as estatísticas do tráfico podem ser infundadas e devem ser analisadas com cuidado. Embora a existência de qualquer vítima de tráfico ainda é demais, é crucial analisar as informações com cuidado e usar evidências fundadas em fatos para responder ao problema com a proporcionalidade adequada.

Muitos dos artigos da mídia sobre o suposto elo entre os eventos esportivos e o tráfico para fins de prostituição parecem dar informações somente sobre as campanhas de ONGs (ao invés de divulgar os problemas reais do tráfico) ou repetir alegações enganosas elaboradas por grupos abolicionistas da prostituição. Por exemplo, as previsões infundadas sobre o número de 40 mil prostitutas traficadas para os mega-eventos esportivos foram repetidas em vários artigos, sem qualquer análise sobre a plausibilidade ou a origem desses números. Além disso, algumas citações de políticos também foram indiscriminadamente repetidas (veja a página 11).

Embora encontrar dados confiáveis sobre o tráfico continue sendo um desafio, há um número crescente de "lições aprendidas" por organizações não-governamentais (ONGs) e pelas partes interessadas que se envolveram em esforços antitráfico nos eventos esportivos anteriores (ver página 65, seção "Contatos úteis"). Encorajamos as partes interessadas a procurar esses grupos a fim de aprender com seus sucessos e desafios em cidades-sede anteriores. Durante os eventos esportivos anteriores, os grupos que lutam em prol dos direitos humanos de trabalhadores\as sexuais têm sido aqueles que tentaram inserir uma abordagem baseada em evidências e direitos nas discussões sobre o combate ao tráfico.

*O Experts Group gostaria de destacar a necessidade de basear fatos e diferenciar informações para fundamentar políticas eficazes, evitando a alimentar os mitos – especificamente sobre o número de vítimas de tráfico para exploração sexual em relação a este evento – que circulam.*²⁸³ – Grupo de Especialistas Sobre o Tráfico de Seres Humanos da Comissão Europeia

Um relatório canadense também sugeriu a utilização da oportunidade impar apresentada pelos eventos esportivos internacionais para informar os discursos antitráfico através de pesquisas baseadas na comunidade e lideradas por profissionais do sexo e seus aliados.²⁸⁴ Essas podem incluir a documentação do impacto das medidas antitráfico, o monitoramento dos abusos dos direitos humanos e o acompanhamento das reclamações contra a polícia e/ou as forças de segurança.²⁸⁵ Na África do Sul, o Fundo Populacional das Nações Unidas encomendou uma pesquisa à Força-Tarefa de Educação e Advocacia para Trabalhadores Sexuais, que treinou os\as profissionais do sexo como trabalhadores\as de campo em um projeto de avaliação dos impactos da Copo do Mundo de 2010 no trabalho sexual.²⁸⁶

Resumindo

Como uma organização anti-tráfico global, a GAATW está preocupada que os eventos esportivos internacionais estão sendo vinculados com o aumento do tráfico para a prostituição, sem evidências para sustentar esse elo. Esta tendência foi promovida mais fortemente por grupos abolicionistas da prostituição, que argumentam que a concentração de um grande número de homens em torno de um evento esportivo resultará automaticamente em um aumento para a demanda para o sexo comercial, que só poderia ser satisfeita através do tráfico de mulheres para a prostituição.

Como resultado deste boato, grandes quantidades de recursos e agentes de segurança pública, a publicidade da mídia e a atenção do governo foram canalizadas para resolver esse suposto problema. No entanto, toda essa atenção e todos esses recursos não conseguiram providenciar evidências convincentes de que grandes eventos esportivos aumentam o tráfico de seres humanos para os fins da prostituição. Mesmo assim, o mito do tráfico nos megaeventos ainda captura a atenção do governo e da mídia, por diversas razões, incluindo a utilidade desse boato para revestir posições que pregam a abolição da prostituição e / ou os sentimentos anti-imigrantes em uma roupagem mais humanitária.

O tráfico humano é uma grave violação dos direitos humanos, que exige uma resposta contínua e holística, baseada em evidências reais. Uma das nossas preocupações tem sido que os recursos valiosos e a energia do público estão sendo canalizados para resolver uma questão falsamente construída... e esses recursos desperdiçados são muito necessários para combater o tráfico de verdade.

Outra preocupação nossa é que essa falsa articulação entre o trabalho sexual e o tráfico na mídia e nas políticas públicas tem resultada em “danos colaterais”²⁸⁷, que estão tendo um impacto negativo em alguns dos grupos que são afetados pelas políticas anti-tráfico – os/as trabalhadores/as de sexo, em particular. Isto é o caso, por exemplo, daqueles agentes de segurança e governantes que propõem a repressão de e as restrições sobre os migrantes e as mulheres que se envolvem no trabalho sexual... justamente, de acordo com eles, para proteger os migrantes e as mulheres envolvidos no trabalho sexual.

Felizmente, mais interessados estão cada vez mais conscientes de que não há nenhuma evidência para apoiar a alegação de que os grandes eventos esportivos tem uma ligação com o tráfico para fins da prostituição. Em particular, durante os megaeventos esportivos anteriores, os grupos que militam em favor dos direitos dos/das trabalhadores/as sexuais têm trabalhado arduamente para inserir uma abordagem baseada em evidências e direitos nas discussões anti-tráfico.

Esperamos que as informações contidas neste guia tem ajudado os leitores a avaliar criticamente as mensagens e informações que recebem sobre o tráfico e os eventos esportivos. É improvável que as declarações alarmistas podem incentivar esforços de combate ao tráfico de longo prazo, mas existem maneiras para as pessoas participarem efetivamente no combate ao tráfico - não como “salvadores”, mas como aliados.

Contatos e recursos úteis

RIO DE JANEIRO, BRASIL (COPA DO MUNDO DE 2014 E JOGOS OLÍMPICOS DE 2016)

CONTATOS

O Observatório Brasileiro do Tráfico de pessoas, composto por:

- Associação de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude (ASBRAD)
- Centro Humanitário de Apoio Mulher (CHAME)
- Cedeca-Emmaus / Projeto Jepiara
- Colectivo Leila Diniz (CLD)
- Sociedade de Defesa dos Direitos Sexuais na Amazônia (Sodireitos)
- Instituto Brasileiro de Inovações pro Sociedade Saudavel (IBISS-CO)
- Centro de Apoio ao Migrante (CAMI)
- Projeto TRAMA

Email: observatoriobr@yahoo.com.br

Facebook: Observatorio Brasileiro do Trafico de Pessoas

Davida: Prostituição, Direitos Civis e Saúde

E-mail: davida@davida.org.br; flaviolenzcesar@hotmail.com

Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG)

Facebook: <https://www.facebook.com/aprosmig?fref=ts>

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA

Facebook: <https://www.facebook.com/ABIAIDS?fref=ts>

LONDRES, REINO UNIDO (JOGOS OLÍMPICOS DE 2012)

CONTATOS

Georgina Perry, Open Doors

Email: Georgina.Perry@chpct.nhs.uk

UK Network of Sex Work Projects

Email: admin@uknswp.org.uk

Website: <http://www.uknswp.org>

ARTIGOS

1. Doward, J. (2011, April 10). London 2012 Olympics: Crackdown on brothels 'puts sex workers at risk'. *The Observer*. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/uk/2011/apr/10/brothel-crackdown-london-olympics-risk>
2. Paterson, S. (2009, July 29). Trafficking, the Olympics, and the bill. *An Anthology of English Pros: Prostitution Law in the UK*. Disponível em: <http://stephenpaterson.wordpress.com/2009/07/29/traffickingtheolympicsandthebill/>

ÁFRICA DO SUL (COPA DO MUNDO DE 2010)

CONTATOS

- Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT), Website: www.sweat.org.za
- Marlise Richter, International Centre for Reproductive Health, Ghent University, Email: marlise.richter@gmail.com
- Dr. Chandr Gould, Institute for Security Studies, South Africa, Email: cgould@issafrica.org
- Dr. Loren Landau, African Centre for Migration and Society, University of the Witwatersrand, South Africa, Email: loren@migration.org.za
- Dr. Wim Delva, University of Ghent, Belgium, Email: wim.delva@ugent.be
- Sex work, health & human rights (e-group moderated by Marlise Richter): <http://groups.google.com/group/sex-work-2010-reference-group>

ARTIGOS

3. Gould, C. (2010). Human trafficking and the World Cup: How big is the threat? *ISS News* (website). Disponível em: http://www.iss.co.za/iss_today.php?ID=953
4. Harper, E., Massawe, D. & Richter, M. (2010). Report on the 2010 Soccer World Cup and Sex Work: Documenting Successes and Failures. *F MSP Research Report*. Johannesburg: Forced Migration Studies Programme (University of the Witwatersrand). Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/Report_on_the_2010_Soccer_World_Cup_and_Sex_Work_-_Documenting_Successes_and_Failures.pdf
5. La Strada International. (2010). *Questions and answers on La Strada International's Opinion on the FIFA World Cup 2010 and Human Trafficking*. Disponível em: <http://lastradainternational.org/lisidocs/Q%20&%20A%20human%20trafficking%20and%20FIFA%20WORLD%20CUP%202010.pdf>
6. Richter, M. (2009). Pimp my ride for 2010: Sex work, legal reform and HIV/AIDS. *Gender and media Diversity Journal*, 7, 80-88. Disponível em: <http://www.genderlinks.org.za/article/pimp-my-ride-for-2010-sex-work-legal-reform-and-hiv-and-aids-2010-01-05>
7. Richter ML, Chersich MF, Scorgie F, Luchters S, Temmerman M, Steen R. Sex work and the 2010 FIFA World Cup: time for public health imperatives to prevail. *Globalization and Health* 2010; 6: 1-6.
8. Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf
9. Richter, M. & Gould, C. (2010, March 23). *The Need for Evidence to Assess Concerns About Human Trafficking During the 2010 World Cup*. Disponível em: http://www.iss.co.za/iss_today.php?ID=917
10. Richter, M. & Massawe, D. (2010). Serious soccer, sex (work) and HIV – will South Africa be too hot to handle during the 2010 World Cup? *South African Medical Journal*, 100 (4), 222-223. Disponível em: <http://www.samj.org.za/files/2.pdf>
11. Richter, M. & Monson, T. (2010). Human trafficking & migration. *Migration Issue Brief 4*. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/F MSP_Migration_Issue_Brief_4_Trafficking_June_2010_doc.pdf
12. Rubin, M. (2009). The offside rule: Women's bodies in masculinised spaces. In U. Pillay, R. Tomlinson, & O. Bass (Eds.), *Development and dreams: The urban legacy of the 2010 football World Cup* (266-280). Cape Town: HSRC Press. Disponível em: <http://www.hsrcpress.ac.za/product.php?productid=2259&freedownload=1>

13. Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Mee_t_Report_2009.pdf
14. Walter, D. (ed.) (2009). Gender, media and sport [issue]. *Gender and Media Diversity Journal*, 7. Disponível em: <http://www.genderlinks.org.za/article/the-southern-africanmedia-diversity-journal-issue-7-2010-01-12>
15. Weekes, A. (2006). South African anti-trafficking legislation: A critique of control over women's freedom of movement and sexuality. *Agenda*, 70, 29-37. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/72478610/focus-fiona>
16. Ajam, K. (2010). Trafficking of people, the Cup crisis that never was. *IOL News*. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/trafficking-of-people-the-cup-crisis-thatnever-was-1.490109>
17. Bialik, C. (2010, June 19). Suspect estimates of sex trafficking at the World Cup. *Wall Street Journal*. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704289504575312853491596916.html>
18. Carpenter, L. (2010, June 10). Debunking World Cup's biggest myth. *Yahoo! Sports* Disponível em: http://g.sports.yahoo.com/soccer/world-cup/news/debunking-worldcups-biggest-myth—fbintl_lc-prostitutes061010.html
19. Kelto, A. (2010, July 6). World Cup avoids flood of sex workers. *National Public Radio* Disponível em: <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=128342077>
20. Robertson, D. (2010). SA report: World Cup human trafficking warnings exaggerated. *Voice of America*. Disponível em: <http://www.voanews.com/english/news/africa/southern/World-Cup-Human-Trafficking-Warnings-Exaggerated-96886959.html>
21. Sapa. (2010, March 4). World Cup trafficking exaggerated. *JacarandaFM*. Disponível em: <http://www.jacarandafm.com/kagiso/content/en/jacaranda/jacarandanews?oid=583277&sn=Detail&pid=6102&—World-Cup-trafficking-exaggerated—>
22. Soccer/Football Legends Revealed #4. Disponível em: www.legendsrevealed.com/Sports/2010/06/21/Soccerfootball-legends-revealed-4/
23. Wyatt, B. (2010, July 10). Soccer fans shun hookers for art's sake. *CNN*. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2010/SPORT/football/07/09/prostitute.gallery/index.html>

VANCOUVER, CANADÁ (JOGOS OLÍMPICOS DE 2010)

CONTATOS

FIRST, sex worker ally group, Vancouver, Canada

- E-mail: Joyce Arthur, jharthur@shaw.ca

Website: www.firstadvocates.org

GAATW Canada

- E-mail: Dr. Annalee Lepp, alepp@uvica.ca

ARTIGOS

24. Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraffic2010games.pdf>

25. Lepp, A. (2010). Gender, racialisation and mobility: Human trafficking and the 2010 Vancouver Winter Olympic Games. *Alliance News*, 33, 47-51. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf
26. Shannon, E. (2010). Sex workers' rights and Olympic anti-trafficking rhetoric. *Alliance News*, 33, 27-31. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf
27. Arthur, J. & O'Doherty, T. (2007, December 12). A 2010 Deadline for Prostitution. *Vancouver Sun*. Disponível em: <http://www.firstadvocates.org/press/first-op-ed-dec-12-2007>
28. Drummond, K. (2010, March 3). Vancouver sex workers had 'an amazing two weeks'. *AOL News*. Disponível em: <http://www.aolnews.com/2010/03/03/vancouver-sex-workers-had-an-amazing-two-weeks/>
29. FIRST. (2009, September 24). *Rights Not Rescue: An Open Letter to the Salvation Army*. Disponível em: <http://www.firstadvocates.org/rights-not-rescue-open-letter-salvationarmy>
30. Kardas-Nelson, M. (2010, February 25). Human trafficking and the Games. *Rabble.ca*. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2010/02/human-trafficking-and-games>
31. Little, N. (2008, December 22). Salvation Army plays into the fear and paranoia around sex work. *Xtra*. Disponível em: http://www.xtra.ca/public/National/Salvation_Army_plays_into_the_fear_and_paranoia_around_sex_work-6057.aspx

BERLIM, ALEMANHA (COPA DO MUNDO DE 2006)

CONTATOS

- Ban Ying, anti-trafficking organisation, Berlin, Germany
 - Contato: Dr. Nivedita Prasad, info@ban-ying.de
 - Website: www.ban-ying.de
- La Strada International, anti-trafficking network,
 - Contato: Suzanne Hoff, info@lastradainternational.org
 - Website: www.lastradainternational.org
- Dr. Sanja Milivojevi, University of New South Wales
 - Email: s.milivojevic@unsw.edu.au

ARTIGOS

32. Ban Ying. (2006, July 11). *Where are the 40,000? Statement on Trafficking during the World Cup*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/pageeng/start.htm>
33. Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission. (2006). *Opinion of the Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission In Connection with the World Football Cup 2006 in Germany and the Related Assumption of Increased Trafficking Activities Around this Event*. Disponível em: http://lastradainternational.org/lsidocs/350%20opinion_expert_group_WorldCup.pdf
34. Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
35. Loewenberg, S. (2006). Fears of World Cup sex trafficking boom unfounded. *The Lancet*, 368(8), 105-106.
36. Milivojevi, S. & Pickering, S. (2008). Football and sex: the 2006 FIFA World Cup and sex trafficking. *TEMIDA*, 21-47. Disponível em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-6637/2008/1450-66370802021M.pdf>
37. Milivojevi, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. *Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008*. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>

38. Prasad, N. & Rohner, B. (2006). Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour. *Ban Ying*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>
39. Arnold, C. (2006, June 13). A red card for hype on World Cup trafficking story. *Project Hope International*. Disponível em: <http://preventhumantrafficking.org/storage/article-downloads/RedCardForHype.pdf>
40. Waterfield, B. (2007, February 14). Exposed: The myth of the World Cup 'sex slaves'. *spiked*. Disponível em: <http://www.spiked-online.com/index.php?/site/article/2850/>

SUPER BOWL (EUA)

ARTIGOS

41. Kotz, P. (2011, January 27). The Super Bowl prostitute myth: 100,000 hookers won't be showing up in Dallas. *Dallas Observer*. Disponível em: <http://www.dallasobserver.com/2011-01-27/news/the-super-bowl-prostitute-myth-100-000-hookers-won-t-be-showing-up-in-dallas/>
42. Lee, E. (2011, February 3). Super Bowl hyperbole and prostitution. *The Star*. Disponível em: <http://www.thestar.com/sports/football/nfl/superbowl/article/932794—super-bowlhyperbole-and-prostitution>
43. Whitely, J. (2011, January 31). Super Bowl prostitution forecast has no proof. *WFAA*. Disponível em: <http://www.wfaa.com/sports/football/super-bowl/Super-Bowl-prostitutionprediction-has-no-proof—114983179.html>

GERAL

ARTIGOS

44. Hayes, V. (2010). Human trafficking for sexual exploitation at world sporting events. *Chicago-Kent Law Review*, 85(3), 1105-1146.
45. International Union of Sex Workers (IUSW). (2009). *The Way Forward: A Call for Action to End Violence Against Women in the Sex Industry*. Disponível em: <http://www.iusw.org/2009/07/a-call-for-action-to-end-violence-against-women-in-the-sex-industry/>
46. Jordan, A. (2011). Fact or fiction: What do we really know about human trafficking? *Program on Human Trafficking and Forced Labour, Issue Paper 3*. Washington, D.C.: American University Washington College of Law. Disponível em: <http://rightswork.org/wp-content/uploads/2011/09/Issue-Paper-3.pdf>
47. Agustin, L. *The Naked Anthropologist [blog]*. Disponível em: www.lauraagustin.com
48. O'Neill, B. (2010, March 18). Stop this illicit trade in bullshit stories. *spiked*. Disponível em: <http://www.spiked-online.com/index.php/site/printable/8324/>
49. Ozimek, J.F. (2010, October 7). Have hordes of sex workers snubbed the Commonwealth games? *The Register*. Disponível em: http://www.theregister.co.uk/2010/10/07/olympic_workers/
50. Paterson, S. (2010, September 29). Sexual enslavement at the *Ryder Cup*? *spiked*. Disponível em: <http://www.spiked-online.com/index.php/site/article/9712/>

Agradecimentos

Agradecimentos às pessoas que criticaram as versões iniciais deste texto: Noushin Khushrushahi, Tamara O’Doherty, Stephen Paterson, Marlise Richter, Esther Shannon, Mary Shearman. E também ao Georgina Perry e Catherine Stephens por compartilhar suas visões sobre os impactos no nível da comunidade que esse problema causou em Londres.

Esse projeto foi apoiado por uma bolsa da Open Society Foundations. Agradecemos Heather Doyle e Open Society Foundations por seu apoio e suas recomendações durante o projeto.

Finalmente, queremos agradecer nossos colegas no GAATW Executive Board and International Secretariat por suas críticas, recomendações e apoio.

¹Para mais informações sobre essa definição, veja: “What is human trafficking?”Retirado no 23.4.2010, do site do United Nations Office on Drugs and Crime: <http://www.unodc.org/unodc/en/human-trafficking/what-is-humantrafficking.html>

² Ban Ying. (2006). *Comments on the first Report of the Special Rapporteur on the human rights aspects of the victims of trafficking in persons, especially women and children, Sigma Huda: “Integration of the human rights of women and a gender perspective, E/CN.4/2006/62, 20.2.2006 for the 62nd Session of the Commission on Human Rights”.*

³Self-Empowerment Program for Migrant Women (SEPOM) (2010). *‘Trafficked’ Identities as a Barrier to Community Reintegration: Five Stories of Women Rebuilding Lives and Resisting Categorisation.* GAATW Feminist Participatory Action Research Series. Bangkok: GAATW. Disponível em: http://www.gaatw.org/FPAR_Series/FPAR_SEPOM.2010.pdf

⁴Richter, M. & Monson, T. (2010). Human trafficking & migration. Migration Issue Brief 4. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/FMSP_Migration_Issue_Brief_4_Trafficking_June_2010_doc.pdf

⁵ Reportagem especial sobre o tráfico de mulheres e crianças. (20 February 2009). *Promotion and Protection of All Human Rights, Civil, Political, Economic, Social and Cultural Rights, Including the Right to Development.* (Submitted to the 10th HRC, Agenda item 3, No. A/HRC/10/16). Genebra: Nações Unidas.

⁶E.g. UNESCO (Bangkok). Factsheet #1: Worldwide Trafficking Estimates by Organizations. Disponível em: http://www.unescobkk.org/fileadmin/user_

⁷GAATW. (2010). Beyond Borders: Exploring Links Between Trafficking and Gender. GAATW Working Papers Series 2010. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/WP_on_Gender.pdf

⁸ UNESCO (Bangkok). Trafficking Statistics Project. Disponível em: <http://www.unescobkk.org/en/culture/cultural-diversity/trafficking-and-hivaidis-project/projects/trafficking-statistics-project/>

⁹ Jordan, A. (2011). “Fact or fiction: What do we really know about human trafficking?” Program on Human, Trafficking and Forced Labour, Issue Paper 3. Washington, D.C.: American University Washington College of Law. Disponível em: <http://rightswork.org/wp-content/uploads/2011/09/Issue-Paper-3.pdf>

-
- ¹⁰ Lee, E. (3.2.2011). Super Bowl hyperbole and prostitution. The Star. Disponível em: <http://www.thestar.com/sports/football/nfl/superbowl/article/932794—super-bowl-hyperbole-and-prostitution>
- ¹¹ Kardas-Nelson.M. (25.2.2010). Human trafficking and the Games. Rabble.ca. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2010/02/human-trafficking-and-games>
- ¹² Milivojevi, S. & Pickering, S. (2008). Football and sex: the 2006 FIFA World Cup and sex trafficking. TEMIDA, 21-47. Disponível em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-6637/2008/1450-66370802021M.pdf>
- ¹³ E.g. McLaren, C. (22.5.2009). 'Buying sex is not a sport': sex work campaign. The Hook. Disponível em: <http://theyee.ca/Blogs/TheHook/Olympics2010/2009/0522/CampaignProstitutionOlympics/>
- ¹⁴ (28.2.2006). EU to fight forced prostitution during major sports events. EurActiv.com. Disponível em: <http://www.euractiv.com/sports/eu-fight-forced-prostitution-major-sports-events/article-152961>
- ¹⁵ União Europeia, Parlamento Europeu. (2006). *European Parliament Resolution on forced prostitution in the context of world sport*. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/oeil/FindByProcnum.do?lang=en&procnum=RSP/2006/2508>
- ¹⁶ União Europeia, Parlamento Europeu. (2006). *European Parliament Resolution on forced prostitution in the context of world sport events*. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/oeil/FindByProcnum.do?lang=en&procnum=RSP/2006/2508>
- ¹⁷ Conselho da União Europeia. (27-28.04.2006). 2725th Council Meeting: Justice and Home Affairs (press release). Luxembourg: Justice and Home Affairs. Disponível em: <http://www.statewatch.org/news/2006/apr/jha-27-28-april-press-rel.pdf>
- ¹⁸ Lee, E. (3.2.2011). Super Bowl hyperbole and prostitution. The Star. Disponível em: <http://www.thestar.com/sports/football/nfl/superbowl/article/932794—super-bowl-hyperbole-and-prostitution>
- ¹⁹ Richter, M. & Massawe, D. (2010). Serious soccer, sex (work) and HIV – will South Africa be too hot to handle during the 2010 World Cup? South African Medical Journal, 100 (4), 222-223. Disponível em: <http://www.samj.org.za/files/2.pdf>
- ²⁰ Lepp, A. (2010). Gender, racialisation and mobility: Human trafficking and the 2010 Vancouver Winter Olympic Games. Alliance News, 33, 47-51. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf
- ²¹ Prasad, N. & Rohner, B. (2006). Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour. Ban Ying. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>
- ²² Carpenter, L. (10.06.2010). Debunking World Cup's biggest myth. Yahoo! Sports. Disponível em: http://g.sports.yahoo.com/soccer/world-cup/news/debunking-world-cups-biggest-myth—fbintl_lc-prostitutes061010.html
- ²³ E.g. (05.03.2010). World Cup 2010: 40,000 prostitutes to enter South Africa. The Telegraph. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/competitions/world-cup-2010/7374301/World-Cup-2010-40000-prostitutes-to-enter-South-Africa.html>
- Skoch, I. (07.10.2010). World Cup welcome: A billion condoms and 40,000 sex workers. Global Post. Disponível em: <http://www.globalpost.com/dispatch/sports/100505/world-cup-sex-workers?page=0,0>
- Cherner, R. (15.06.2010). World Cup: A billion condoms may not be enough. USA Today. Disponível em: <http://content.usatoday.com/communities/gameon/post/2010/06/world-cup-a-billion-condoms-may-not-be-enough/1>

²⁴E.g. Ajam, K. (2010). Trafficking of people, the Cup crisis that never was. IOL News. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/trafficking-of-people-the-cup-crisis-that-never-was-1.490109>

Robertson, D. (13.04.2010). Spotlight on human trafficking before World Cup in South Africa. Voice of America. Disponível em: <file:///Z:/PowerInMigration&Work%20-%20Demand/Print%20media%20-%20trafficking%20sporting%20events/1-DONE/VOA%20-%20SA%20World%20Cup%20trafficking%20exaggerated.htm>

²⁵ Bialik, C. (19.06.2010). Suspect estimates of sex trafficking at the World Cup. Wall Street Journal. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704289504575312853491596916.html>

²⁶ Carpenter, L. (10.06.2010). Debunking World Cup's biggest myth. *Yahoo! Sports*. Disponível em: http://g.sports.yahoo.com/soccer/world-cup/news/debunking-world-cups-biggest-myth—fbintl_ic-prostitutes061010.html

²⁷ Bialik, C. (19.06.2010). Suspect estimates of sex trafficking at the World Cup. *Wall Street Journal*. Available disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704289504575312853491596916.html>

²⁸ Portfolio Committee on Justice. (2010, August 3). World Cup dedicated courts; Human trafficking during 2010 Soccer World Cup. *Department of Justice briefing*. Disponível em: <http://www.pmg.org.za/report/20100803-department-justice-constitutional-development-dedicated-courts-conven>

²⁹ Harper, E., Massawe, D. & Richter, M. (2010). Report on the 2010 Soccer World Cup and Sex Work: Documenting Successes and Failures. *FMSP Research Report*. Johannesburg: Forced Migration Studies Programme (University of the Witwatersrand). Disponível em: <http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/>

Report_on_the_2010_Soccer_World_Cup_and_Sex_Work_-_Documenting_Successes_and_Failures.pdf

³⁰ Para mais informações, veja o site da Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) no www.sweat.org.za.

³¹ Delva, W. (undated). Female sex work and the 2010 Soccer World Cup: No spike in supply and demand of paid sex through newspaper and online advertising. *International Centre for Reproductive Health (Ghent University)*. Disponível em: <http://www.icrh.org/news/female-sex-work-and-the-2010-soccer-world-cup-no-spike-in-supply-and-demand-of-paid-sex-through>

³² Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf

³³ Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf

³⁴ Kelto, A. (06.07.2010). World Cup avoids flood of sex workers. *National Public Radio*. Disponível em: <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=128342077>

³⁵ Thakali, T. & Bailey, C. (19.06.2010). No 'boom boom' for Joburg's sex workers. *IOL News*. Disponível em: <http://www.iol.co.za/sport/no-boom-boom-for-joburg-s-sex-workers-1.490629>

³⁶ Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf

³⁷ E.g. The Future Group. (2007). Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics. Calgary: The Future Group. (2.11.2007). Human trafficking a Games pitfall, researcher warns. *Vancouver Sun*. Disponível em: <http://www.canada.com/vancouvernews/business/story.html?id=c8b93773-4373-465c-92a3-4c5af740bec7>

(21.05.2009). Campaign to raise awareness of potential sex trafficking at 2010 Games. *The Canadian Press*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/05/21/bc-olympic-buying-sex.html>

Resist Exploitation, Embrace Dignity (REED). *Buying Sex is Not a Sport*. Disponível em: <http://embracedignity.org/?page=buyingsexisnotasport>

³⁸ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextrafficking2010games.pdf>

³⁹ Lepp, A. (6.7.2010). *Understanding Trafficking and Human Rights in the Context of Migration, Labour, Gender and Globalisation at Beyond Borders: Trafficking in the Context of Migrant, Labour and Women's Rights – GAATW International Members Congress and Conference*, Bangkok, Thailand. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/IMCC2010_Report.pdf

⁴⁰ (28.09.2009). New anti-sex-trafficking campaign before Games: police. *CBC News*. Disponível em:

<http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/09/28/bc-salvation-army-human-sex-traffickingpolice.html>

⁴¹ Kardas-Nelson.M. (25.02.2010). Human trafficking and the Games. *Rabble.ca*. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2010/02/human-trafficking-and-games>

⁴² (19.09.2009). New anti-sex-trafficking campaign before Games: police. *CBC News*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/09/28/bc-salvation-army-human-sex-traffickingpolice.html>

⁴³ Lepp, A. (2010). Gender, racialisation and mobility: Human trafficking and the 2010 Vancouver Winter Olympic Games. *Alliance News*, 33, 47-51. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf

⁴⁴ Dr. Annalee Lepp (University of Victoria) planeja disponibilizar as descobertas de um projeto de pesquisa sobre os Jogos Olímpicos, tráfico e trabalho sexual no final de 2011.

⁴⁵ i.e. Seções 210-213 do Canadian Criminal Code. Para mais informações, veja <http://laws-lois.justice.gc.ca/eng/acts/C-46/>

⁴⁶ Deering, K. N. (2011). Sex work safety, human trafficking and the 2010 winter olympics in Canada. *Canadian Journal of Infectious Diseases and Medical Microbiology Conference: 20th Annual Canadian Conference on HIV/AIDS Research: Honouring our History, Embracing our Diversity, CAHR 2011 Toronto, ON Canada*, 14-17 April 2011.

⁴⁷ Dr. Annalee Lepp (University of Victoria) planeja disponibilizar as descobertas de um projeto de pesquisa sobre os Jogos Olímpicos, tráfico e trabalho sexual no final de 2011.

⁴⁸ Shannon, E. (2010). Sex workers' rights and Olympic anti-trafficking rhetoric. *Alliance News*, 33, 27-31. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf

⁴⁹ Drummond, K. (03.03.2010). Vancouver sex workers had 'an amazing two weeks'. *AOL News*. Disponível em: <http://www.aolnews.com/2010/03/03/vancouver-sex-workers-had-an-amazing-two-weeks/>

⁵⁰ Lee, E. (03.02.2011). Super Bowl hyperbole and prostitution. *The Star*. Disponível em: <http://>

www.thestar.com/sports/football/nfl/superbowl/article/932794—super-bowl-hyperbole-and-prostitution

⁵¹Prasad, N. & Rohner, B. (2006). Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour. *Ban Ying*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>

⁵²Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

⁵³Milivojevi, S. & Pickering, S. (2008). Football and sex: the 2006 FIFA World Cup and sex trafficking.

TEMIDA, 21-47. Disponível em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-6637/2008/1450-66370802021M.pdf>

⁵⁴(26.04.2006). World Cup concerns Nordic council. *Norden.org*. Disponível em: <http://www.norden.org/en/news-and-events/news/world-cup-concerns-nordic-council/>

⁵⁵Council of Europe. (2006). *2006 World Cup: PACE asks FIFA to join the fight against trafficking in women*. Strasbourg: Council of Europe Parliamentary Assembly. Disponível em: <http://assembly.coe.int/ASP/Press/StopPressView.asp?ID=1759>

⁵⁶Tavella, A.M. (2007). Sex trafficking and the 2006 World Cup in Germany: Concerns, actions and implications for future international sporting events. *Northwestern Journal of International Human Rights*, 6(1), 196-217. Disponível em: <http://www.law.northwestern.edu/journals/jihr/v6/n1/8/Tavella.pdf>

⁵⁷Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

⁵⁸Milivojevi, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. *Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008*. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>

⁵⁹Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>

⁶⁰(28.02.2006). EU to fight forced prostitution during major sports events. *EurActiv.com*. Disponível em:

<http://www.euractiv.com/sports/eu-fight-forced-prostitution-major-sports-events/article-152961>

⁶¹Tzortzis, A. (2006, May 5). World Cup goal: Stem prostitution. *The Christian Science Monitor*. Disponível em: <http://www.csmonitor.com/2006/0505/p06s02-woeu.html>

⁶²International Organisation for Migration (IOM). (2007). *Research on Trafficking in Human Beings and the 2006 World Cup in Germany* [info sheet]. Geneva: IOM. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/projects/showcase_pdf/WorldCup2006.pdf

⁶³German Delegation of the Council of the European Union. (2007, January 19). *Experience Report on Human Trafficking for the Purpose of Sexual Exploitation and Forced Prostitution in Connection with the 2006 Football World Cup in Germany, 5006/1/07*. Presented to the Multidisciplinary Group on Organised Crime of the Council of

the European Union. Disponível em: <http://register.consilium.europa.eu/pdf/en/07/st05/st05006-re01.en07.pdf>

⁶⁴ Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

⁶⁵ Ban Ying. (2006). *Where are the 40.000? Statement on Trafficking during the World Cup*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcupstatement.pdf>

⁶⁶ Ban Ying. (2006). *Where are the 40.000? Statement on Trafficking during the World Cup*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcupstatement.pdf>

⁶⁷ La Strada International. (2006, October). *La Strada International Newsletter, Issue 3*. Disponível em:

<http://lastradainternational.org/documents/newsletters/La%20Strada%20Newsletter%20Issue%203.pdf>

⁶⁸ Loewenberg, S. (2006). Fears of World Cup sex trafficking boom unfounded. *The Lancet*, 368(8), 105-106

⁶⁹ (06.07.2006). Feared Surge in World Cup Prostitution Proves Unfounded. *Deutsche Welle*. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,2079721,00.html>

⁷⁰ Council of the European Union. (2007, January 19). *Experience Report on Human Trafficking for the Purpose of Sexual Exploitation and Forced Prostitution in Connection with the 2006 Football World Cup in Germany [5006/1/07, REV 1]*. Disponível em: <http://register.consilium.europa.eu/pdf/en/07/st05/st05006-re01.en07.pdf>

⁷¹ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: http://www.straight.com/files/pdf/sextraffice2010_games.pdf

⁷² (2003, July 23). Anger over Greek Olympic brothels. BBC News. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3091209.stm>

⁷³ Tzilivakis, K. (2004, August 27). Red-light workers get the blues. Athens News. Disponível em: http://www.athensnews.gr/old_issue/13091/11931

⁷⁴ Paterson, S. (2010, September 29). Sexual enslavement at the Ryder Cup? spiked. Disponível em: <http://www.spikedonline.com/index.php/site/article/9712/>

⁷⁵ Tzilivakis, K. (2004, August 27). Red-light workers get the blues. *Athens News*. Disponível em: http://www.athensnews.gr/old_issue/13091/11931

⁷⁶ The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: The Future Group.

⁷⁷ Ministry of Foreign Affairs of the Hellenic Republic, Progress Report on the National Action Plan to Combat Trafficking in Persons, 2004, p. 9 as cited in Prasad, N. & Rohner, B. (2006). Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour. *Ban Ying*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>

⁷⁸ Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

⁷⁹ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: http://www.straight.com/files/pdf/sextraffice2010_games.pdf

⁸⁰ The Protection Project (2004, November 25) as cited in The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: The Future Group.

⁸¹ ARSIS (2004) as cited in Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

⁸² US State Department (2005) as cited in Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraffice2010games.pdf>

⁸³ Tzilivakis, K. (2004, August 27). Red-light workers get the blues. *Athens News*. Disponível em: http://www.athensnews.gr/old_issue/13091/11931

⁸⁴ E.g. Ryan, K.M. (2011, January 31). Let's not let the Super Bowl be a business opportunity for sex traffickers. *Huffington Post*. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/kevin-m-ryan/post_1653_b_816311.html Goodman, M. (2011, February 1). Super Bowl a magnet for under-age sex trade. *Reuters*. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2011/02/01/us-nfl-superbowl-sex-idUSTRE70U6F820110201> Van de Putte, L. (2011, February 2). Super Bowl a magnet for human traffickers. *San Antonio Express News*. Disponível em: <http://www.mysanantonio.com/opinion/commentary/article/Super-Bowl-a-magnet-for-humantraffickers-990483.php> (2011, February 1). Police watch for sex trafficking ahead of big game. *Associated Press*. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2011/02/01/ap/national/main7304578.shtml>

⁸⁵ Lee, E. (2011, February 3). Super Bowl hyperbole and prostitution. *The Star*. Disponível em: <http://www.thestar.com/sports/football/nfl/superbowl/article/932794—super-bowl-hyperbole-and-prostitution>

⁸⁶ Kotz, P. (2011, January 27). The Super Bowl prostitute myth: 100,000 hookers won't be showing up in Dallas. *Dallas Observer*. Disponível em: <http://www.dallasobserver.com/2011-01-27/news/the-super-bowl-prostitutemyth-100-000-hookers-won-t-be-showing-up-in-dallas/>

⁸⁷ Huckerby, J. (2007). United States [book chapter]. In GAATW (Ed.), *Collateral Damage: The Impact of Anti-Trafficking Measures on Human Rights Around the World*. Bangkok: GAATW. Disponível em: http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/CollateralDamage_BRAZIL.pdf

⁸⁸ E.g. U.S. Department of State, Office to Monitor and Combat Trafficking in Persons. (2011). *Prevention: Fighting Sex Trafficking by Curbing Demand for Prostitution [factsheet]*. Disponível em: <http://www.state.gov/documents/organization/167329.pdf> U.S. Department of State, Bureau of Public Affairs. (2004). *The Link Between Prostitution and Sex Trafficking [factsheet]*.

⁸⁹ Whitely, J. (2011, January 31). Super Bowl prostitution forecast has no proof. *WFAA*. Disponível em: <http://www.wfaa.com/sports/football/super-bowl/Super-Bowl-prostitution-prediction-has-no-proof—114983179.html>

⁹⁰ Kotz, P. (2011, January 27). The Super Bowl prostitute myth: 100,000 hookers won't be showing up in Dallas. *Dallas Observer*. Disponível em: <http://www.dallasobserver.com/2011-01-27/news/the-super-bowl-prostitutemyth-100-000-hookers-won-t-be-showing-up-in-dallas/>

⁹¹ Gould, C. Moral panic, human trafficking and the 2010 Soccer World Cup. *Agenda*, 85, 31-44. Disponível em: <http://www.agenda.org.za/launch-of-agenda-no-85-2010-fifa-world-cup-gender-politics-and-sport/>

⁹² Ban Ying. (2006). Where are the 40,000? Statement on trafficking during the World Cup. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/pageeng/start.htm>

-
- ⁹³Kotz, P. (2011, January 27). The Super Bowl prostitute myth: 100,000 hookers won't be showing up in Dallas. *Dallas Observer*. Disponível em: <http://www.dallasobserver.com/2011-01-27/news/the-super-bowl-prostitute-myth-100000-hookers-won-t-be-showing-up-in-dallas/>
- ⁹⁴E.g. see GAATW. (2010). Beyond Borders: Exploring Links Between Trafficking and Migration. GAATW Working Papers Series 2010. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/WP_on_Migration.pdf
- ⁹⁵(2003, July 23). Anger over Greek Olympic brothels. BBC News. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3091209.stm>
- ⁹⁶E.g. See Bovenkerk, F. & van San, M. (2011). Loverboys in the Amsterdam Red Light District: A realist approach to the study of a moral panic. *Crime Media Culture*, 7(2), 185-199. Doezenia, J. (2000). Loose women or lost women? The reemergence of the myth of 'white slavery' in contemporary discourses of 'trafficking in women'. *Gender Issues*, 18 (1), 23-50. Disponível em: <http://www.walnet.org/csis/papers/doezema-loose.html>
- ⁹⁷O'Neill, B. (2010, March 18). Stop this illicit trade in bullshit stories. *Spiked*. Disponível em: <http://www.spikedonline.com/index.php/site/printable/8324/>
- ⁹⁸GAATW. (2010). *Feeling good about feeling bad... A global review of evaluation in anti-trafficking initiatives*. Bangkok, GAATW. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/GAATW_Global_Review.FeelingGood.AboutFeelingBad.pdf
- ⁹⁹GAATW. (2010). Beyond Borders: Exploring Links Between Trafficking and Gender. GAATW Working Papers Series 2010. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/WP_on_Gender.pdf
- ¹⁰⁰Kotz, P. (2011, January 27). The Super Bowl prostitute myth: 100,000 hookers won't be showing up in Dallas. *Dallas Observer*. Disponível em: <http://www.dallasobserver.com/2011-01-27/news/the-super-bowl-prostitute-myth-100000-hookers-won-t-be-showing-up-in-dallas/>
- ¹⁰¹Robertson, D. (2010). SA report: World Cup human trafficking warnings exaggerated. *Voice of America*. Disponível em: <http://www.voanews.com/english/news/africa/southern/World-Cup-Human-Trafficking-Warnings-Exaggerated-96886959.html>
- ¹⁰²Sapa. (2009, October 23). Human trafficking: not enough awareness. *IOL News*. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/human-trafficking-not-enough-awareness-1.462525>
- ¹⁰³Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ¹⁰⁴Wyatt, B. (2010, July 10). Soccer fans shun hookers for art's sake. CNN. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2010/SPORT/football/07/09/prostitute.gallery/index.html>
- ¹⁰⁵Pillay, V. & Salo, E. (eds.). (2010). 2010 FIFA World Cup: Gender, politics and sport. *Agenda*, 85. Disponível em: <http://www.agenda.org.za/launch-of-agenda-no-85-2010-fifa-world-cup-gender-politics-and-sport/>
- ¹⁰⁶Walter, D. (ed.). (2009). Gender, media and sport. *Gender & Media Diversity Journal*, 7. Disponível em: <http://www.genderlinks.org.za/article/gender-economic-empowerment-and-2010-2010-01-05>
- ¹⁰⁷Gaura, D. (2009). Gender, economic empowerment and 2010. *Gender & Media Diversity Journal*, 7, 48-53. Disponível em: <http://www.genderlinks.org.za/article/gender-economic-empowerment-and-2010-2010-01-05>

-
- ¹⁰⁸Rubin, M. (2009). The offside rule: Women's bodies in masculinised spaces. In U. Pillay, R. Tomlinson, & O. Bass (Eds.), *Development and dreams: The urban legacy of the 2010 football World Cup* (266-280). Cape Town: HSRC Press. Disponível em: <http://www.hsrcpress.ac.za/product.php?productid=2259&freedownload=1>
- ¹⁰⁹E.g. (2010, June 15). Commonwealth Games could see prostitution and trafficking increase. STV (Scotland). Disponível em: <http://news.stv.tv/scotland/west-central/182789-commonwealth-games-could-see-prostitution-and-traffickingincrease>/Hodges, S. (2011, January 19). Women taking up fight against sex trafficking ahead of Super Bowl. *The Dallas Morning News*. Disponível em: <http://www.dallasnews.com/sports/super-bowl/local/20110119-women-taking-up-fight-againstsex-trafficking-ahead-of-super-bowl.ece>
- ¹¹⁰Coalition Against Trafficking in Women (CATW). (2006). *Primer on the Male Demand for Prostitution*. US: CATW. Disponível em: <http://action.web.ca/home/catw/attach/PRIMER.pdf>
- ¹¹¹The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: TheFuture Group
- ¹¹²Coalition Against Trafficking in Women (CATW). (2006). *Primer on the Male Demand for Prostitution*. US: CATW. Disponível em: <http://action.web.ca/home/catw/attach/PRIMER.pdf>
- ¹¹³Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ¹¹⁴Miles, A. (2002-2003). Prostitution, trafficking and the global sex industry: An interview with Janice Raymond. *Canadian Woman Studies*, 22 (3-4), 26-37.
- ¹¹⁵Doezema, J. (2002). "Who gets to choose? Coercion, consent and the UN Trafficking Protocol?" *Gender and Development*, 10(1), 20-27.
- ¹¹⁶As cited in Milivojevi, S. & Pickering, S. (2008). Football and sex: the 2006 FIFA World Cup and sex trafficking. *TEMIDA*, 21-47. Disponível em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-6637/2008/1450-66370802021M.pdf>
- ¹¹⁷New Zealand Government. (2008). *Report of the Prostitution Law Review Committee on the Operation of the Prostitution Reform Act 2003*. Wellington: Ministry of Justice. Disponível em: <http://www.justice.govt.nz/policy/commercial-propertyandregulatory/prostitution/prostitution-law-review-committee/publications/plrc-report/documents/report.pdf>
- ¹¹⁸O'Connor, M. (2010, February 12). South Africa addresses human trafficking in advance of World Cup soccer. *Spero News*. Disponível em: <http://www.speroforum.com/a/27307/South-Africa-addresses-human-trafficking-in-advanceof-World-Cup-soccer>
- ¹¹⁹Barr, J. & Noren, N. (2011, January 7). Concerns raised about illegal sex trade. ESPN: Outside the Lines. AvailableSporting_Events_17.10.2011_Chapters1-2.2.pm4d516/1/2555, 8:39 online at: <http://sports.espn.go.com/espn/otl/news/story?id=5251940>
- ¹²⁰The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: TheFuture Group.
- ¹²¹Boughton, N. (2010). *Buying sex is not a sport: Human trafficking is the seamy side of the Olympics*. Mandate.
- ¹²²McRoskey, S. (2010). Security and the Olympic Games: Making Rio an Example. *Yale Journal of International Affairs*, Spring/Summer 2010, 91-105. Disponível em: <http://yalejournal.org/wp-content/uploads/2010/09/105209mcroskey.pdf>

-
- ¹²³Full text online at: <http://lordsheikh.com/?p=1434> and <http://www.theyworkforyou.com/lords/?id=2010-10-14a.594.9>
- ¹²⁴GAATW. (2010). *Beyond Borders: Exploring Links Between Trafficking and Migration*. GAATW Working Papers Series 2010. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/WP_on_Migration.pdf
- ¹²⁵GAATW and La Strada International. (2009 Oct 18). NGO Priority for EU Anti-Trafficking Day 2009: Focus on Human Rights. NGO paper for the EU Ministerial Conference: Towards Global EU Action Against Trafficking in Human Beings.
- ¹²⁶Weekes, A. (2006). South African anti-trafficking legislation: A critique of control over women's freedom of movement and sexuality. *Agenda*, 70, 29-37. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/72478610/focus-fiona>
- ¹²⁷E.g. The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: The Future Group.
- ¹²⁸The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: The Future Group.
- ¹²⁹E.g. (2009, October 23). Human trafficking: not enough awareness. *IOL News*. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/human-trafficking-not-enough-awareness-1.462525> (2007, November 2). Human trafficking a Games pitfall, researcher warns. *The Vancouver Sun*. Disponível em: <http://www.canada.com/vancouver/news/business/story.html?id=c8b93773-4373-465c-92a3-4c5af740bec7>
- ¹³⁰Ministry of Foreign Affairs of the Hellenic Republic, Progress Report on the National Action Plan to Combat Trafficking in Persons, 2004, p. 9 as cited in Prasad, N. & Rohner, B. (2006). *Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour*. Ban Ying. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>
- ¹³¹Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ¹³²US State Department (2005) as cited in Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>
- ¹³³Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ¹³⁴(2003, July 23). Anger over Greek Olympic brothels. *BBC News*. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3091209.stm>
- ¹³⁵Hayes, V. (2010). Human trafficking for sexual exploitation at world sporting events. *Chicago-Kent Law Review*, 85 (3), 1105-1146.
- ¹³⁶E.g. FIRST. (2009, September 24). Rights Not Rescue: An Open Letter to the Salvation Army. Disponível em: <http://www.firstadvocates.org/rights-not-rescue-open-letter-salvation-army> (2009, September 25). Sex trade workers decry Salvation Army posters. *Vancouver Sun*. Disponível em: <http://www.canada.com/vancouver/news/westcoastnews/story.html?id=7bbda753-5f9b-4d9e-959e-8daea40fd1de> Little, N. (2008, December 22). Salvation Army plays into the fear and paranoia around sex work. *Xtra*. Disponível em:

http://www.xtra.ca/public/National/Salvation_Army_plays_into_the_fear_and_paranoia_around_sex_work-6057.aspx

¹³⁷Gould, C. Moral panic, human trafficking and the 2010 Soccer World Cup. *Agenda*, 85, 31-44. Disponível em: <http://www.agenda.org.za/launch-of-agenda-no-85-2010-fifa-world-cup-gender-politics-and-sport/>

¹³⁸Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

¹³⁹E.g. FIM – Frauenrecht ist Menschenrecht e.V. (2006). *Stop Forced Prostitution*. Disponível em: <http://www.stopptzwangsprostitution.de/en/>

¹⁴⁰Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

¹⁴¹Prasad, N. & Rohner, B. (2006). *Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour*. Ban Ying. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>

¹⁴²Disponível em: http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/singlefile_CollateralDamagefinal.pdf

¹⁴³Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission. (2006). *Opinion of the Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission In Connection with the World Football Cup 2006 in Germany and the Related Assumption of Increased Trafficking Activities Around this Event*. Disponível em: http://lastradainternational.org/lisidocs/350%20opinion_expert_group_WorldCup.pdf

¹⁴⁴Milivojević, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>

¹⁴⁵Richter, M. & Gould, C. (2010, March 23). *The Need for Evidence to Assess Concerns About Human Trafficking During the 2010 World Cup*. Disponível em: http://www.iss.co.za/iss_today.php?ID=917

¹⁴⁶(2010, June 21). Report: Trafficking focus takes light off other issues. *Mail & Guardian*. Disponível em: http://mg.co.za/article/2010-06-21-reporttrafficking-focus-takes-light-off-other-issuesSporting_Events_17.10.2011_Chapters1-2.2.pm4d616/1/2555,8:39

¹⁴⁷Richter, M. & Monson, T. (2010). Human trafficking & migration. *Migration Issue Brief 4*. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/FMSP_Migration_Issue_Brief_4_Trafficking_June_2010_doc.pdf

¹⁴⁸Nyangairi, B. (2009, November 26-27). The difference between sex work and trafficking – and why this difference matters. Presentation at Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf

¹⁴⁹Prasad, N. & Rohner, B. (2006). *Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour*. Ban Ying. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>

¹⁵⁰Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em:

em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

¹⁵¹Richter, M. & Monson, T. (2010). Human trafficking & migration. *Migration Issue Brief* 4. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/FMSP_Migration_Issue_Brief_4_Trafficking_June_2010_doc.pdf

¹⁵²Richter, M. & Monson, T. (2010). Human trafficking & migration. *Migration Issue Brief* 4. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/FMSP_Migration_Issue_Brief_4_Trafficking_June_2010_doc.pdf

¹⁵³Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf

¹⁵⁴Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>

¹⁵⁵Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf

¹⁵⁶Kardas-Nelson, M. (2010, February 25). *Human trafficking and the Games*. Rabble.ca. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2010/02/human-trafficking-and-games>

¹⁵⁷Shannon, E. (2010). Sex workers' rights and Olympic anti-trafficking rhetoric. *Alliance News*, 33, 27-31. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf

¹⁵⁸Andrijasevic, R. (2007). Beautiful dead bodies: Gender, migration and representation in anti-trafficking campaigns. *Feminist Review*, 86, 24-44. Disponível em: <http://www.atc.org.yu/data/File/Trgovina%20Judima/beautiful%20dead%20bodies.pdf>

¹⁵⁹E.g. Hughes, D. (2005). *The Demand for Victims of Sex Trafficking*. Disponível em: http://www.uri.edu/artsci/wms/hughes/demand_for_victims.pdf

¹⁶⁰Lepp, A. (2010). Gender, racialisation and mobility: Human trafficking and the 2010 Vancouver Winter Olympic Games. *Alliance News*, 33, 47-51. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf

¹⁶¹Ham, J. & Napier-Moore, R. (2010, October). Shifting public anti-trafficking discourses through arts and the media. Paper presented at Forcing Issues: Re-thinking and Re-scaling Human Trafficking in the Asia-Pacific Region, National University of Singapore, Singapore.

¹⁶²Milivojevi, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>

¹⁶³Milivojevi, S. & Pickering, S. (2008). Football and sex: the 2006 FIFA World Cup and sex trafficking. *TEMIDA*, 21-47. Disponível em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-6637/2008/1450-66370802021M.pdf>

¹⁶⁴Nederstigt, F., Campello, R., & Almeida, L. (2007). Brazil. In GAATW (Ed.), *Collateral Damage: The Impact of Anti-Trafficking Measures on Human Rights Around the World*. Bangkok: GAATW. Disponível em: http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/CollateralDamage_BRAZIL.pdf

-
- ¹⁶⁵Dodillet, S. & stergren, P. (2011, March 3-4). The Swedish Sex Purchase Act: Claimed Success and Documented Effects. Conference paper presented at Decriminalizing Prostitution and Beyond: Practical Experiences and Challenges, The Hague, Netherlands. Disponível em: <http://www.petraostergren.com/upl/files/54259.pdf>
- ¹⁶⁶Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextrafficking2010games.pdf>
- ¹⁶⁷Sapa. (2010, March 4). World Cup trafficking exaggerated. Jacaranda FM. Disponível em: <http://www.jacarandafm.com/kagiso/content/en/jacaranda/jacaranda-news?oid=583277&sn=Detail&pid=6102&—World-Cuptrafficking-exaggerated—>
- ¹⁶⁸Harper, E., Massawe, D. & Richter, M. (2010). Report on the 2010 Soccer World Cup and Sex Work: Documenting Successes and Failures. FMSP Research Report. Johannesburg: Forced Migration Studies Programme (University of the Witwatersrand). Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/Report_on_the_2010_Soccer_World_Cup_and_Sex_Work_-_Documenting_Successes_and_Failures.pdf
- ¹⁶⁹Arthur, J. (2009, June 15). Facts and fictions about sex trafficking and Vancouver's 2010 Olympics. Georgia Straight. Available at: <http://www.straight.com/article-232537/joyce-arthur-facts-and-fictions-about-sex-trafficking-andvancouver-2010-olympics>
- ¹⁷⁰Ditmore, M. (2009). The Use of Raids to Fight Trafficking in Persons. New York, New York: Sex Workers Project. Retrieved April 23, 2010 from <http://www.sexworkersproject.org/downloads/swp-2009-raids-and-trafficking-report.pdf>
- ¹⁷¹Hames, C. (2009, October 21). Trafficking Isn't Just About Prostitution. *The Guardian*. Retrieved April 23, 2010 from <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2009/oct/21/trafficking-prostitution-migrants-labour>
- ¹⁷²Davies, N. (2009, October 20). Inquiry Fails to Find Single Trafficker who Forced Anybody into Prostitution. *The Guardian*. Retrieved April 23, 2010 from <http://www.guardian.co.uk/uk/2009/oct/20/government-trafficking-enquiry-fails>
- ¹⁷³Ban Ying. (2006, July 11). *Where are the 40,000? Statement on Trafficking during the World Cup*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/pageeng/start.htm>
- ¹⁷⁴Associated Press (2006, June 1), cited in Milivojevi, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: *Sporting_Events_17.10.2011_Chapters1-2.2.pm4d716/1/2555_8:39* Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>
- ¹⁷⁵Doward, J. (2011, April 10). London 2012 Olympics: Crackdown on brothels 'puts sex workers at risk'. *The Observer*. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/uk/2011/apr/10/brothel-crackdown-london-olympics-risk>
- ¹⁷⁶Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextrafficking2010games.pdf>
- ¹⁷⁷Richter, M. & Massawe, D. (2010). Did South Africa's soccer bonanza bring relief to sex workers in South Africa? The 2010 FIFA World Cup and the impact on sex work. *Agenda*, 85. Disponível em: <http://www.agenda.org.za/launch-ofagenda-no-85-2010-fifa-world-cup-gender-politics-and-sport/>

-
- ¹⁷⁸Howell, M. (2009, February 16). Police crackdown will increase HIV risk, say DTES groups. Vancouver Courier. Disponível em: <http://www2.canada.com/vancouvercourier/news/story.html?id=58a66791b3c544b6ae261a567d523902>
- ¹⁷⁹Sisonke. (2009, November 26-27). Sex workers' reflections on the 2010 Soccer World Cup. Presentation at Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ¹⁸⁰Thakali, T. & Bailey, C. (2010, June 19). No 'boom boom' for Joburg's sex workers. *IOL News*. Disponível em: <http://www.iol.co.za/sport/no-boom-boom-for-joburg-s-sex-workers-1.490629>
- ¹⁸¹Phillips, T. (2010, August 8). Rio prostitutes fret over facelift for World Cup and Olympics. *The Guardian*. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/aug/08/rio-prostitutes-fear-facelift-olympics>
- ¹⁸²Doward, J. (2011, April 10). London 2012 Olympics: Crackdown on brothels 'puts sex workers at risk'. *The Observer*. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/uk/2011/apr/10/brothel-crackdown-london-olympics-risk>
- ¹⁸³The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: TheFuture Group.
- ¹⁸⁴GAATW. (2010). *Beyond Borders: Exploring Links Between Trafficking and Migration*. GAATW Working Papers Series 2010. Disponível em: http://www.gaattw.org/publications/WP_on_Migration.pdf
- ¹⁸⁵La Strada International. (2010). *Questions and answers on La Strada International's Opinion on the FIFA World Cup 2010 and Human Trafficking*. Disponível em: <http://lastradainternational.org/>
- ¹⁸⁶Curry, J. (2006) cited in Arnold, C. (2006, June 13). *A red card for hype on World Cup trafficking story*. Project Hope International. Disponível em: <http://preventhumantrafficking.org/storage/article-downloads/RedCardForHype.pdf>
- ¹⁸⁷Milivojevi, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>
- ¹⁸⁸Milivojevi, S. (2008). Women's bodies, moral panic and the world game: Sex trafficking, the 2006 Football World Cup and beyond. Proceedings of the 2nd Australian & New Zealand Critical Criminology Conference, 19-20 June 2008. Sydney: Crime & Justice Research Network and the Australian and New Zealand Critical Criminology Network. Disponível em: <http://www.cjrn.unsw.edu.au/critcrimproceedings2008.pdf>
- ¹⁸⁹The Future Group. (2007). *Faster, higher, stronger: Preventing human trafficking at the 2010 Olympics*. Calgary: TheFuture Group.
- ¹⁹⁰Küchler, T. (2006, March 9). EU wants tighter visa rules to stymie World Cup sex trade. *EU Observer*. Disponível em: <http://euobserver.com/24/21090>
- ¹⁹¹Arnold, C. (2006, June 13). *A red card for hype on World Cup trafficking story*. Project Hope International. Disponível em: <http://preventhumantrafficking.org/storage/article-downloads/RedCardForHype.pdf>
- ¹⁹²Arnold, C. (2006, June 13). *A red card for hype on World Cup trafficking story*. Project Hope International. Disponível em: <http://preventhumantrafficking.org/storage/article-downloads/RedCardForHype.pdf>
- ¹⁹³Richter, M. & Gould, C. (2010, March 23). *The Need for Evidence to Assess Concerns About Human Trafficking During the 2010 World Cup*. Disponível em: http://www.iss.co.za/iss_today.php?ID=917

-
- ¹⁹⁴Shannon, E. (2010). Sex workers' rights and Olympic anti-trafficking rhetoric. *Alliance News*, 33, 27-31. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf
- ¹⁹⁵Prasad, N. & Rohner, B. (2006). *Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour*. Ban Ying. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>
- ¹⁹⁶Loewenberg, S. (2006). Fears of World Cup sex trafficking boom unfounded. *The Lancet*, 368 (8), 105-106.
- ¹⁹⁷Sapa. (2009, October 23). Human trafficking: Not enough awareness. *IOL News*. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/human-trafficking-not-enough-awareness-1.462525>
- ¹⁹⁸Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ¹⁹⁹Wyatt, B. (2010, July 10). Soccer fans shun hookers for art's sake. *CNN*. Disponível em: <http://edition.cnn.com>
- ²⁰⁰Rubin, M. (2009). *The offside rule: Women's bodies in masculinised spaces*. In U. Pillay, R. Tomlinson, & O. Bass (Eds.), *Development and dreams: The urban legacy of the 2010 football World Cup* (266-280). Cape Town: HSRC Press. 2010/SPORT/football/07/09/prostitute.gallery/index.html Disponível em: <http://www.hsrcpress.ac.za/product.php?productid=2259&freedownload=1>
- ²⁰¹Ozimek, J.F. (2010, October 7). Have hordes of sex workers snubbed the Commonwealth games? *The Register*. Disponível em: http://www.theregister.co.uk/2010/10/07/olympic_workers/
- ²⁰²Kotz, P. (2011, January 27). The Super Bowl prostitute myth: 100,000 hookers won't be showing up in Dallas. *Dallas Observer*. Disponível em: <http://www.dallasobserver.com/2011-01-27/news/the-super-bowl-prostitute-myth-100000-hookers-won-t-be-showing-up-in-dallas/>
- ²⁰³Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). *Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany*. IOM Migration Research Series, No. 29. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ²⁰⁴E.g. Abrams, L. (2009, July 16). *MPA Women and 2012 Olympics*. Disponível em: <http://www.mpa.gov.uk/committees/cep/2009/090716/09/>; Goldsmith, J.E. (2010, June 14). Olympics 2012: Visitors or victims? *Open Democracy*. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/jane-esuantsiwa-goldsmith/olympics-2012-visitors-or-victims>; Magnay, J. (2010, March 27). London 2012 Olympics: vice girls hope to strike gold. *The Telegraph*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/news/7529528/London-2012-Olympics-vice-girls-hope-to-strike-gold.html>; Tandler, S. (2007, March 24). Sex trafficking and illegal workers threaten Olympics. *The Times*. Disponível em: <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/crime/article1560555.ece>
- ²⁰⁵La Strada International. (2010). *Questions and answers on La Strada International's Opinion on the FIFA World Cup 2010 and Human trafficking*. Disponível em: <http://lastradainternational.org/lisidocs/Q%20&%20A%20human%20trafficking%20and%20FIFA%20WORLD%20CUP%202010.pdf>
- ²⁰⁶Lepp, A. (2010). Gender, racialisation and mobility: Human trafficking and the 2010 Vancouver Winter Olympic Games. *Alliance News*, 33, 47-51. Disponível em: http://www.gaatw.org/publications/Alliance%20News/Alliance_News_July_2010.pdf

-
- ²⁰⁷ Richardson, S. (ed.). “*One Year of My Blood*”: *Exploitation of Migrant Construction Workers in Beijing*. Human RightsWatch, 20 (3). Retrieved April 23, 2010 from <http://www.hrw.org/reports/2008/03/11/one-year-my-blood-0>
- ²⁰⁸ Disponível em: http://www.ituc-csi.org/IMG/pdf/VS_QatarEN_final.pdf
- ²⁰⁹ Canada Line foreign workers treated unfairly, tribunal rules. (2008, December 3). *CBC News*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/canada/british-columbia/story/2008/12/03/bc-canada-line-workers.html>
- ²¹⁰ The British Columbia and Yukon Territory Building and Construction Trades Council. (2008, December 3). *Human rights tribunal favours Latin American Canada Line workers [media advisory]*. Disponível em: <http://www.bcbuildingtrades.org/pages/pressreleases.asp?Action=View&ID=120>
- ²¹¹ International Labour Rights Forum. (2010). *Missed the Goal for Workers: The Reality of Soccer Ball Stitchers in Pakistan, India, China and Thailand*. Washington, D.C.: ILRF. Disponível em: <http://www.laborrights.org/stop-childforced-labor/foulball-campaign/resources/12331>
- ²¹² International Textile, Garment, Leather Workers’ Federation. (2011). *An Overview of Working Conditions in Sportswear Factories in Indonesia, Sri Lanka & the Philippines*. Disponível em: <http://www.itglwf.org/lang/en/documents/ITGLWFSportswearReport2011.pdf>
- ²¹³ PlayFair. (2008). *No medal for the Olympics on labour rights*. Disponível em: http://www.playfair2008.org/docs/playfair_2008-report.pdf
- ²¹⁴ <http://www.playfair2008.org/>
- ²¹⁵ Debroux, M. (2011, March 31). *A Sporting Chance for Workers: Launch of the Play Fair Campaign in Brazil*. Disponível em: <http://www.ituc-csi.org/a-sporting-chance-for-workers.html>
- ²¹⁶ E.g. Brown, C. (2008, July 5). Football chiefs to tackle hidden trade in Africa’s children. *The Independent*. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/football-chiefs-to-tackle-hidden-trade-in-africaschildren-860504.html> (2007, October 4). Tackling the trafficking of young footballers in France. *Association Internationale de la Presse Sportive (International Sports Press Association)*. Disponível em: <http://www.aipsmedia.com/index.php?page=news&cod=1541&tp=n&allcomm=1>
- McDougall, D. (2008, January 6). The scandal of Africa’s trafficked players. *The Observer*. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/football/2008/jan/06/newsstory.sport4> (2011, August 18). FIFA cites progress in curbing youth ‘trafficking’. *Associated Press*. Disponível em: <http://sports.yahoo.com/soccer/news?slug=ap-fifa-teenagetransfers>
- ²¹⁷ Laiboni, N. (2010, March 8). Safe Migration for Kenyan Athletes and Other Migrants. *Kenya Imagine*. Disponível em: http://www.kenyaimagine.com/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=3431
- ²¹⁸ Arthur, J. (2009, June 15). Facts and fictions about sex trafficking and Vancouver’s 2010 Olympics. *Georgia Straight*. Available at: <http://www.straight.com/article-232537/joyce-arthur-facts-and-fictions-about-sex-trafficking-andvancouvers-2010-olympics>
- ²¹⁹ GAATW. (2008). *Report of the GAATW European Regional Consultation - Centring the Rights of Trafficked Persons in a Changing Environment: Addressing the Challenges Together*, Vienna, Austria, 24-26 October 2008
- ²²⁰ United Nations Office of the High Commissioner for Human Rights. (2002). *Recommended Principles and Guidelines on Human Rights and Human Trafficking*. Disponível em: <http://www.ohchr.org/Documents/Publications/Traffickingen.pdf>

-
- ²²¹United Nations Office of the High Commissioner for Human Rights. (2010). *Recommended Principles and Guidelines on Human Rights and Human Trafficking: Commentary*. Geneva: OHCHR. Disponível em: http://www.ohchr.org/Documents/Publications/Commentary_Human_Trafficking_en.pdf
- ²²²Also see GAATW (Ed.). (2007). *Collateral Damage: The Impact of Anti-Trafficking Measures on Human Rights Around the World*. Bangkok: GAATW. Disponível em: http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/singlefile_CollateralDamagefinal.pdf
- ²²³Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ²²⁴Brazilian Observatory of Human Trafficking. (2011, August). *texto copa 2014 observatorio*
- ²²⁵GAATW (Ed.). (2007). *Collateral Damage: The Impact of Anti-Trafficking Measures on Human Rights Around the World*. Bangkok: GAATW. Disponível em: http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/singlefile_CollateralDamagefinal.pdf
- Hodson, J. (2009, September 25). Anti-sex trafficking campaign slammed. *Metro Vancouver*. Disponível em: <http://www.metronews.ca/vancouver/local/article/321370—anti-sex-trafficking-campaign-slammed>
- ²²⁶Hodson, J. (2009, September 25). Anti-sex trafficking campaign slammed. *Metro Vancouver*. Disponível em: <http://www.metronews.ca/vancouver/local/article/321370—anti-sex-trafficking-campaign-slammed>
- ²²⁷Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>
- ²²⁸Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>
- ²²⁹Harper, E., Massawe, D. & Richter, M. (2010). Report on the 2010 Soccer World Cup and Sex Work: Documenting Successes and Failures. *FMSP Research Report*. Johannesburg: Forced Migration Studies Programme (University of the Witwatersrand). Available online at: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/Report_on_the_2010_Soccer_World_Cup_and_Sex_Work_-_Documenting_Successes_and_Failures.pdf
- ²³⁰Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa.
- Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²³¹Harper, E., Massawe, D. & Richter, M. (2010). Report on the 2010 Soccer World Cup and Sex Work: Documenting Successes and Failures. *FMSP Research Report*. Johannesburg: Forced Migration Studies Programme (University of the Witwatersrand). Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/Report_on_the_2010_Soccer_World_Cup_and_Sex_Work_Documenting_Successes_and_Failures.pdf
- ²³²La Strada International. (2010). *Questions and answers on La Strada International's Opinion on the FIFA World Cup 2010 and Human Trafficking*. Disponível em: <http://lastradainternational.org/lsidocs/Q%20&%20A%20human%20trafficking%20and%20FIFA%20WORLD%20CUP%202010.pdf>

-
- ²³³(2009, May 18). Vancouver sex workers to get media training prior to Winter Olympics. *CBC News*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/05/18/bc-sex-worker-training.html>
- ²³⁴(2009, May 18). Vancouver sex workers to get media training prior to Winter Olympics. *CBC News*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/05/18/bc-sex-worker-training.html>
- ²³⁵Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextrafficking2010games.pdf>
- ²³⁶La Strada International. (2010). *Questions and answers on La Strada International's Opinion on the FIFA World Cup 2010 and Human Trafficking*. Disponível em: <http://lastradainternational.org/lisidocs/Q%20&%20A%20human%20trafficking%20and%20FIFA%20WORLD%20CUP%202010.pdf>
- ²³⁷Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²³⁸ See <http://www.frauenhandeleuro08.ch/en/home/>
- ²³⁹GAATW. (2008). *Report of the GAATW European Regional Consultation - Centring the Rights of Trafficked Persons in a Changing Environment: Addressing the Challenges Together*, Vienna, Austria, 24-26 October 2008
- ²⁴⁰ <http://www.verantwortlicherfreier.ch/en/index.html>
- ²⁴¹ Disponível em: <http://tradesecretsguide.blogspot.com/search/label/For%20Our%20Clients>
- ²⁴²Loewenberg, S. (2006). Fears of World Cup sex trafficking boom unfounded. *The Lancet*, 368 (8), 105-106.
- ²⁴³ Or *Handeln gegen Zwangsprostitution* by Diakonie, affiliated with the Protestant Church in Germany (IOM)
- ²⁴⁴ See www.stoppt-zwangsprostitution.de
- ²⁴⁵ Hennig, J., Craggs, S., Laczko, F., & Larsson, F. (2007). Trafficking in human beings and the 2006 World Cup in Germany. *IOM Migration Research Series, No. 29*. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/serial_publications/mrs29.pdf
- ²⁴⁶FIRST. (2009, September 24). *Rights Not Rescue: An Open Letter to the Salvation Army*. Disponível em: <http://www.firstadvocates.org/rights-not-rescue-open-letter-salvation-army>
- ²⁴⁷ PIVOT Legal Society. (2009, September 24). *Advocacy groups denounce Salvation Army's human trafficking campaign*. Disponível em: http://www.pivotlegal.org/News/09-09-24—Salvation_Army_campaign.html
- ²⁴⁸ (2009, September 24). Human-trafficking fight draws criticism. *CBC News*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/09/24/bc-salvation-army-sex-trafficking.html>
- ²⁴⁹Loewenberg, S. (2006). Fears of World Cup sex trafficking boom unfounded. *The Lancet*, 368 (8), 105-106
- ²⁵⁰Prasad, N. & Rohner, B. (2006). Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour. *Ban Ying*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>

-
- ²⁵¹ Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²⁵² Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission. (2006). *Opinion of the Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission In Connection with the World Football Cup 2006 in Germany and the Related Assumption of Increased Trafficking Activities Around this Event*. Disponível em: http://lastradainternational.org/lsidocs/350%20opinion_expert_group_WorldCup.pdf
- ²⁵³ Prasad, N. & Rohner, B. (2006). Dramatic increase in forced prostitution? The World Cup and the consequences of an unscreened rumour. *Ban Ying*. Disponível em: <http://www.ban-ying.de/downloads/Worldcup&Trafficking.pdf>
- ²⁵⁴ Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission. (2006). *Opinion of the Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission In Connection with the World Football Cup 2006 in Germany and the Related Assumption of Increased Trafficking Activities Around this Event*. Disponível em: http://lastradainternational.org/lsidocs/350%20opinion_expert_group_WorldCup.pdf
- ²⁵⁵ Richter, M. & Monson, T. (2010). Human trafficking & migration. *Migration Issue Brief 4*. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/reports/2010/FMSP_Migration_Issue_Brief_4_Trafficking_June_2010_doc.pdf
- ²⁵⁶ E.g. Richter, M. & Gould, C. (2010, March 23). *The Need for Evidence to Assess Concerns About Human Trafficking During the 2010 World Cup*. Disponível em: http://www.iss.co.za/iss_today.php?ID=917 Ditmore, M. (ed.). (2005). Sex work and law enforcement. *Research for Sex Work*, 8. Disponível em: <http://www.nswp.org/sites/nswp.org/files/research-for-sex-work-8-english.pdf>; van Beelen, N. & Rakhmetova, A. (2010). Sex work and violence. *Research for Sex Work*, 12. Disponível em: http://www.nswp.org/sites/nswp.org/files/research-for-sex-work-12-english-russian_0.pdf; Crago, A-L. (2009). *Arrest the Violence: Human Rights Violations Against Sex Workers in 11 Countries in Central and Eastern Europe and Central Asia*. Sex Workers' Rights Advocacy Network (SWAN). Disponível em: http://www.soros.org/initiatives/health/focus/sharp/articles_publications/publications/human-rights-violations-20091217/arrestviolence-20091217.pdf
- ²⁵⁷ Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf
- ²⁵⁸ Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²⁵⁹ Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Available online at: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf
- ²⁶⁰ Richter, M. (2009, November 26-27). *Sex work and the 2010 FIFA World Cup: Time for public health imperatives to prevail*. Presentation at *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²⁶¹ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry

Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>

²⁶² Richter ML, Chersich MF, Scorgie F, Luchters S, Temmerman M, Steen R. Sex work and the 2010 FIFA World Cup: time for public health imperatives to prevail. *Globalization and Health* 2010; 6: 1-6.

²⁶³ Toynebee Hall. (2009, September 29). *Prostitution and the Olympics Summit*. Disponível em: www.toynebeehall.org.uk/core/core_picker/download.asp?id=2007

²⁶⁴ Drummond, K. (2010, March 3). Vancouver sex workers had 'an amazing two weeks'. *AOL News*. Disponível em: <http://www.aolnews.com/2010/03/03/vancouver-sex-workers-had-an-amazing-two-weeks/>

²⁶⁵ Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em: http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf

²⁶⁶ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>

²⁶⁷ Gould, C. (2010). Human trafficking and the World Cup: How big is the threat? *ISS News* (website). Disponível em: http://www.iss.co.za/iss_today.php?ID=953

²⁶⁸ (2009, June 11). 2010 Games won't bring surge of sex trafficking: study. *CBC News*. Disponível em: <http://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/story/2009/06/11/bc-olympics-sex-workers.html>

²⁶⁹ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>

²⁷⁰ Richter ML, Chersich MF, Scorgie F, Luchters S, Temmerman M, Steen R. Sex work and the 2010 FIFA World Cup: time for public health imperatives to prevail. *Globalization and Health* 2010; 6: 1-6.

²⁷¹ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em: <http://www.straight.com/files/pdf/sextraff2010games.pdf>

²⁷² World AIDS Campaign. (2010). *Sex Work and the Law: The Case for Decriminalisation*. Disponível em: <http://www.nswp.org/sites/nswp.org/files/Sex%20Work%20&%20the%20Law.pdf>

²⁷³ New Zealand Government. (2008). *Report of the Prostitution Law Review Committee on the Operation of the Prostitution Reform Act 2003*. Wellington: Ministry of Justice. Disponível em: <http://www.chezstella.org/docs/NZProstitutionLawReview.pdf>

²⁷⁴ World AIDS Campaign. (2010). *Sex Work and the Law: The Case for Decriminalisation*. Disponível em: <http://www.nswp.org/sites/nswp.org/files/Sex%20Work%20&%20the%20Law.pdf>

²⁷⁵ i.e. Sections 210-213 of the Canadian Criminal Code. For more information, see <http://laws-ois.justice.gc.ca/eng/acts/C-46/>

²⁷⁶ Richter, M. & Delva, W. (2010). "Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa. Johannesburg: UNFPA. Disponível em: http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf

-
- ²⁷⁷ Mai, N. (2010). *Migrant Workers in the UK Sex Industry: Final Policy-Relevant Report*. Disponível em:
<http://www.londonmet.ac.uk/fms/MRSite/Research/iset/Migrant%20Workers%20in%20the%20UK%20Sex%20Industry%20Policy-Relevant%20Findings2.pdf>
- ²⁷⁸ Farmer, S. (2011, June 11). *Sheila Farmer's speech at Slutwalk*. Disponível em:
http://www.prostitutescollective.net/Sheila_Farmer_speech_Slutwalk_London.htm
- ²⁷⁹ New Zealand Government. (2008). *Report of the Prostitution Law Review Committee on the Operation of the Prostitution Reform Act 2003*. Wellington: Ministry of Justice. Disponível em: <http://www.chezstella.org/docs/NZProstitutionLawReview.pdf>
- ²⁸⁰ New Zealand Prostitutes Collective (NZPC). (2009, November 26-27). *New Zealand's legal framework in relation to sex work*. Presentation at *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em:
http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²⁸¹ Woodward, C. & Fischer, J. (2005). Regulating the world's oldest profession: Queensland's experience with a regulated sex industry. *Research for Sex Work*, June, 16-18. Disponível em: <http://www.nswp.org/sites/nswp.org/files/research-for-sex-work-8-english.pdf>
- ²⁸² Disponível em: http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/singlefile_CollateralDamagefinal.pdf
- ²⁸³ Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission. (2006). *Opinion of the Expert Group on Trafficking in Human Beings of the European Commission In Connection with the World Football Cup 2006 in Germany and the Related Assumption of Increased Trafficking Activities Around this Event*. Disponível em:
http://lastradainternational.org/lisidocs/350%20opinion_expert_group_WorldCup.pdf
- ²⁸⁴ Bowen & Shannon Frontline Consulting. (2009). *Human Trafficking, Sex Work Safety and the 2010 Games: Assessments and recommendations*. Vancouver: Sex Industry Worker Safety Action Group (SIWSAG). Disponível em:
<http://www.straight.com/files/pdf/sextraffick2010games.pdf>
- ²⁸⁵ Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT) & South African National AIDS Council (SANAC). (2009, November 26-27). *Consultation on HIV/AIDS, Sex Work and the 2010 Soccer World Cup*, Cape Town, South Africa. Disponível em:
http://www.womensnet.org.za/sites/womensnet.org.za/files/resources/Consult_Meet_Report_2009.pdf
- ²⁸⁶ Richter, M. & Delva, W. (2010). *"Maybe it will be better once this World Cup has passed": Research findings regarding the impact of the 2010 Soccer World Cup on sex work in South Africa*. Johannesburg: UNFPA. Disponível em:
http://www.migration.org.za/sites/default/files/sweat_report.pdf
- ²⁸⁷ E.g. veja GAATW. (2007). *Collateral Damage: The Impact of Anti-Trafficking Measures on Human Rights Around the World*. Bangkok: GAATW. Disponível em:
http://www.gaatw.org/Collateral%20Damage_Final/singlefile_CollateralDamagefinal.pdf